

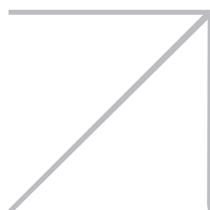
Pesquisa Nacional sobre o Bullying no Ambiente Educacional Brasileiro (2024)





Pesquisa Nacional sobre o Bullying no Ambiente Educacional Brasileiro

(2024)



As experiências de estudantes nos ambientes educacionais, com especial atenção a adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (LGBTI+).



 plano **cde**



Pesquisa nacional sobre o bullying no ambiente educacional brasileiro (2024) [livro eletrônico] / [Aliança Nacional LGBTI+]. -- Curitiba, PR : IBSEX, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-986728-1-2

1. Ambiente escolar 2. Bullying nas escolas
3. Cidadania 4. Direitos humanos 5. Inclusão escolar I. Aliança Nacional LGBTI.

Ficha Técnica

REALIZAÇÃO

Aliança Nacional LGBTI+



:: Direção Executiva

Toni Reis *_Diretor Presidente*

Rafaelly Wiest da Silva *_Diretora Administrativa*

Patrícia Mannaro *_Secretária Geral*

Cláudio Nascimento Silva *_Diretor de Políticas Públicas*

:: Coordenação da Área de Educação

Gabriel Santinelli Felipe Godoy

Jaime Farias Dresch

Alcimar Silva de Queiroz

:: Coordenação da Área de Pesquisa

Gabriel Santinelli Felipe Godoy

:: Coordenação da Área de Comunicação

João Pedro Pereira Cordeiro

APOIO

Instituto Unibanco

:: Superintendente Executivo

Ricardo Henriques

:: Gerentes

Mirela de Carvalho

Núbia Freitas Silva Souza

Ricardo Madeira

Tiago Borba



:: Coordenação de Pesquisa e Avaliação

Fabiana Bento
Fabiana Souza
Fábio Rocha
Fernando Marques
Raquel Souza dos Santos (coord.)
Victoria Jaeger

:: Coordenação de Comunicação

Alan Ary Meguerditchian
André Souza Corrêa (coord.)
Carolina Fernandes
Fabiana Hiromi
Fernanda Aoki

PARCEIRO TÉCNICO

Plano CDE

:: Direção Executiva

Maurício Almeida Prado

:: Direção e Planejamento de Pesquisa

Breno Barlach – Diretor de Pesquisa
Rafael Camelo – Diretor de Avaliação e Planejamento

:: Coordenação e elaboração

Amanda Frei Bontempi
Kauanny Caires Oliveira



Sumário



:: Lista de tabelas e figuras	(08)
:: Resumo executivo	(13)
:: Introdução	(21)
:: Métodos e amostra	(24)
:: Parte 1: Percepções sobre a segurança nas instituições de ensino	(28)
:: Insegurança e situações discriminatórias	
:: Perfis de estudantes percebidos como mais vitimizados por <i>bullying</i> e violência	
:: Parte 2: <i>Bullying</i> e violência no ambiente educacional	(38)
:: Parte 3: Redes de apoio	(47)
:: Sofrimento por <i>bullying</i> e busca por apoio	
:: Relações interpessoais e vínculos de confiança	
:: Demandas por apoio e acolhimento	
:: Visibilidade da comunidade LGBTI+ em atividades educacionais	
:: Parte 4: Insegurança no Ambiente Educacional e Risco de Evasão	(64)
:: Desafios de permanência na instituição de ensino e aspirações de futuro	
:: Impactos do contexto de <i>bullying</i> e violência na saúde mental de estudantes pertencentes à comunidade LGBTI+	
:: Recomendações	(77)
:: Considerações finais	(80)
:: Glossário	(83)
:: Referências	(90)

Central de Atendimento Aliança Nacional LGBTI+

O objetivo da Central de Atendimento Aliança Nacional LGBTI+ é garantir que todas as pessoas que buscam assistência recebam o suporte necessário de forma eficaz e adequada.

Todas as solicitações recebidas serão submetidas a um processo de triagem realizado pela equipe jurídica e de Serviço Social. Durante a triagem, a equipe avaliará cuidadosamente cada situação relatada, levando em consideração os aspectos legais e sociais envolvidos.

As possibilidades de encaminhamento são:

- :: Atendimento social;
- :: Atendimento jurídico.

Uma vez definido o encaminhamento apropriado, são fornecidas as orientações necessárias para ajudar a pessoa da melhor maneira possível.

Se você tiver alguma dúvida ou precisar de mais informações sobre o processo de triagem e encaminhamento, não hesite em entrar em contato pelo formulário a seguir: <https://aliancalgbti.org.br/central-de-atendimento-lgbti/>



Lista de Tabelas e Figuras



*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



Figura 1: Há quanto tempo os(as) estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) no ambiente educacional (estudantes LGBTI+)	_31
Figura 2: Razões pelas quais os(as) estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) nas instituições de ensino – recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)	_32
Figura 3: Razões pelas quais os(as) estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) nas instituições de ensino – recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)	_33
Figura 4: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo respondentes (estudantes LGBTI+)	_36
Figura 5: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo os(as) respondentes - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)	_37
Figura 6: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo os(as) respondentes - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)	_37
Figura 7: Porcentagem de estudantes que sofreram agressões verbais no ano letivo referência (estudantes LGBTI+)	_41
Figura 8: Frequência com que os(as) jovens relatam ter sofrido agressões verbais nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)	_41
Figura 9: Frequência com que os(as) jovens relatam ter presenciado outros(as) estudantes sofrerem agressões verbais nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)	_42
Figura 10: Porcentagem de jovens que relatam ter sofrido agressões físicas nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)	_42
Figura 11: Gatilhos apontados como razões para terem sofrido agressões físicas ao longo de 2024 - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)	_43
Figura 12: Gatilhos apontados como razões para terem sofrido agressões físicas ao longo de 2024 - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)	_44
Figura 13: Frequência que os(as) estudantes relatam terem sofrido assédio sexual nas instituições de ensino (estudantes LGBTI+)	_45

- Figura 14:** Frequência que os(as) estudantes relatam terem sofrido *cyber-bullying* por parte de colegas da instituição de ensino (estudantes LGBTI+) _45
- Figura 15:** Agressores(as) mencionados(as) por vítimas de comentários ofensivos, *bullying* ou LGBTIfobia nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)
- Figura 16:** Frequência com que estudantes denunciaram/contaram a alguém sobre os incidentes de agressão ou violência sofridos ao longo de 2024 - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+ que sofreram agressão ou *bullying*)
- Figura 17:** Pessoa com quem os(as) estudantes vítimas de incidentes conversaram sobre a agressão ou violência sofrida - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+ que sofreram agressões e delataram a alguém) _51
- Figura 18:** Percepção dos(as) estudantes sobre as providências tomadas por agentes da instituição de ensino após denunciar o incidente sofrido internamente (estudantes LGBTI+ que sofreram agressões e delataram a alguém que atua na instituição de ensino) _51
- Figura 19:** Declaração dos(as) estudantes sobre sua rede de amizades na instituição de ensino - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) _53
- Figura 20:** Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais (estudantes LGBTI+) _54
- Figura 21:** Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) _54
- Figura 22:** Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+) _55
- Figura 23:** Declaração dos(as) estudantes sobre se gostariam de conversar com alguém sobre suas inseguranças (estudantes LGBTI+) _56
- Figura 24:** Declaração dos(as) estudantes sobre se gostariam de conversar com alguém sobre inseguranças em temas que envolvem a comunidade LGBTI+ - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) _57
- Figura 25:** Pessoas com quem os(as) estudantes LGBTI+ com interesse em falar sobre suas inseguranças em relação às temáticas LGBTI+ conversariam (estudantes LGBTI+) _58

- Figura 26:** Pessoas com quem os(as) estudantes LGBTI+ negros(as) (pessoas pretas e pardas) com interesse em falar sobre suas inseguranças em temas étnico raciais conversariam (estudantes LGBTI+) **_58**
- Figura 27:** Porcentagem de estudantes que possuem profissionais de psicologia ou assistentes sociais nas instituições de ensino - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+) **_59**
- Figura 28:** Frequência com que profissionais de psicologia ou assistentes sociais estão disponíveis nas instituições de ensino que contam com esse tipo de profissional - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+) **_60**
- Figura 29:** Avaliação dos(as) estudantes sobre a possibilidade de acesso aos profissionais de psicologia ou assistência social nas instituições de ensino - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+) **_60**
- Figura 30:** Porcentagem de estudantes que participaram de atividades educacionais sobre *bullying* e violência educacional (estudantes LGBTI+) **_61**
- Figura 31:** Frequência com que os(as) estudantes participaram de atividades educacionais envolvendo temáticas LGBTI+ (estudantes LGBTI+) **_62**
- Figura 32:** Frequência com que os(as) estudantes participaram de atividades educacionais envolvendo temáticas étnico raciais (estudantes LGBTI+) **_62**
- Figura 33:** Sensação de conforto dos(as) estudantes em participar de discussões e conversas em sala de aula que abordem as temáticas LGBTI+ (estudantes LGBTI+) **_63**
- Figura 34:** Desempenho educacional declarado pelos(as) estudantes em relação ao ano letivo de 2024 (estudantes LGBTI+) **_67**
- Figura 35:** Nível de educação mais alto que os(as) estudantes acreditam que irão alcançar - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_67**
- Figura 36:** Tipo de instituição de ensino superior onde os(as) estudantes acreditam serem capazes de ingressar (estudantes LGBTI+) **_68**
- Figura 37:** Frequência com que os(as) estudantes deixaram de ir para a instituição de ensino no último mês de referência por conta de alguma insegurança - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_69**
- Figura 38:** Frequência com que os(as) estudantes deixaram de ir para a instituição de ensino no último mês de referência por conta de alguma insegurança - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+) **_70**

Figura 39: Porcentagem de estudantes que já consideraram abandonar a instituição de ensino - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_70**

Figura 40: Porcentagem de estudantes que já consideraram abandonar a instituição de ensino - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+) **_71**

Figura 41: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência (estudantes LGBTI+) **_72**

Figura 42: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_73**

Figura 43: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_74**

Figura 44: Percepção dos(as) jovens sobre si mesmos(as) (estudantes LGBTI+) **_75**

Figura 45: Percepção dos(as) jovens sobre si mesmos(as) - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+) **_76**

Resumo Executivo



*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



2.1 INTRODUÇÃO

A Aliança Nacional LGBTI+ é uma organização da sociedade civil que atua na defesa dos direitos da população LGBTI+ em todo o Brasil. Em parceria com o Instituto Unibanco e com o apoio técnico da Plano CDE, a Aliança Nacional LGBTI+ desenvolveu, ao longo de 2024, a Pesquisa Nacional sobre o Bullying no Ambiente Educacional Brasileiro (2024), com o objetivo de compreender as experiências de estudantes, especialmente adolescentes e jovens LGBTI+, nas instituições de ensino. A pesquisa investigou temas como a percepção de segurança, as vivências de *bullying*, violências e discriminações, questões sobre saúde mental e as redes de apoio dessas(as) estudantes.

Entre agosto de 2024 e janeiro de 2025, um questionário foi disponibilizado em ambiente virtual, sendo empreendido um intenso processo de mobilização online para que estudantes, de diferentes regiões do país, compartilhassem suas percepções e experiências. Por meio destas estratégias, foi possível alcançar um universo de 1.349 participantes, de todos os estados do país. Essa foi uma amostra por conveniência, cujo critério de participação foi da disponibilidade e interesse dos(as) adolescentes e jovens. A Aliança Nacional LGBTI+ e seus parceiros têm clareza sobre as limitações dessa metodologia, como os limites de representatividade estatística da população e de generalização dos resultados. Por outro lado, também sabe que é necessário enfrentar os limites de um cenário marcado pelo recrudescimento de um discurso conservador e pelas tentativas de silenciamento da agenda de diversidade e justiça social.

Com intuito de focalizar exclusivamente na população LGBTI+ nas instituições de ensino, para efeitos deste relatório, foram mobilizadas exclusivamente os dados deste subconjunto de respostas, totalizando assim 1.170 respondentes, o que inclui diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Fazem parte dessa comunidade pessoas cisgênero (cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento), transgênero (que se identificam com um gênero diferente daquele atribuído ao nascer), intersexo (com variações biológicas nas características sexuais), além de quem se identifica com outro gênero ou ainda está se descobrindo.

Para efeitos deste relatório, que coloca luz sobre a experiência da população LGBTI+, foram suprimidas as respostas de estudantes que não se enquadravam dentro do perfil pretendido.

2.2 PERCEPÇÕES SOBRE A SEGURANÇA NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

As instituições de ensino foram amplamente reconhecidas pelos(as) estudantes LGBTI+ como um lugar inseguro, em razão de situações discriminatórias.

Embora a percepção seja quase unânime, as análises com enfoque em subgrupos dentro da comunidade LGBTI+ sugerem que as experiências no ambiente educacional podem ser atravessadas por interseccionalidades entre identidade de gênero e questões raciais:

∴ 86% dos(as) respondentes LGBTI+ alegaram sentir insegurança na instituição de ensino em razão de alguma característica sua.

Entre jovens trans/travestis, a proporção aumenta em sete pontos percentuais, para 93% (Figura 1).

:: Expressão de gênero (86%), aparência (80%) e o julgamento de terceiros sobre terem alguma deficiência (30%) foram os fatores geradores de insegurança citados mais frequentemente por pessoas trans (Figura 2)

:: Entre negros(as), destacam-se a violência urbana na instituição de ensino ou no trajeto até ela (36%) e a raça (24%) como fatores geradores de insegurança (Figura 3).

A investigação sobre os subgrupos percebidos pelos(as) estudantes como alvo de discriminação no ambiente educacional sugere que **pessoas com características que destoam da cisheteronormatividade são percebidas como as mais vitimizadas, reforçando a ideia de que as instituições de ensino ainda representam um espaço de reprodução de estigmas e exclusões sociais**. Segundo o relato dos(as) respondentes, a instituição de ensino seria um ambiente pouco ou nada seguro para (Figura 4):

:: Pessoas trans/ travestis (67%);

:: Meninos que não se encaixam nos padrões de masculinidade (59%);

:: Estudantes gays, lésbicas, bissexuais ou assexuais (49%);

:: Meninas que não se encaixam no padrão de feminilidade (40%).

2.3 BULLYING E VIOLÊNCIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

A pesquisa teve como base uma definição ampliada de *bullying*, conforme estabelecido na Lei nº 13.185/2015 e corroborado pela Lei nº 14.811/2024, que o caracteriza como “intimi-

dação sistemática, por meio de violência física ou simbólica, por meio de atos de intimidação, humilhação ou discriminação”.

Ao investigar situações de *bullying* e violência experienciadas e presenciadas pelos(as) estudantes LGBTI+ na instituição de ensino, nota-se que **as ocorrências no ambiente educacional tendem a refletir e reproduzir preconceitos e desigualdades estruturais na sociedade, notadamente LGBTIfobia e racismo**.

Agressões verbais

:: **90% dos(as) estudantes LGBTI+ entrevistados(as) afirmaram ter sido vítimas de algum tipo de agressão verbal em 2024 (Figura 7).**

:: Comentários LGBTIfóbicos direcionados à orientação sexual (83%) e à não conformidade com padrões “tradicionais” de masculinidade e feminilidade (79%) são as agressões mais frequentes contra membros da comunidade, no geral (Figura 8).

Violências físicas

:: 34% dos(as) estudantes LGBTI+ entrevistados(as) afirmaram terem sido vítimas de violências físicas em 2024 (Figura 10).

:: **Expressão de gênero (20%), orientação sexual (20%) e aparência (19%) foram fatores mais mencionados como supostos gatilhos para a violência sofrida (Figura 12).**

Estudantes trans

:: 38% das pessoas trans/travestis alegaram ter sofrido violências físicas em 2024 – sete pontos percentuais a mais em relação aos seus pares cis (31%) (Figura 10).

:: Expressão de gênero (28%) e identidade de gênero (28%) foram fatores mais frequentemente associados às violências sofridas por jovens trans (Figura 12).

:: Estudantes trans mencionaram mais motivos para terem sofrido a violência (0,7 por pessoa, em média) do que seus pares cis (média de 0,1) (Figura 12).

Estudantes negros(as)

:: 38% dos(as) estudantes negros(as) relataram terem sido vítimas de violências físicas em 2024 – dez pontos percentuais a mais em relação aos seus pares brancos(as) (29%) (Figura 10).

:: Eles(as) também mencionaram mais motivos para ter sofrido a violência (0,4 em média) do que os(as) respondentes brancos(as) (0,2 em média) (Figura 12).

Assédio sexual

:: 34% dos estudantes LGBTI+ já sofreram assédio sexual no ambiente educacional, sendo que 5% sofreram de forma recorrente – ou seja, mais de uma vez (Figura 13).

Cyberbullying

:: 31% dos(as) jovens LGBTI+ afirmaram terem sido vítimas de assédio ou ameaças via telefone, internet ou redes sociais em 2024 (Figura 14).

Agressores(as)

A pesquisa também indica a **possibilidade de despreparo, por parte das instituições de ensino dos(as) respondentes, em tornar o ambiente educacional um lugar democrático e inclusivo, uma vez que educadores(as)**

estão entre os principais agressores(as) aponta-dos pelos(as) estudantes.

Embora outros(as) estudantes (97%) tenham sido os(as) principais agressores(as) identificados(as) pelos(as) respondentes, docentes da instituição de ensino foram o segundo tipo de agressor mais mencionado (35%) (Figura 15).

2.4 REDES DE APOIO

Compreender a forma como jovens LGBTI+ vivenciam experiências e de que formas acessam redes de apoio e vínculos de confiança torna-se central para pensar estratégias de enfrentamento e acolhimento em situações de *bullying* e violência no ambiente educacional. **Os resultados da pesquisa apontam para um cenário de desamparo, em que a maioria dos(as) jovens entrevistados(as) enfrenta as situações discriminatórias em solidão, ou conta somente com amigos(as). Além disso, aqueles(as) que relatam situações discriminatórias à instituição de ensino costumam perceber as respostas institucionais como ineficazes.**

:: 39% dos(as) estudantes que já sofreram *bullying* alegaram nunca terem conversado com alguém sobre a situação ocorrida; 44% buscaram conversar com amigos(as), enquanto uma parcela pequena buscou familiares (10%) (Figura 16).

:: Somente 31% buscaram apoio em algum(a) representante da instituição de ensino (gestão escolar, docentes e/ou outros profissionais). Entre estes, 69% relatam que nenhuma providência foi tomada pela instituição.

Entre aqueles(as) que relataram alguma ação por parte da instituição de ensino, 86% avaliaram as medidas como pouco ou nada eficazes (Figura 18).

Diante da notável importância dos vínculos de amizade entre as redes de apoio desses(as) jovens, cabe destacar que 70% dos(as) estudantes LGBTI+ afirmaram ter ‘algumas amigas’ na instituição de ensino” (Figura 19).

:: A análise entre subgrupos sugere, porém, que a identidade de gênero trans pode estar relacionada a maiores barreiras na formação de vínculos de amizade no ambiente educacional: somente 14% dos(as) estudantes trans relataram ter ‘muitas amigas’ na instituição de ensino – 12 pontos percentuais a menos em relação aos(as) seus pares cisgênero (26%) (Figura 19).

A presença de vínculos afetivos limitados no espaço educacional ajuda a contextualizar os altos níveis de insatisfação relatados pelos(as) estudantes LGBTI+ em relação às demais áreas da vida: como vida escolar, familiar e consigo próprios(as). Novamente, pessoas trans e/ ou negros(as) relatam maiores níveis de insatisfação:

:: 64% das pessoas trans relataram descontentamento consigo próprios(as) – vinte e nove pontos percentuais a mais em relação a seus pares cis (35%) (Figura 20).

:: 56% das pessoas negras relataram descontentamento com seus familiares mais próximos – dez pontos percentuais a mais em relação aos seus pares brancos(as) (46%) (Figura 22).

Demandas por apoio e acolhimento

:: 57% dos(as) estudantes LGBTI+ afirmaram que sentem a necessidade de conversar com alguém sobre temas envolvendo a comunidade, tais como identidade de gênero e orientação sexual. Essa necessidade apareceu de forma mais latente entre respondentes trans:

:: 64% sentem a necessidade de conversar sempre, nove pontos percentuais a mais em relação aos seus pares cis (55%) (Figura 24).

:: Profissionais de psicologia da instituição de ensino aparecem como o segundo público com maior nível de confiança, por parte de estudantes, para falar sobre esses temas, ficando atrás somente dos(as) amigos(as):

:: 67% com certeza fariam com amigos(as) e 22% com profissionais de psicologia da instituição de ensino (Figura 25).

:: Apesar da alta demanda por profissionais de psicologia nas instituições de ensino, apenas 39% dos(as) estudantes afirmaram que estes(as) estão presentes na unidade de ensino que frequentam (Figura 27).

Visibilidade da comunidade LGBTI+ em atividades educacionais

Promover um ambiente educacional seguro e inclusivo é fundamental para enfrentar a violência e a discriminação. Nesse sentido, iniciativas educativas, como aulas, palestras e rodas de conversa, desempenham um papel crucial na conscientização e na construção de um espaço mais respeitoso.

A pesquisa sugere, no entanto, que, embora as instituições de ensino dos(as) respondentes nutram esforços para abordar

a temática do *bullying* de maneira geral (59%), a proposição de atividades específicas sobre a comunidade LGBTI+ ainda é limitada:

:: A maioria nunca teve aulas (68%), palestras (81%) e/ou rodas de conversa (81%) sobre temáticas que envolvem a comunidade LGBTI+ (Figura 31).

Apesar da invisibilização da comunidade LGBTI+ no ambiente educacional, os resultados mostram que há abertura para participar de atividades sobre o tema, indicando uma possível lacuna em políticas educacionais voltadas à formação de docentes e à criação de espaços de diálogo e acolhimento:

:: 46% dos(as) estudantes da comunidade LGBTI+ ficariam muito ou totalmente confortáveis em conversar sobre essa temática (Figura 33).

2.5 INSEGURANÇA NO AMBIENTE EDUCACIONAL E RISCO DE EVASÃO

A evasão e o abandono da instituição de ensino, por parte de estudantes, são fenômenos multifatoriais, influenciados por uma combinação complexa de elementos individuais, familiares, psicossociais e institucionais (Silva; De Matos, 2024; Puztai *et al.*, 2022; Lima; Fagundes, 2020; Rumberger, 1995; Battin-Pearson *et al.*, 2000). Nesse sentido, contextos marcados por exclusão e insegurança podem comprometer profundamente a autoestima, o engajamento e as decisões educacionais dos(as) jovens.

Os resultados da pesquisa revelam a forma como a violência e a insegurança vivencia-

das no ambiente educacional podem repercutir nas trajetórias na rede de ensino, influenciar suas expectativas de continuidade nos estudos e afetar sua percepção de pertencimento à sociedade.

Estudantes LGBTI+ que participaram da pesquisa apresentaram riscos elevados de evasão em razão da insegurança no ambiente educacional. Os riscos se mostram altos para a comunidade LGBTI+, de modo geral, mas são particularmente elevados para estudantes que se identificam como transgênero.

Riscos de evasão

:: 47% dos(as) estudantes LGBTI+ faltaram pelo menos um dia à instituição de ensino, no mês anterior à pesquisa, por conta de alguma insegurança no ambiente educacional ou no caminho até ele (Figura 37).

:: Entre estudantes trans, 57% perderam pelo menos um dia letivo no mês anterior à pesquisa, quinze pontos percentuais a mais em relação aos seus pares cis (42%) (Figura 37);

:: Pessoas trans também relataram terem perdido mais dias letivos: 18% jovens trans perderam seis dias ou mais; essa proporção cai para 12% entre estudantes cis (Figura 38).

Risco de abandono

:: 42% das pessoas cis declaram já terem considerado abandonar a educação básica, mas esse percentual sobe para 60% quando consideradas exclusivamente as respostas dos(as) jovens trans - 18 pontos percentuais (p.p.) a mais (Figura 39).

A hipótese de abandono também parece ser considerada mais seriamente por parte de jovens trans: 30% consideraram essa possibilidade seriamente, enquanto somente 11% dos(as) estudantes cisgênero fizeram essa afirmação (19 p.p. de diferença) (Figura 39).

Esses resultados apontam que estudantes trans relatam maior insegurança no ambiente educacional e consideram mais frequentemente a hipótese de abandono instituição de ensino. Pesquisas anteriores (Plano CDE, 2019) indicam que experiências de discriminação sistemática, incluindo *bullying*, podem atuar como barreiras à continuidade dos estudos para estudantes LGBTI+.

Interpretados à luz do cenário em que a violência, o *bullying* e a discriminação são praticadas sistematicamente contra estudantes LGBTI+ nas instituições de ensino – com ênfase à população estudantil trans –, tais resultados reforçam a importância de se garantir um ambiente educacional mais acolhedor e seguro, que favoreça a permanência e o desenvolvimento acadêmico desses grupos.

Saúde mental

Os dados da pesquisa sugerem que esses(as) estudantes enfrentam um quadro muito negativo de saúde mental, o que pode representar desafios significativos diante da fragilidade de suas redes de apoio.

:: Quase todos(as) estudantes LGBTI+ entrevistados(as) (94%) relataram ter se sentido deprimidos(as) no mês anterior à pesquisa, sendo que 88% afirmaram

ter vivenciado esse sentimento com frequência - duas vezes ou mais no período (Figura 41).

Estudantes trans apresentam indicadores de saúde mental piores do que seus pares cis, em quase todos os aspectos mensurados (Figura 42).

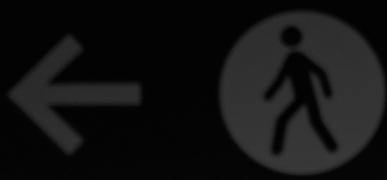
Esses achados sugerem a necessidade de medidas estruturadas para fortalecer esses vínculos e garantir e promover ambientes mais seguros e acolhedores. Para mitigar essas vulnerabilidades, políticas voltadas ao bem-estar emocional devem priorizar estratégias de prevenção e suporte, reduzindo os impactos do isolamento e da falta de redes de apoio adequadas.

2.6 Conclusão

Educadores(as) figuram entre os(as) principais agressores(as) de estudantes LGBTI+, evidenciando a **necessidade urgente de políticas públicas voltadas à capacitação desses(as) profissionais e à implementação de protocolos eficazes de prevenção e denúncia.** Além disso, metade dos(as) jovens LGBTI+ enfrenta dificuldades nas relações familiares, e uma parcela significativa nunca discutiu as violências sofridas, o que reforça a importância de um suporte institucional adequado. **O fortalecimento de programas de apoio psicológico e a criação de espaços de diálogo são fundamentais para enfrentar a invisibilidade e promover um ambiente educacional mais seguro e acolhedor.**

Para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva, é essencial que profissionais da educação tenham respaldo para abordar questões de diversidade, formas de violência, respeito e convivência democrática sem receio de retaliação. **A integração desses temas ao currículo escolar, conforme estabelecido por legislações e diretrizes nacionais, contribui para a conscientização sobre o bullying e a LGBTIfobia. Além disso, estratégias como formações presenciais, distribuição de materiais pedagógicos e monitoramento de denúncias pelo MEC são fundamentais para mapear as violências e garantir respostas mais eficazes.**

Nesse cenário, destaca-se o trabalho da Aliança Nacional LGBTI+, que, desde 2003, atua na defesa da cidadania e dos direitos da população LGBTI+. Suas iniciativas incluem a criação de materiais didáticos, como a Enciclopédia LGBTI+, e parcerias estratégicas, como o curso autoinstrucional “Gestão Escolar para a Diversidade e Inclusão”, em colaboração com o Instituto Unibanco. Essas ações visam capacitar gestores(as) e educadores(as) para transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento e respeito, garantindo oportunidades de aprendizado e desenvolvimento de maneira igualitária para todos(as) os(as) estudantes.



Saída
Exit

Introdução

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



3.1 A pesquisa

A Aliança Nacional LGBTI+ é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, que atua em todas as 27 Unidades da Federação e em mais de 300 municípios brasileiros. Fundada em 2003, sua missão é a promoção e defesa dos direitos humanos e da cidadania da população LGBTI+, por meio de parcerias estratégicas e incidência política. Desde a sua fundação, a Aliança Nacional LGBTI+ tem desempenhado um papel fundamental na garantia de direitos no âmbito educacional, promovendo a utilização do nome social nos documentos institucionais, a retificação de prenome e gênero para pessoas trans, e a equiparação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero ao crime de racismo, entre outras conquistas no campo dos direitos da população LGBTI+.

Em 2015, foi realizada a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (ABGLT, 2016), um estudo virtual anônimo com 1.016 estudantes entre 13 e 21 anos, que investigou as experiências de estudantes LGBTI+ nas instituições de ensino do país. Os achados da pesquisa evidenciaram um cenário preocupante, marcado pela insegurança desses estudantes, uma alta incidência de agressões verbais e físicas, além

de outras formas de violência sem o devido apoio ou medidas para enfrentá-las. Além disso, a pesquisa apontou a falta de profissionais capacitados para lidar com essas situações e implementar ações educativas eficazes. A realidade descrita contribuiu para a evasão e o abandono educacional, tornando o ambiente educacional um local hostil para muitos(as) estudantes LGBTI+. A Aliança Nacional LGBTI+ organizou essa pesquisa junto a outras organizações da sociedade civil, reforçando a necessidade de transformar as instituições de ensino em espaços mais seguros e acolhedores.

A Pesquisa Nacional sobre o *Bullying* no Ambiente Educacional Brasileiro (2024) foi organizada para atualizar os dados de 2015 e reforçar a necessidade de coletas sistemáticas de dados que subsidiem a construção de políticas públicas. Com o objetivo de explorar e compreender as experiências de adolescentes e jovens LGBTI+ no ambiente educacional brasileiro, o estudo investigou a percepção de segurança no ambiente educacional, os tipos de violência e discriminação vivenciados ou testemunhados ao longo do ano de 2024, além de abordar aspectos como redes de apoio, saúde mental e aspirações para o futuro.

Entre agosto de 2024 e janeiro de 2025, um questionário foi disponibilizado em ambiente virtual, sendo empreendido um intenso processo de mobilização online para que estudantes, de diferentes regiões do país, compartilhassem suas percepções e experiências. Por meio destas estratégias, foi possível alcançar um universo de 1.349 participantes – uma amostra por conveniência, cujo critério de participação foi da disponibilidade e interesse dos(as) adolescentes e jovens.

A Aliança Nacional LGBTI+ e seus parceiros têm clareza sobre as limitações dessa metodologia, tais como os limites de representatividade estatística da população e de generalização dos resultados. Por outro lado, também sabe que é necessário enfrentar os limites de um cenário marcado pelo recrudescimento de um discurso conservador e pelas tentativas de silenciamento da agenda de diversidade e justiça social.

Estudantes de grupos minorizados, como a população LGBTI+, pessoas com deficiência, negras e indígenas, frequentemente enfrentam múltiplas formas de violência no ambiente educacional, expressas em forma de *bullying*. As diversas violências sofridas por essas populações em nossa sociedade – como preconceito, discriminação em suas múltiplas formas, inclusive institucional, estigmas, estereótipos, exclusão e marginalização

social –, somadas ao *bullying* nas instituições de ensino, criam desafios adicionais, comprometendo seu bem-estar e a permanência no ambiente educacional. O ambiente educacional, que deveria ser um espaço seguro e acolhedor, acaba se tornando um lugar hostil, agravando o sofrimento dessas pessoas, contribuindo para o adoecimento delas e até mesmo para que desistam de suas trajetórias educacionais. A resistência ao uso do nome social de pessoas trans, a falta de suporte diante de episódios de LGBTIfobia, o racismo estrutural e o capacitismo, entre tantos outros problemas, impactam diretamente a trajetória educacional dos(as) estudantes LGBTI+.

Os resultados apresentados ao longo deste relatório mostram como estudantes LGBTI+ têm seu direito à educação sistematicamente ameaçado, por colegas e profissionais da educação. Violências verbais e físicas são relatadas e relacionadas ao risco de abandono escolar, sem, no entanto, haver espaços de escuta e acolhimento suficiente, para a maioria destes(as) adolescentes e jovens.

Estudos anteriores já mostraram que a experimentação de violências e de *bullying*, bem como a sensação de não acolhimento, estão entre os principais preditores do abandono escolar, e que a maior parte dos estudantes não considera sua instituição preparada para lidar com o *bullying*

(Plano CDE, 2019). Além disso, mostram que o *bullying* relacionado à orientação sexual está associado a maior sensação de solidão e dificuldade de dormir entre adolescentes (Jomar *et al.*, 2020).

Trabalhos para prevenir a violência e acolher as vítimas podem ter impactos relevantes sobre a trajetória educacional da população LGBTI+, dado que há um gargalo de capacitação para que equi-pes educacionais lidem com o *bullying* relacionado a gênero e sexualidade. Além do acolhimento psicológico e jurídico, há ainda espaço para debate sobre diversidade no âmbito pedagógico, o que pode apoiar um debate mais aprofundado sobre sexualidade nas instituições de ensino (Bortolini, 2015). Nesse quadro, espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias educacionais que tornem o ambiente educacional mais seguro, inclusivo e respeitoso para toda a diversidade estudantil.

3.2 Métodos e amostra

Como sinalizado anteriormente, o estudo valeu-se de um questionário que foi disponibilizado na internet (*survey online*) e de estratégias de mobilização implementadas a partir de redes sociais e de outros canais de comunicação da Aliança Nacional LGBTI+ e de seus parceiros. O foco da pesquisa foi estudantes da educação básica com idade

superior a 16 anos, matriculados(as) no ensino regular ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O trabalho não contou, entretanto, com um plano amostral probabilístico. Assim, a amostra resultante é de conveniência, formada a partir da mobilização online.

Participaram do levantamento 1.349 estudantes, com 16 anos ou mais de idade, residentes em todas as 27 unidades federativas do Brasil. Destes, 1.170 (86,8%) se identificaram como pessoas LGBTI+. Com intuito de focalizar exclusivamente a experiência educacional dessa população, para efeitos deste relatório, foram mo-bilizadas exclusivamente os dados deste subconjunto de respostas. Ou seja, fo-ram suprimidas as respostas de estudan-tes que não se definiram como parte da comunidade LGBTI+.

Antes da aplicação do questionário, apresentamos um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que continha, resumidamente, os objetivos da pesquisa, assim como sua natureza voluntária e anônima, de forma a assegurar que nenhuma informação pessoal fosse coletada ou vinculada às respostas fornecidas. Além disso, por se tratar de uma pesquisa sigilosa e anonimizada, não se aplica a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Todas as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saú-

de foram seguidas, garantindo que as informações coletadas fossem divulgadas apenas de forma agregada. Seguindo as diretrizes de padrões éticos em pesquisa, o estudo não aceitou a participação de menores de 16 anos.

O questionário foi estruturado com uma variedade de formatos de perguntas para garantir uma coleta de dados abrangente. As perguntas fechadas de múltipla escolha ofereceram alternativas previamente definidas, permitindo que os(as) respondentes selecionassem uma ou mais opções conforme sua experiência ou opinião. Além disso, foram incluídas perguntas baseadas na escala *Likert*, que possibilitaram medir percepções e graus de concordância em relação a determinadas afirmações, geralmente variando de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”. Para obter respostas diretas e objetivas, o questionário contou com perguntas dicotômicas, nas quais os(as) participantes deviam escolher entre duas opções, como “sim” ou “não”. Também houve espaço para respostas mais detalhadas e subjetivas por meio de perguntas abertas, que permitiram que os respondentes expressassem suas opiniões e experiências de forma livre e elaborada. Por fim, algumas questões foram formuladas para avaliar a frequência com que certas ações

ou comportamentos ocorriam, utilizando categorias como “diariamente”, “semanalmente” ou “raramente”, entre outros. Essa diversidade de formatos contribuiu para uma análise mais completa e refinada das informações coletadas.

Importante ressaltar que, antes da aplicação, o questionário passou por uma etapa qualitativa de refinamento, por meio de grupo focal com estudantes de 16 a 19 anos pertencentes à comunidade LGBTI+. Esse processo teve como principais objetivos aperfeiçoar o uso de termos e linguagens, identificar possíveis dificuldades de compreensão das questões e avaliar se todos os aspectos relevantes haviam sido contemplados no instrumento de pesquisa.

3.3 Perfil dos(as) participantes

As análises que integram este relatório consideram a amostra de 1.170 participantes que se identificaram como LGBTI+, o que inclui diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Fazem parte dessa comunidade pessoas cisgênero (cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento), transgênero (que se identificam com um gênero diferente daquele atribuído ao nascer), intersexo (com variações biológicas nas características sexuais), além de quem se identifica com outro gênero ou ainda está se descobrindo.

Na amostra, foram identificadas pessoas que se autodeclararam como mulheres cis, mulheres trans, homens cis, homens trans e pessoas não binárias. Além disso, alguns jovens se identificaram com termos como bi-gênero, gênero fluido e agênero. Esses termos foram agrupados na categoria 'outros' e não sob o termo-guarda-chuva 'não binário', pois refletem exatamente a forma como os(as) respondentes declararam suas identidades. A categoria "Outros", inclusive, engloba a maioria das respostas enquadradas no espectro não binário, com variações e especificidades que os(as) respondentes fizeram questão de destacar. Isso sugere que o percentual de pessoas que se identificam como não binárias pode ser maior do que os 11% inicialmente registrados, uma vez que algumas preferiram utilizar denominações mais específicas para descrever sua identidade de gênero.

Não houve respondentes que se identificaram explicitamente como travestis, mas reconhece-se a importância dessa identidade dentro da comunidade trans e sua especificidade no contexto latino-americano, especialmente no Brasil.

No campo da orientação sexual, há pessoas gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais, assexuais, heterossexuais e aquelas que ainda estão em processo de descoberta. Vale destacar que, sim, pessoas heterossexuais também podem fazer parte da comunidade LGBTI+ - como, por exemplo, uma mulher trans que se relaciona apenas com pessoas alinhadas ao gênero masculino. Isso porque a sigla LGBTI+ não se refere apenas à orientação sexual, mas também à identidade de gênero, reunindo diferentes vivências que fogem à cisheteronormatividade. É justamente essa pluralidade que torna a comunidade tão rica e que reforça a importância do respeito e da inclusão. Nosso levantamento, portanto, considerou a participação de pessoas identificadas como heterossexuais, desde que não identificadas como cisgênero (Ver Tabela 1).

Destaca-se que, pela natureza de um questionário estruturado, as opções foram pré-codificadas e validadas entre Plano CDE, Aliança Nacional LGBTI+ e Instituto Unibanco. Também havia uma opção aberta, para que os(as) respondentes incluíssem alguma identidade e/ou orientação não contemplada entre as apresentadas.

Tabela 1: Perfil dos (as) participantes estudantes que se identificaram como parte da comunidade LGBTI+

Distribuição regional		Idade		Cor/Raça	
Centro Oeste	10%	16	42%	Amarelo	2%
Nordeste	24%	17	27%	Branco	53%
Norte	7%	18	25%	Indígena	1%
Sudeste	40%	19	4%	Pardo	34%
Sul	20%	20+	1%	Preto	8%
				Prefiro não responder	2%
Tipo de escola		Rede pública de ensino		Série/Fase de Escolarização em 2024	
Pública	73%	Municipal	9%	Ensino Fundamental I	1%
Privada	27%	Estadual	77%	8º ano do Ensino Fundamental II	1%
		Federal	10%	9º ano do Ensino Fundamental II	4%
		Não sabe	4%	1º ano do Ensino Médio	23%
				2º ano do Ensino Médio	31%
				3º ano do Ensino Médio	37%
				Faço EJA (Educação de Jovens Adultos)	1%
Como se identifica em relação ao sexo designado ao nascimento ²				Identidade de gênero	
Cisgênero		64%		Mulher cis	39%
Transgênero		22%		Mulher trans ²	4%
Intersexo ¹		1%		Homem cis	30%
Outro		4%		Homem trans	10%
Não tenho certeza		8%		Não binária	11%
				Outro	6%
Orientação sexual					
Gay		25%			
Lésbica		21%			
Bissexual		34%			
Pansexual		12%			
Heterossexual		2%			
Assexual		3%			
Não sei/estou me descobrindo		1%			
Outro		2%			
TOTAL 1.170					

¹. Recomendamos, como materiais de leitura complementar a respeito do tema, produções da ABRAI e de sua fundadora, a pesquisadora Thais Emília. Outra recomendação é a leitura do Box “Ampliando o debate” do Manual de Empregabilidade e LGBTI+, página 47.

². Travesti é uma identidade latino-americana, feminina, de importância histórica e política, especialmente no contexto brasileiro. No entanto, entre as gerações mais jovens, observa-se uma maior incidência da autoidentificação como mulher trans, transfeminina, não binária — e outras denominações dentro desse espectro.

Parte 1: Percepções de insegurança nas instituições de ensino

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



 plano cde



Objeto de políticas públicas ao longo das duas últimas décadas, a violência no ambiente educacional tem crescido no Brasil e agravado a situação de insegurança nas instituições de ensino do país (Agência Brasil, 2023). Alvo de preocupação de famílias e da sociedade civil como um todo, o tema tem incitado debates entre especialistas, formuladores(as) de políticas públicas e gestores(as) públicos(as).

A insegurança nas instituições de ensino é fruto não apenas da violência física, mas abrange também formas de agressão simbólica, psicológica e institucional, que impactam diretamente o cotidiano das unidades de ensino no país (Abramovay, 2003). Partindo da premissa de que situações como *bullying*, discriminação, ameaças e agressões são fatores geradores de insegurança no ambiente educacional, nossa pesquisa buscou identificar situações discriminatórias enfrentadas e/ou testemunhadas pelos(as) participantes da pesquisa, bem como suas percepções em relação à instituição de ensino como um ambiente inseguro.

Na primeira seção, intitulada “Insegurança e Situações Discriminatórias” serão apresentadas as percepções de insegurança dos(as) estudantes LGBTI+ entrevistados(as) em relação às instituições de ensino que frequentaram no ano de 2024. Como se verá, os resultados sugerem uma percepção que

reconhece a instituição de ensino como um lugar inseguro, em razão de situações discriminatórias. Trata-se de uma unanimidade entre jovens da comunidade LGBTI+, ainda que se observe **nuances que parecem diferenciar e agravar as experiências de insegurança vivenciadas por subgrupos da comunidade, principalmente pessoas trans e negras.**

Em “Perfis de estudantes percebidos(as) como mais vitimizados(as) nas instituições de ensino”, exploramos os resultados das percepções dos(as) estudantes sobre a forma como o *bullying* e a violência se expressa no ambiente educacional, de maneira geral, com o objetivo de identificar quais seriam os subgrupos mais discriminados neste contexto. Os resultados apontam que **estudantes com características que destoam da cisheteronormatividade são percebidos(as) como os(as) mais vitimizados(as), reforçando a ideia de que as instituições de ensino ainda representam um espaço de reprodução de estigmas e exclusões sociais.**

Com estas análises, o capítulo busca evidenciar como contextos marcados por insegurança e discriminação afetam negativamente a vivência de estudantes LGBTI+. Esses dados oferecem subsídios importantes para o aprimoramento de políticas educacionais que promovam ambientes mais seguros e

inclusivos, contribuindo para a permanência e o desenvolvimento integral de todos(as) estudantes das instituições de ensino brasileiras, mas principalmente daqueles(as) que pertencem à comunidade LGBTI+.

4.1 Insegurança e situações discriminatórias

Com o objetivo de aferir a sensação de insegurança associada especificamente à experiência de situações discriminatórias na instituição de ensino, perguntamos aos(as) participantes há quanto tempo sentiam insegurança na instituição de ensino em razão de alguma característica pessoal. As opções de resposta variavam desde “não sinto insegurança no ambiente educacional” até períodos que indicavam há quanto tempo esse sentimento existia.

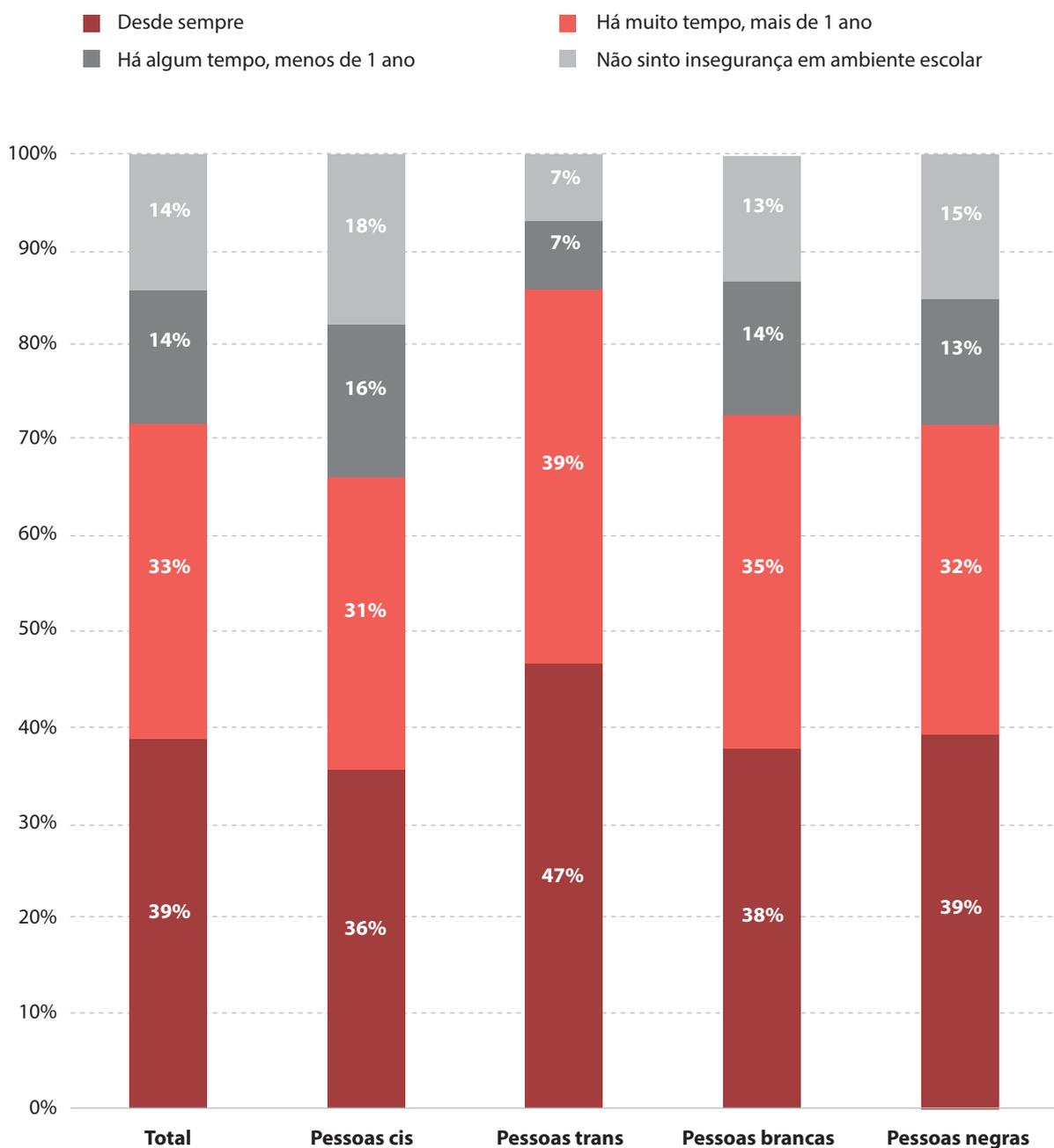
A maioria dos(as) respondentes identificados(as) como parte da comunidade LGBTI+ alegou sentir insegurança na instituição em razão de alguma característica sua (86%), sendo que 39% afirmaram sentir-se inseguros(as) desde sempre. A insegurança aumenta em sete pontos percentuais entre os(as) respondentes identificados(as) como trans/travesti: 93% afirmaram sentir-se inseguros(as) na unidade educacional, sendo que 47% afirmaram sentir-se desta forma desde sempre (ver Figura 1).

Quando questionados(as) sobre quais seriam as razões para sentirem insegurança na instituição de ensino, jovens LGBTI+ entrevistados(as) mencionaram características pessoais como aparência (71%), orientação sexual (69%), expressão de gênero (65%) e modo de falar ou se expressar (58%).

Os resultados sugerem, no entanto, que a percepção de insegurança tende a variar conforme o perfil do(a) estudante. Fatores como expressão de gênero (86%), aparência (80%) e o julgamento de terceiros sobre terem alguma deficiência (30%) foram mencionados com maior frequência por pessoas trans – 14, 21 e 16 pontos percentuais a mais, respectivamente, em relação às pessoas cis (ver Figura 2). Já fatores como a violência urbana no ambiente educacional ou no trajeto até ela (36%) e a raça (24%) foram mencionados como principais fontes de insegurança por parte de estudantes negros(as). Entre jovens brancos(as), estes fatores estão entre os menos mencionados – foram citados por 25% e 5%, respectivamente (ver Figura 3)

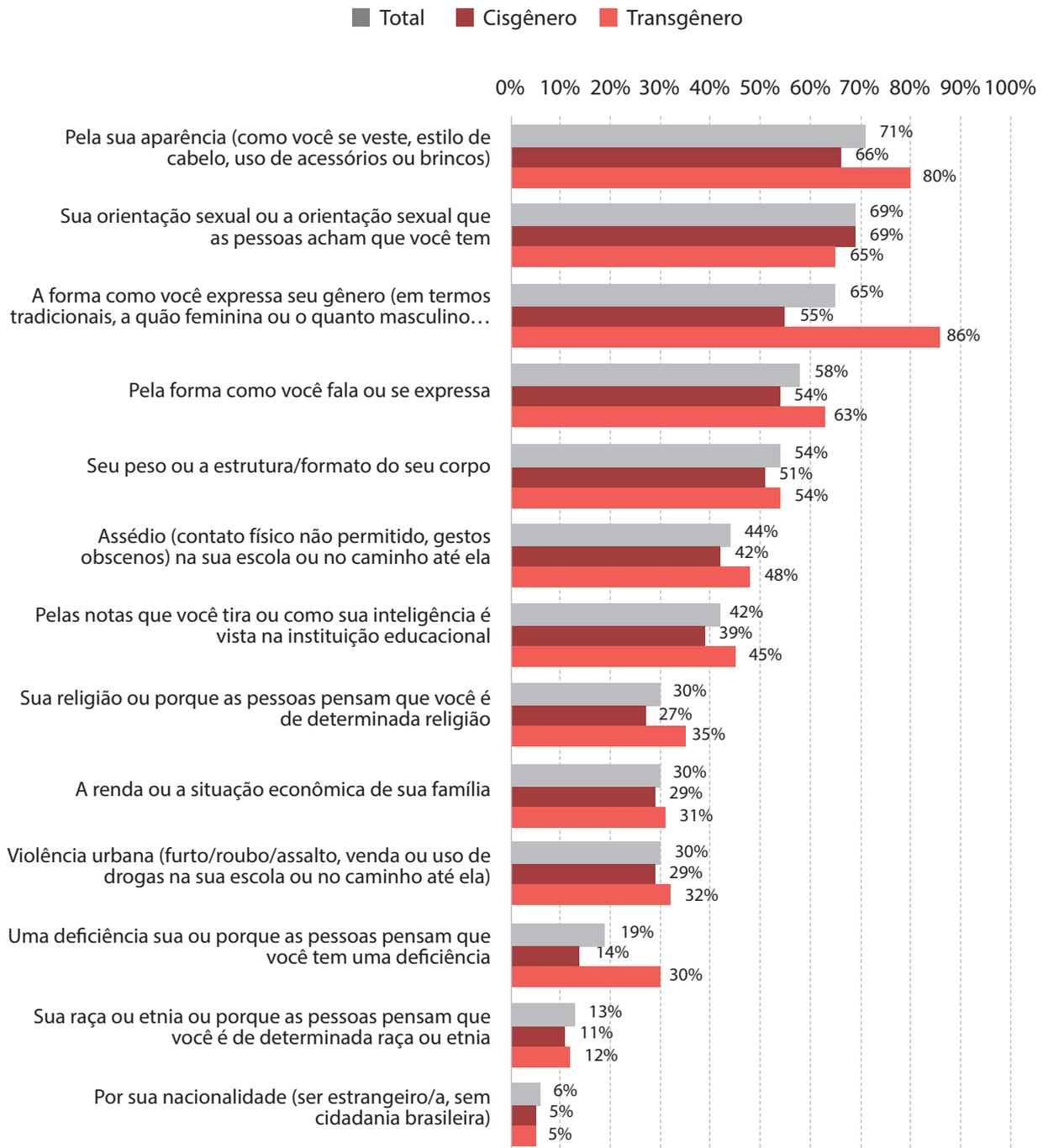
Esses resultados sugerem que **as experiências de estudantes LGBTI+ no ambiente educacional podem ser atravessadas por interseccionalidades entre identidade e expressão de gênero e questões raciais, que, por sua vez, podem influenciar a percepção de segurança dos(as) estudantes.**

Figura 1: Há quanto tempo os(as) estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) no ambiente educacional (estudantes LGBTI+)



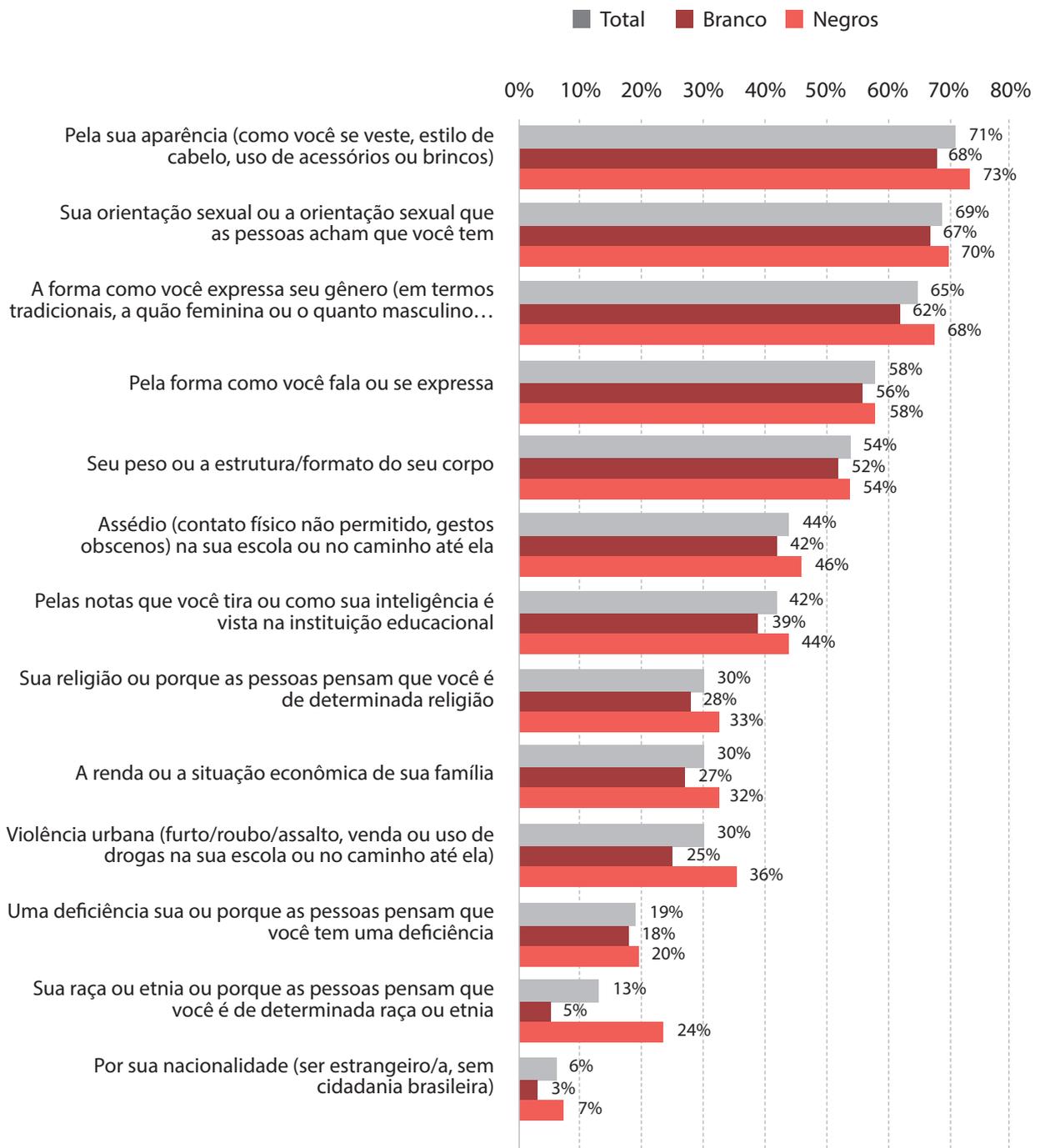
Pergunta: No geral, há quanto tempo você diria que se sente pessoalmente inseguro(a) em ambiente educacional por alguma característica sua ou que as pessoas acham que você tem? | **Bases:** Total (1.170); Cisgênero (750); Transgênero (255); Pessoas brancas (624); Pessoas negras (495).

Figura 2: Razões pelas quais os(as) estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) nas instituições de ensino – recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você sente insegurança na sua escola por alguma das razões abaixo? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas trans (255); Pessoas cis (750).

Figura 3: Razões pelas quais os/as estudantes se sentem pessoalmente inseguros(as) nas instituições de ensino – recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você sente insegurança na sua escola por alguma das razões abaixo? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas brancas (624); Pessoas negras (495).

4.1 Perfis de estudantes percebidos(as) como mais vitimizados(as) por *bullying* e violência

As situações de insegurança no ambiente educacional, relacionadas à discriminação, podem ocorrer a uma variedade muito ampla de perfis, não só relacionadas a questões de identidade de gênero e/ou orientação sexual. Considerando a variedade de situações que podem tornar uma pessoa alvo de *bullying*, discriminação ou violência no ambiente educacional, oferecemos opções de resposta múltipla para que os(as) respondentes da pesquisa apontassem quais seriam os perfis de pessoas para as quais a instituição de ensino seria um ambiente inseguro.

Os resultados mostram que estudantes LGBTI+ entrevistados(as) percebem a instituição de ensino como um ambiente “pouco ou nada seguro”, especialmente para os(as) estudantes trans (67%), meninos que não se encaixam nos padrões de masculinidade (59%), meninas que não se encaixam nos padrões de feminilidade (40%), pessoas com o corpo “fora do padrão” (40%) e estudantes gays, lésbicas, bissexuais ou assexuais (49%) (Figura 4). Esses dados indicam que, na perspectiva dos(as) respondentes, a instituição é percebida como um espaço hostil, sobretudo para indivíduos que não se enquadram nas normas da cisheteronormatividade.

Segundo o Relatório do Observatório Trans Brasil (2023), mais de 60% das travestis e mulheres trans relatam já ter sofrido *bullying* verbal e físico nas escolas. A pesquisa também revela que 42% das travestis afirmam ter sido expostas a piadas e agressões físicas em atividades escolares. Esse cenário é corroborado pela ANTRA (2024), que destaca que 83% das travestis entrevistadas em um estudo nacional relatam não se sentirem seguras dentro das instituições de ensino, sendo alvo de ataques não só de estudantes, mas também de profissionais da educação.

A Rede Trans Brasil (2023) também evidenciou que, para muitas travestis, o ambiente educacional representa uma das primeiras e mais intensas experiências de discriminação. Em um estudo conduzido em 2022 com 150 travestis e transexuais, 77% afirmaram que enfrentaram discriminação ao longo de sua trajetória educacional, e 58% relataram ter abandonado o ambiente educacional devido a casos recorrentes de violência simbólica e física. Esse abandono escolar, muitas vezes, está relacionado ao medo de agressões, falta de aceitação e ausência de políticas inclusivas adequadas.

Quando comparados(as) aos(as) respondentes cis, estudantes trans relataram com maior frequência a percepção de que a unidade de ensino é “pouco” ou “nada segura”, especialmente para estudantes LGBTI+ (10 pontos percentuais a mais), pessoas com

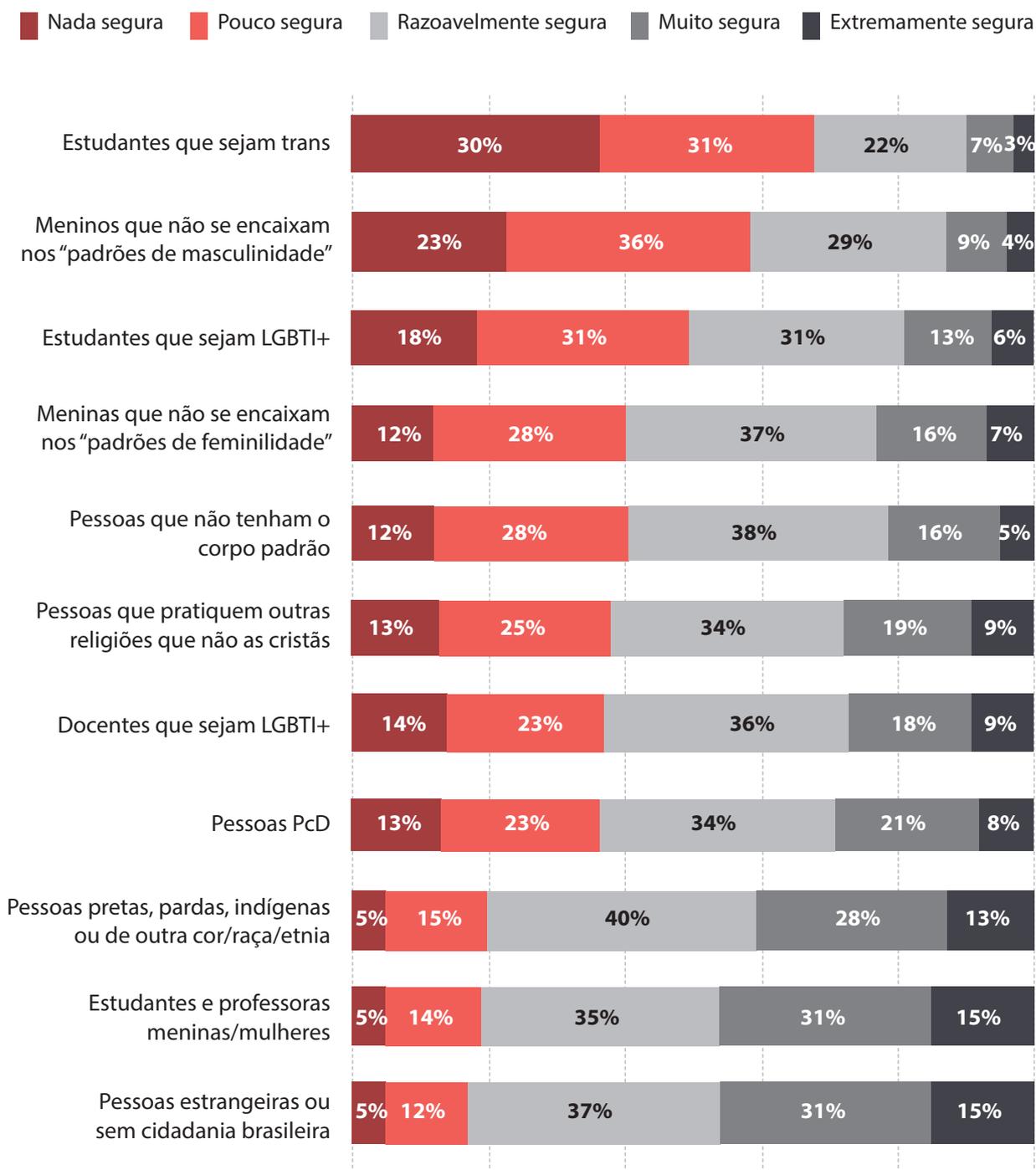
deficiência (PCD) (9 p.p. a mais) e docentes LGBTI+ (7 p.p. a mais). Em relação à opção “pessoas trans”, mais estudantes trans classificaram a instituição como “nada segura” (6 p.p. a mais em comparação com estudantes cis). Para os demais itens, não foram observadas diferenças entre os perfis de identidade de gênero.

Entre estudantes negros(as), observou-se uma maior percepção de insegurança para os grupos: pessoas estrangeiras (9 p.p. a mais), pessoas com o corpo ‘fora do padrão’ (6 p.p. a mais) e meninas que não se encaixam nos padrões de feminilidade (6 p.p. a mais). No que diz respeito à categoria “pessoas pretas, indígenas ou de outra cor/raça/etnia”, a diferença entre estudantes negros(as) e não brancos(as) não foi significativa. Para os demais itens, não foram identificadas variações relevantes entre os perfis raciais.

Esses resultados reforçam a compreensão de que a percepção de insegurança no ambiente educacional pode estar relacionada a marcadores sociais como identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual, raça/cor e aparência física. As variações observadas entre estudantes trans e cis, bem como entre estudantes negros(as) e brancos(as) sugerem que, mesmo dentro da comunidade LGBTI+, diferentes grupos vivenciam a instituição de ensino de maneiras distintas, o que pode impactar suas experiências educacionais.

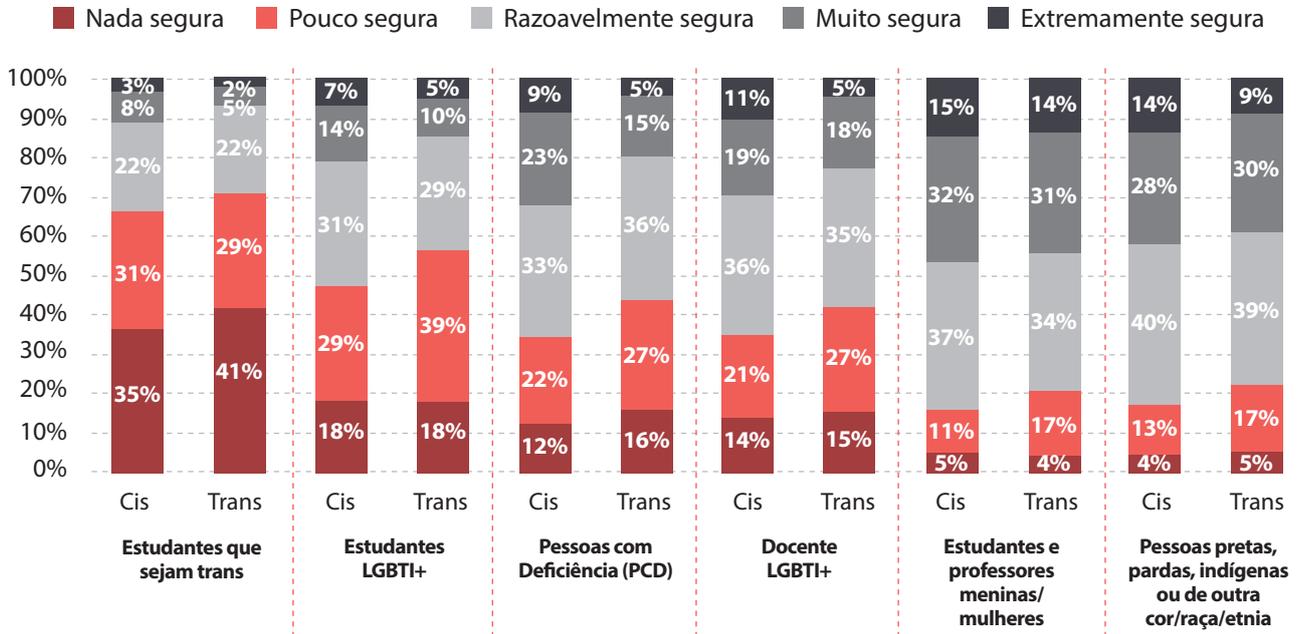
É importante reconhecer que o direito à educação se fortalece à medida que as instituições de ensino se tornam espaços seguros, inclusivos e acolhedores para todos(as) os(as) estudantes. Nesse sentido, compreender os padrões de discriminação evidenciados ao longo desta seção é um passo essencial para subsidiar a formulação de políticas públicas e práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e com a superação das múltiplas formas de exclusão presentes no ambiente educacional.

Figura 4: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo os respondentes (estudantes LGBTI+)



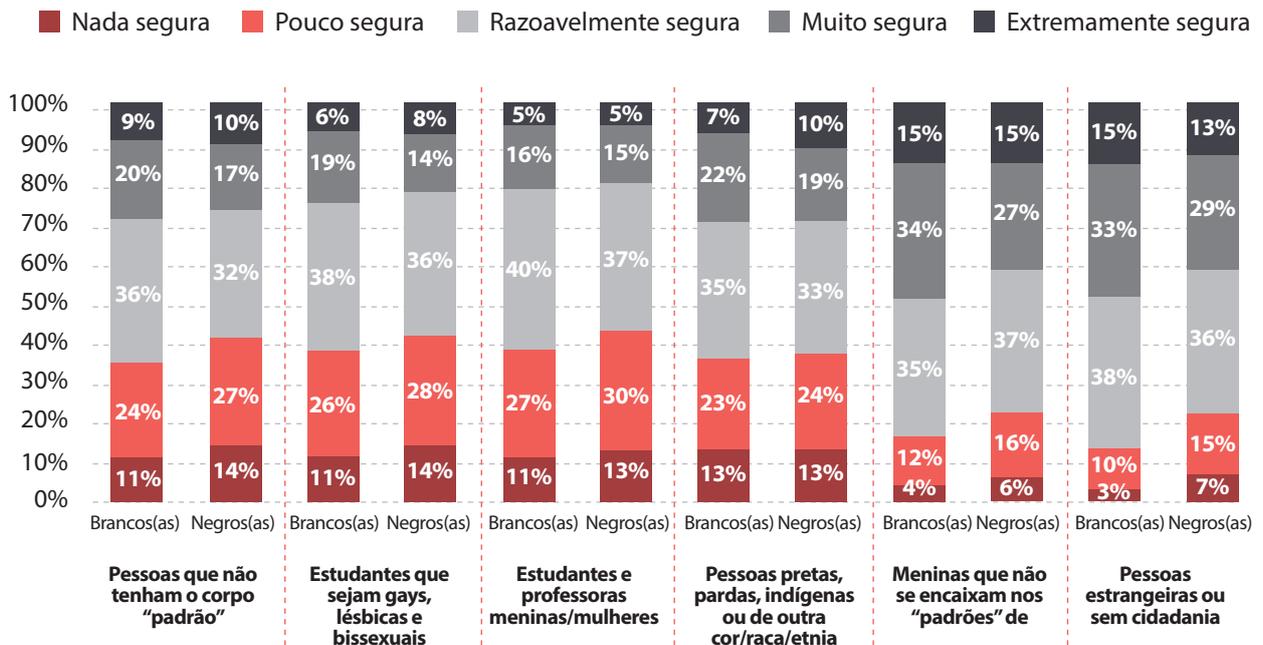
Pergunta: Você diria que a sua escola é segura para: (opções). | **Base:** Estudantes LGBTI+ (1.170)

Figura 5: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo os(as) respondentes - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você diria que a sua escola é segura para: (opções). | Base: Cis (750); Trans (255)

Figura 6: Perfis para os quais a instituição de ensino seria pouco ou nada segura, segundo os(as) respondentes - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você diria que a sua escola é segura para: (opções). | Base: Pessoas brancas (624); Pessoas negras (495)



Parte 2: *Bullying* e violência no ambiente educacional

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*

Além de investigar a percepção de segurança nas instituições de ensino, a pesquisa buscou compreender também a ocorrência de situações concretas de *bullying* e preconceito vivenciadas por estudantes ao longo do ano de 2024. Para isso, o questionário aplicado incluiu um conjunto de perguntas específicas sobre diferentes formas de agressões verbais e físicas, considerando a frequência com que esses episódios ocorreram – com opções de resposta que variavam entre “nunca” e “quase todos os dias”.

A construção do instrumento de coleta teve como base uma definição ampliada de *bullying*, conforme estabelecido na Lei nº 13.185/2015 e corroborado pela Lei nº 14.811/2024, que o caracteriza como “intimidação sistemática, por meio de violência física ou simbólica, por meio de atos de intimidação, humilhação ou discriminação”. A partir desse entendimento, foram elaboradas perguntas separadas sobre agressões verbais e físicas, tanto sofridas quanto presenciadas pelos(as) respondentes.

Os dados revelam que **90% dos(as) estudantes LGBTI+ entrevistados(as) afirmaram ter sido vítimas de algum tipo de agressão verbal em 2024**. As diferenças entre os subgrupos de identidade de gênero e racial foram pouco expressivas: entre estudantes trans, o percentual é 4 pontos percentuais superior ao observado entre pessoas cis, e entre pessoas negras, 1 ponto percentual acima em relação às pessoas brancas (ver Figura 7). Entre os tipos de agressões verbais relatadas, destacam-se os comentários LGBTIfó-

bicos direcionados à orientação sexual e à não conformidade com padrões “tradicionais” de masculinidade e feminilidade, além de ofensas relacionadas a características físicas dos(as) estudantes (ver Figura 8).

O questionário também investigou as situações de violência presenciadas nas unidades educacionais frequentadas em 2024. A maioria dos(as) participantes relatou ter testemunhado ofensas LGBTIfóbicas, comentários depreciativos relacionados ao peso corporal, à capacidade de aprendizagem e manifestações de cunho machista (ver Figura 9).

No que se refere à violência física, 34% dos(as) estudantes LGBTI+ afirmaram ter sido vítimas desse tipo de agressão. Essa proporção é mais elevada entre jovens trans (38%) e entre pessoas negras (38%) (ver Figura 10).

Ao analisar as características apontadas pelos(as) respondentes como supostos gatilhos para a violência física, questões como expressão de gênero (20%), aparência (19%) e orientação sexual (20%) foram mencionadas como os principais fatores. Entre estudantes trans, a expressão de gênero (28%) e a identidade de gênero (28%) foram as características mais frequentemente associadas à violência física sofrida (ver Figura 11). Dentro do recorte por raça, estudantes negros(as) que pertencem à comunidade LGBTI+ mencionaram um número maior de gatilhos do que pessoas brancas, de modo geral (ver Figura 12).

Os dados analisados sugerem que as ocorrências de *bullying* em instituições de ensino tendem a refletir e reproduzir preconceitos e desigualdades estruturais presentes na sociedade, notadamente a LGBTIfobia e o racismo. De modo geral, estudantes que se identificam como LGBTI+ relataram vivenciar um ambiente hostil em decorrência de suas identidades. Essa experiência se mostra ainda mais agravada entre estudantes trans e/ou negros(as), reforçando a presença de múltiplas camadas de vulnerabilidade que se interseccionam no contexto educacional.

A pesquisa também indagou os(as) respondentes sobre a ocorrência de situações de assédio sexual na instituição de ensino – por meio de comentários sexuais ou toques inapropriados. Os(as) estudantes responderam sobre esse tema em uma escala de frequência que variava entre “nunca” até “todo dia”. Os dados revelam um quadro preocupante: pouco mais de um terço (34%) relatou já ter sofrido agressões, e, entre eles(as), 5% afirmaram enfrentar essa situação de forma recorrente, com episódios mensais, semanais ou até diários ao longo de 2024.

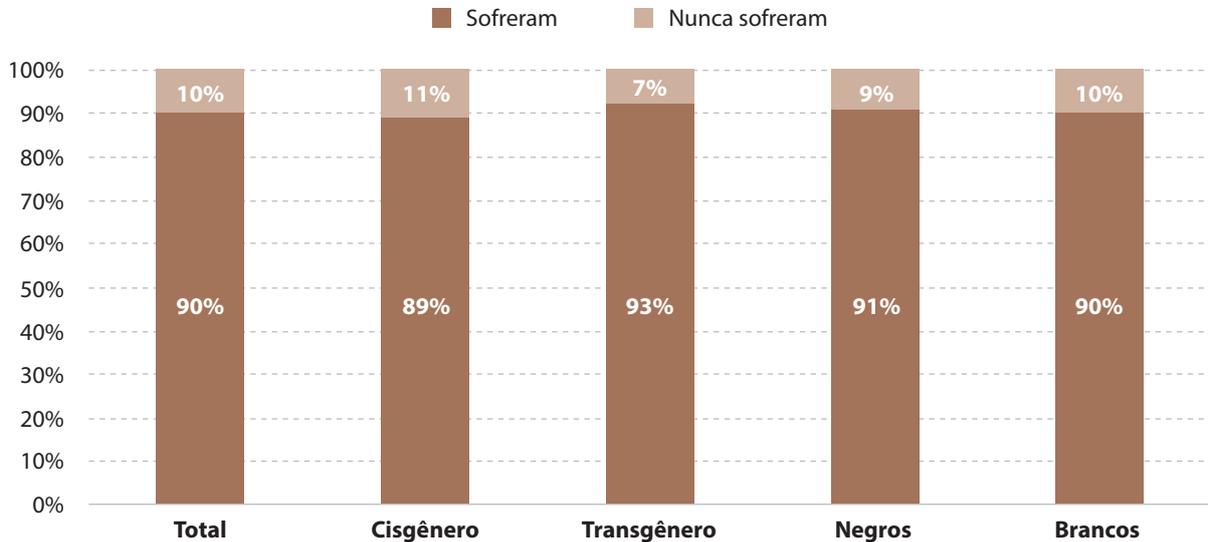
Já sobre a ocorrência de *cyberbullying* – isto é, a ocorrência de intimidações, assédio, humilhação ou agressões por meio de plataformas digitais – 31% dos(as) jovens LGBTI+ afirmaram terem sido vítimas de assédio ou ameaças via telefone, internet ou redes sociais em 2024.

Os(as) principais agressores(as) identificados(as) pelos(as) jovens como praticantes de *bullying* foram outros(as) estudantes (97%). No entanto, chama atenção o fato de que 35% dos(as) entrevistados(as) mencionaram docentes como agressores(as). Membros da gestão escolar (16%) e demais profissionais da unidade de ensino (10%) também foram mencionados(as) (ver Figura 15).

A presença de profissionais da educação como segundo maior tipo de agressor(a) mencionado(a) pelos(as) estudantes pertencentes à comunidade LGBTI+ é especialmente preocupante, pois sugere a falta de preparo das instituições de ensino em tornarem esse espaço inclusivo e democrático. Vale ressaltar que educadores(as) desempenham papel de propagação da discriminação ao serem coniventes com discriminações entre os(as) estudantes e tratá-las como “brincadeiras” (Castro *et. al*, 2004).

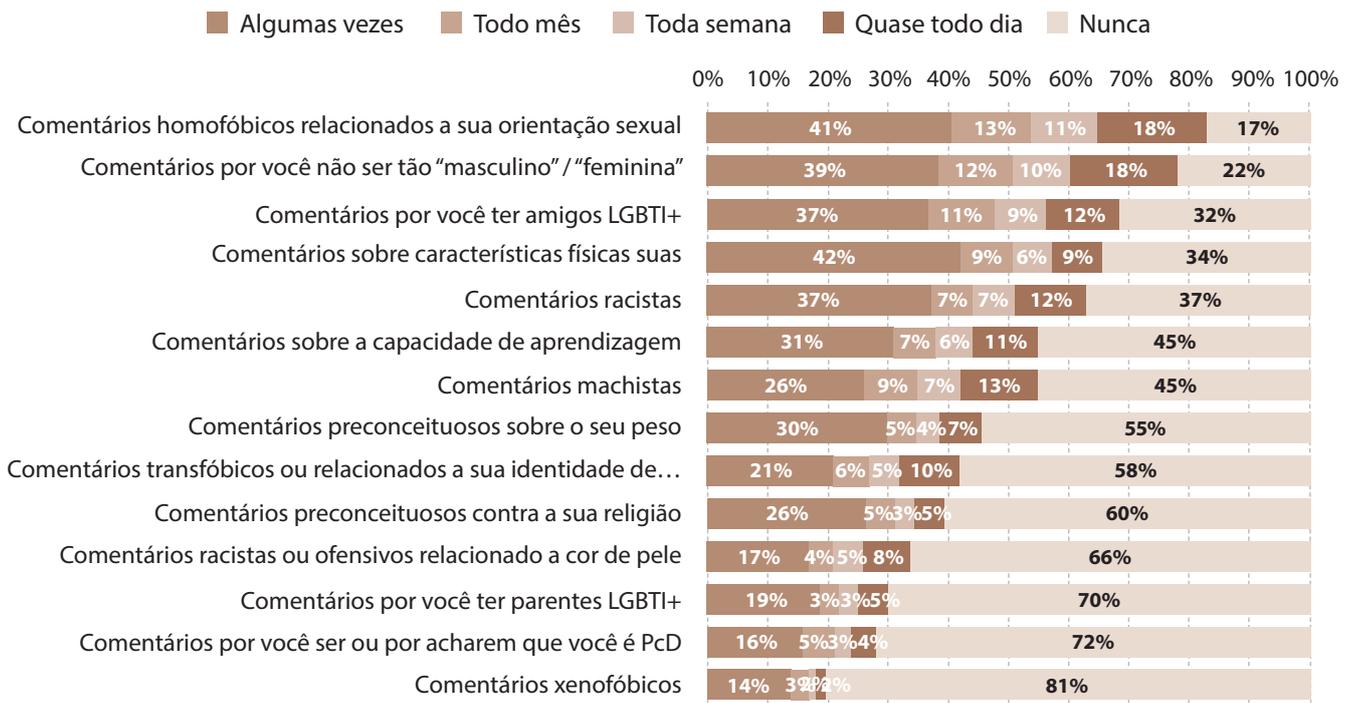
O envolvimento de profissionais de ensino como agressores(as) são fatores que reforçam a urgência de ações concretas de enfrentamento à violência no ambiente educacional contra a população LGBTI+. Garantir um ambiente educacional seguro exige capacitação contínua de educadores(as), canais eficazes de denúncia e maior acesso ao suporte psicológico, de forma a fomentar um maior envolvimento da comunidade ao redor do tema. O compromisso intencional das Secretarias de Educação e das instituições de ensino é essencial para transformar essa realidade e assegurar o respeito à diversidade no ambiente educacional.

Figura 7: Porcentagem de estudantes que sofreram agressões verbais no ano letivo referência (estudantes LGBTI+)



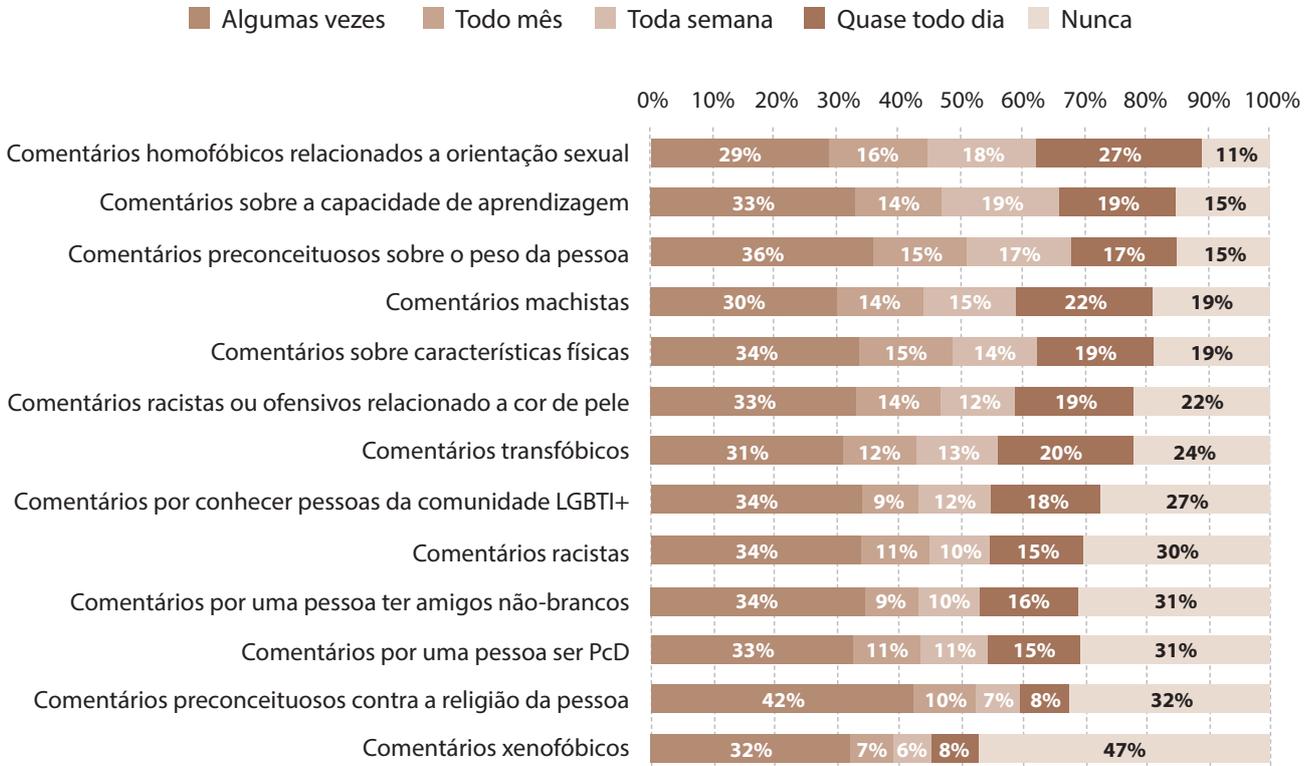
Pergunta: Esse ano você sofreu *bullying* ou algum tipo de agressão verbal (comentários ofensivos), na sua escola [Opções]? | Nunca / Algumas vezes / Todo mês / Toda semana / Quase todo dia. O Figura considera como “sofreram” todos que alegaram ter sofrido agressão verbal pelo menos algumas vezes. | **Bases:** Total (1.170); Cisgênero (750); Transgênero (255); Pessoas brancas (624); Pessoas negras (455).

Figura 8: Frequência com que os(as) jovens relatam ter sofrido agressões verbais nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)



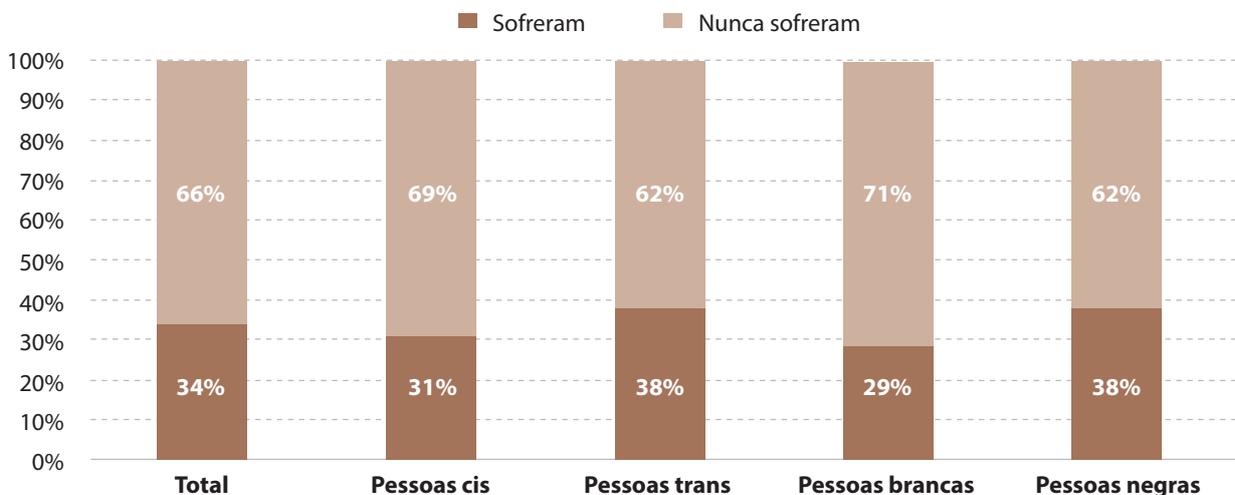
Pergunta: Nesse ano, você sofreu *bullying* ou algum tipo de agressão verbal (comentários ofensivos), na sua escola? [Opções] | **Base** (total): 1.170

Figura 9: Frequência com que os(as) jovens relatam ter presenciado outros(as) estudantes sofrerem agressões verbais nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)



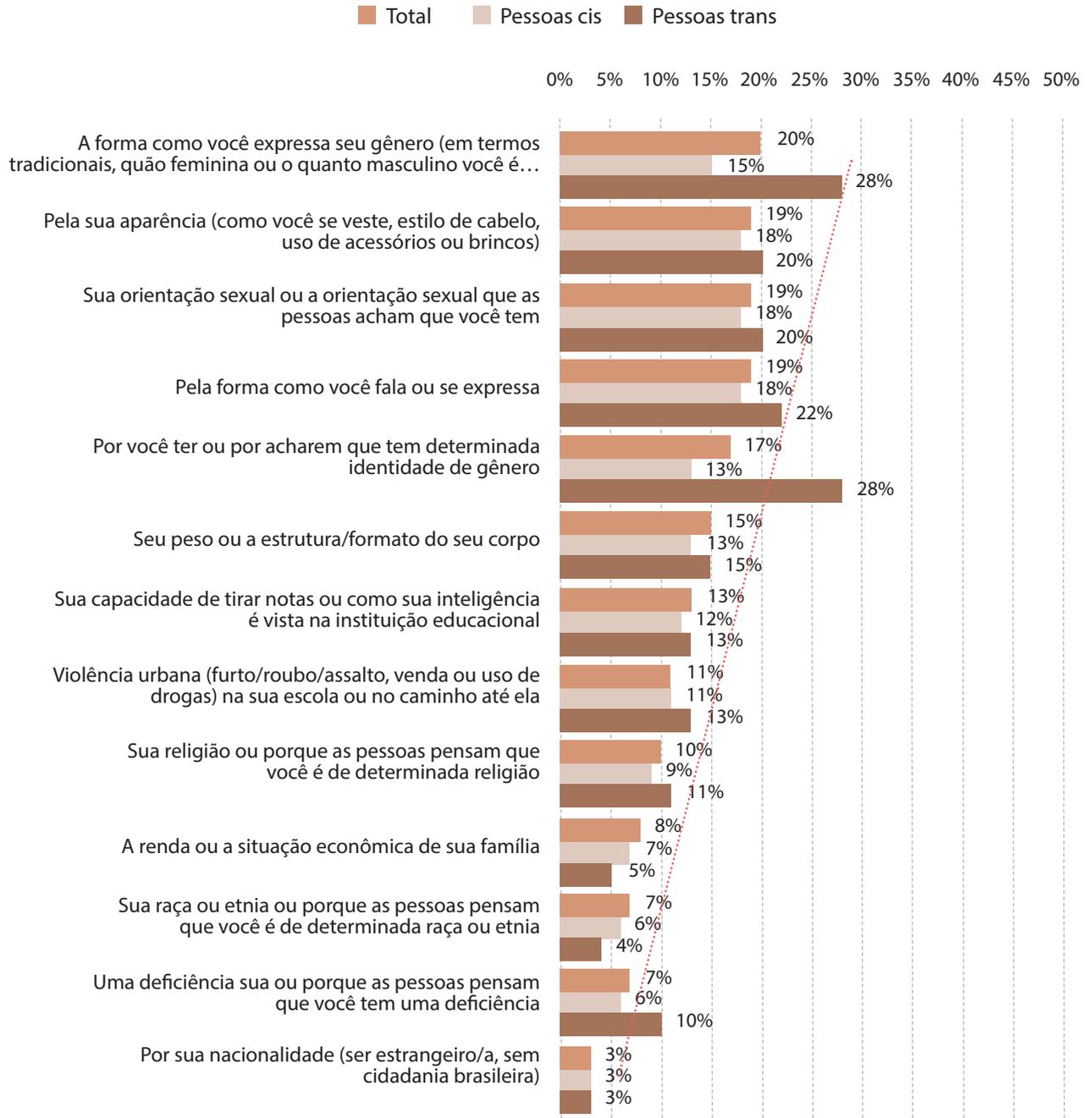
Pergunta: Esse ano você viu alguém da sua escola sofrer bullying ou algum tipo de agressão verbal (comentários ofensivos)? [Opções] | **Base:** Total (1.170)

Figura 10: Porcentagem de jovens que relatam ter sofrido agressões físicas nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)



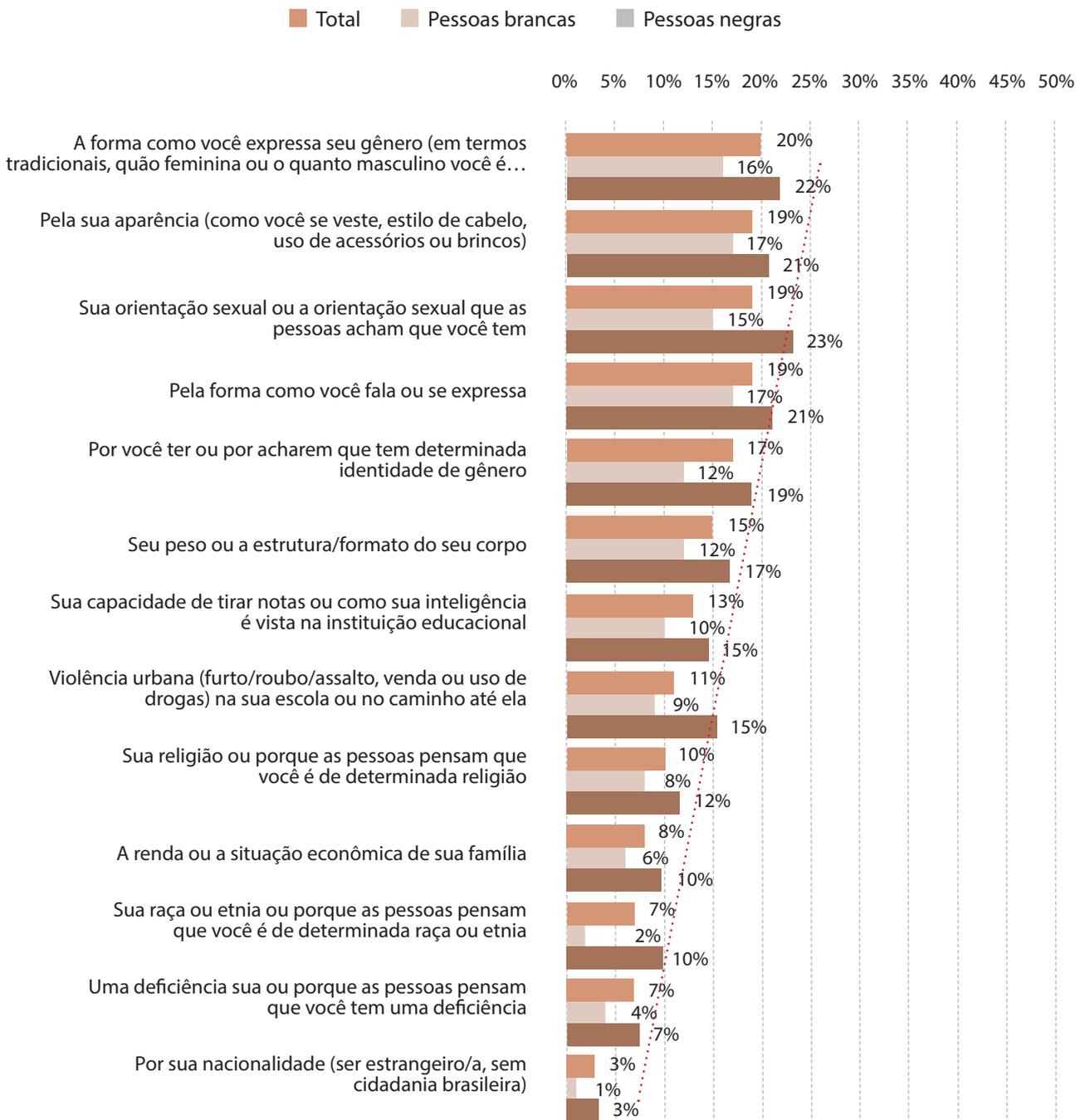
Pergunta: Sobre as características abaixo, considerando o ano de 2024, você entende que sofreu agressões físicas (puxões, empurrões etc.) na sua escola ou no caminho, por conta de/da [opções]. O Figura considera como “sofreram” todos que alegaram ter sofrido agressão física pelo menos uma vez. | **Bases:** Total (1.170); Cisgênero (750); Transgênero (255); Pessoas brancas (624); Pessoas negras (455).

Figura 11: Gatilhos apontados como razões para terem sofrido agressões físicas ao longo de 2024 - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



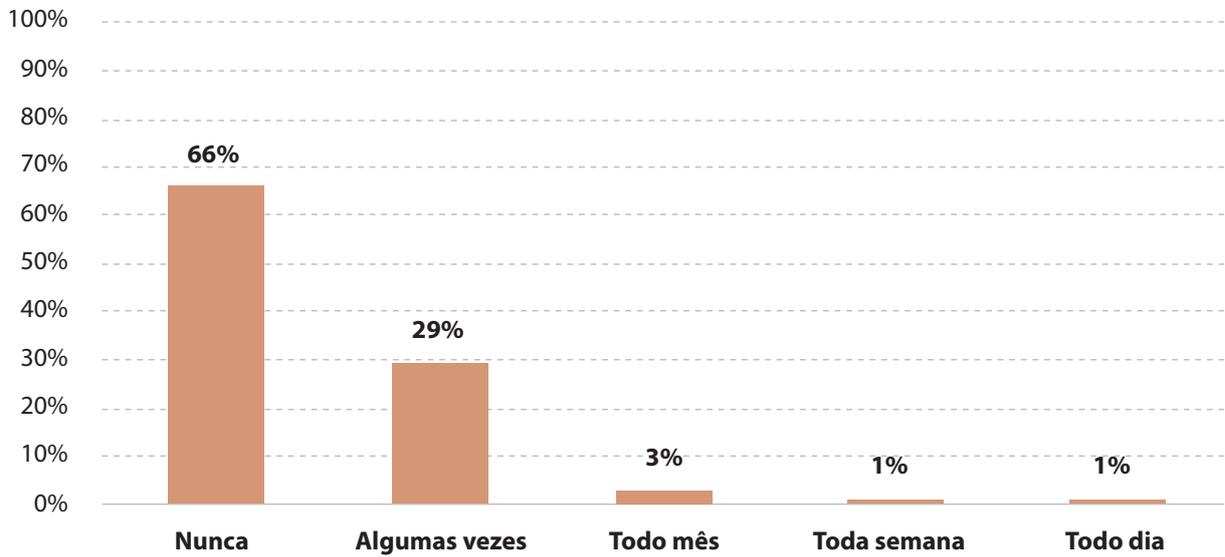
Pergunta: Sobre as características abaixo, considerando o ano de 2024, você entende que sofreu agressões físicas (puxões, empurrões etc.) na sua escola ou no caminho, por conta de/da [opções]. **Bases:** Total (1.170) | Cis (750); Trans (255).

Figura 12: Gatilhos apontados como razões para terem sofrido agressões físicas ao longo de 2024 - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



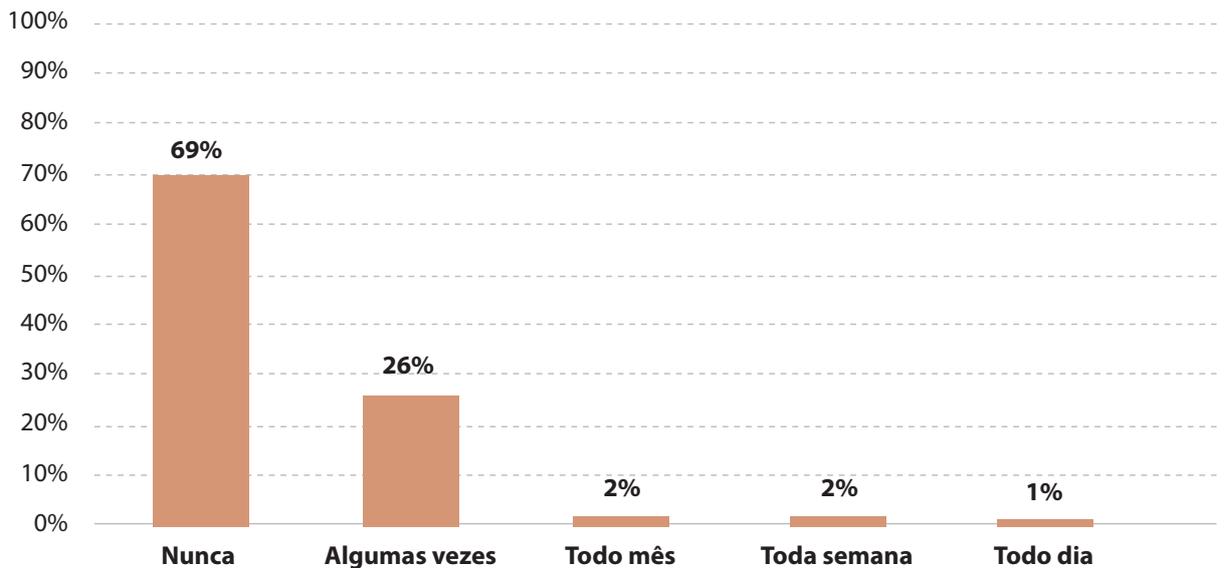
Pergunta: Sobre as características abaixo, considerando o ano de 2024, você entende que sofreu agressões físicas (puxões, empurrões etc.) na sua escola ou no caminho, por conta de/da [opções]. **Bases:** Total (1.170) | pessoas brancas (624); pessoas negras (495).

Figura 13: Frequência que os(as) estudantes relatam terem sofrido assédio sexual nas instituições de ensino (estudantes LGBTI+)



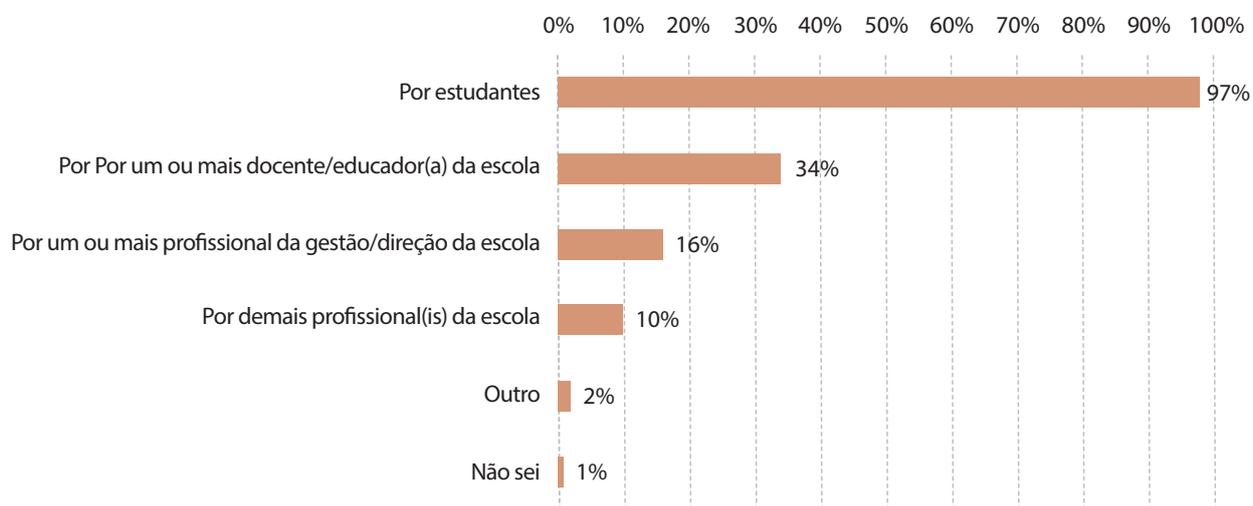
Pergunta: Sofreu assédio sexual na sua escola, por exemplo por meio de comentários sexuais sobre você ou por alguém que tocou no seu corpo de maneira inapropriada, na sua escola? | **Bases:** Total (1.170)

Figura 14: Frequência que os(as) estudantes relatam terem sofrido cyberbullying por parte de colegas da instituição de ensino (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Sofreu assédios ou ameaças por estudantes da sua escola por telefone, pela internet ou mídias sociais (por exemplo, mensagens de texto, e-mails, WhatsApp, Instagram, Twitter ou Facebook)? | **Bases:** Total (1.170).

Figura 15: Agressores(as) mencionados(as) por vítimas de comentários ofensivos, bullying ou LGBTIfobia nas instituições de ensino ao longo de 2024 (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Sobre os comentários ofensivos, *bullying* ou LGBTIfobia que você ou outras pessoas que estudam na sua escola sofreram nesse ano, eles foram feitos por quem? | **Base** (estudantes LGBTI+ que sofreram *bullying*/agressão verbal): 1.170

Parte 3: Redes de apoio

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



Situações de violência representam importantes fatores de risco psicossocial para jovens. A literatura especializada tem enfatizado o papel das redes de apoio e das relações de confiança como elementos fundamentais de proteção. Esses vínculos contribuem para o desenvolvimento da resiliência social, emocional e acadêmica, na medida em que ajudam a atenuar os efeitos negativos das adversidades cotidianas e oferecem caminhos possíveis para lidar com conflitos e desafios (Amparo *et al.*, 2008).

Além disso, estudos anteriores apontam o *bullying* e a violência nas instituições de ensino como causas recorrentes de afastamento e evasão. Em contrapartida, o suporte oferecido por amigos(as), professores(as) e familiares aparece, nas narrativas dos(as) próprios(as) estudantes, como uma rede de apoio fundamental frente às dificuldades vividas no ambiente educacional (Plano CDE, 2019).

No contexto social em que vivemos, ainda marcado por fortes desigualdades e pela persistência de preconceitos, não é incomum que pessoas LGBTI+ enfrentem situações de discriminação em múltiplos espaços – e, muitas vezes, no próprio ambiente familiar. Diante disso, compreender como jovens LGBTI+ vivenciam essas experiências na instituição de ensino e de que formas acessam redes de apoio e vínculos de confiança torna-se central para pensar estratégias de enfrentamento e acolhimento.

Afinal, a quem esses(as) jovens recorrem quando se deparam com situações de violência e exclusão? Para responder essa pergunta, esse tópico apresenta a seção “Sofrimento por *bullying* e busca por apoio”. **Veremos que a maioria dos(as) jovens enfrenta as situações discriminatórias em solidão, ou conta somente com amigos(as). Além disso, aqueles(as) que relatam situações discriminatórias à instituição de ensino costumam perceber as respostas institucionais como ineficazes.**

Diante desse cenário, cabe uma pergunta adicional: **quais espaços, pessoas ou instituições ocupam o lugar de confiança desses(as) estudantes?** A seção “Relações interpessoais e vínculos de confiança” mobiliza informações que mostram como **as redes de apoio dos(as) estudantes LGBTI+ são frágeis, muito centradas em laços de amizade – mas, principalmente, amigos(as) fora da unidade educacional.**

Na seção “Demandas por apoio e acolhimento”, são apresentados os dados de acesso à atendimento psicossocial nas instituições de ensino dos(as) respondentes, com o recorte específico por tipo de rede educacional frequentada (instituições públicas e privadas). **Os resultados sugerem que há demandas não atendidas por atendimento psicossocial, principalmente entre estudantes de instituições públicas de educação.**

Por fim, na seção “Visibilidade da comunidade LGBTI+ em atividades educacionais”, apresentamos os resultados da pesquisa no que diz respeito às iniciativas que as instituições educacionais têm mobilizado para ampliar o diálogo sobre questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual.

6.1 Sofrimento por *bullying* e busca por apoio

Entre estudantes que sofreram *bullying*, grande parte alegou nunca ter conversado com alguém sobre a situação ocorrida (39%). Uma parcela muito pequena relata ter buscado apoio “na maioria das vezes” (9%) e “sempre” (6%). Na comparação entre estudantes da rede pública e estudantes de rede privada, os resultados sugerem que mais estudantes da rede privada tendem a buscar ajuda com frequência – 9% afirmaram ter buscado ajuda na maioria das vezes, contra 4% entre jovens de instituições públicas.

Quando questionados(as) sobre quem foi a pessoa com a qual buscaram conversar sobre a situação de *bullying* sofrida, estudantes mencionaram amigos(as) como sua principal fonte de apoio (44%). Outras pessoas como familiares (10%), pessoas da gestão educacional (9%), docentes (8%) e profissionais de psicologia (8%) foram citados(as) em menor proporção.

Nesse quesito, a comparação entre estudantes de rede pública e privada mostra que a ajuda de um(a) profissional de psico-

logia foi mais mencionada por respondentes que frequentam instituições de ensino privadas (13%) do que por aqueles(as) de instituições de ensino públicas (6%). As disparidades sugeridas pelos dados podem estar relacionadas a diversos fatores, como por exemplo diferenças de poder aquisitivo familiar, disponibilidade de profissionais nas unidades educacionais, ou mesmo ao acesso à informação e orientações no âmbito das instituições de ensino.

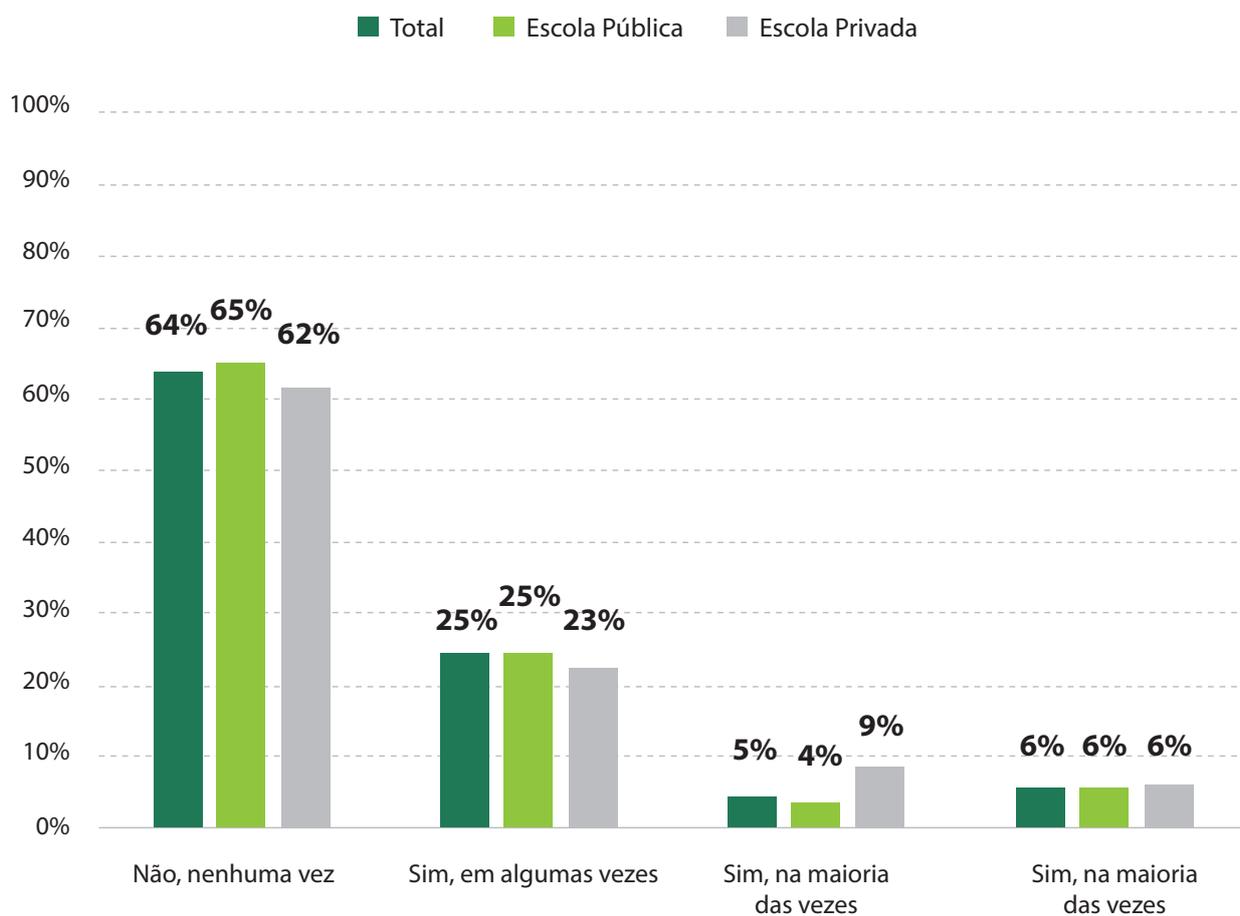
O enfrentamento do *bullying* e da violência educacional contra estudantes LGBTI+ depende, em grande medida, do engajamento da comunidade educacional e da atuação da gestão na mediação e resolução de casos reportados. Para apoiar esse engajamento, fazem-se necessárias políticas públicas e ações intersetoriais das Secretarias de Educação e de Saúde, que podem construir diretrizes claras e apoio na formação de profissionais, além de fomentar mecanismos de proteção dos(as) estudantes.

Para compreender, ainda que de forma preliminar, como as instituições de ensino brasileiras têm lidado com essas situações, esta pesquisa também investigou a percepção de eficácia das respostas institucionais entre estudantes que buscaram apoio de funcionários da instituição, incluindo gestores(as), docentes e demais profissionais. Os resultados revelam um cenário preocupante: a maioria dos(as) respondentes (69%) afirmou que nenhuma providência foi tomada. Entre aqueles(as) que relata-

ram alguma ação por parte da instituição (31%), 86% avaliaram as medidas como pouco ou nada eficazes (ver Figura 16), indicando uma potencial lacuna na formação destes(as) profissionais no preparo para lidar com questões de violência e *bullying*.

Os achados desta seção indicam que o cenário de persistência do *bullying* e da violência educacional contra estudantes da comunidade LGBTI+ pode ser agravado pela ineficácia das respostas institucionais dentro do tema.

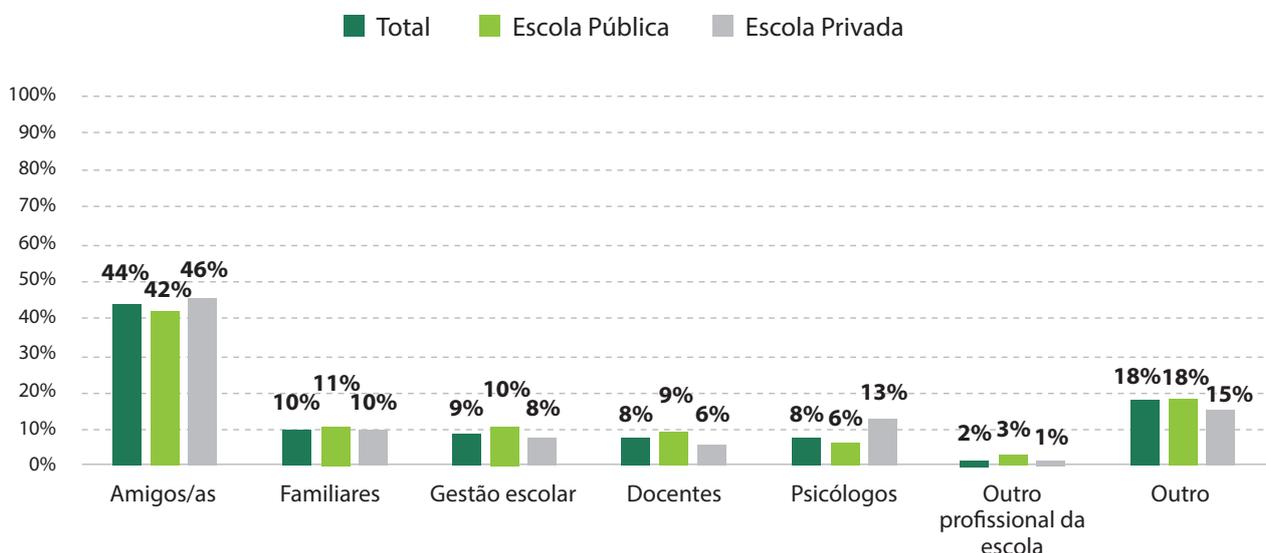
Figura 16: Frequência com que estudantes denunciaram/contaram a alguém sobre os incidentes de agressão ou violência sofridos ao longo de 2024 - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+ que sofreram agressão ou bullying)



Pergunta: Você contou ou conversou com alguém quando sofreu algum tipo de *bullying* ou agressão esse ano?

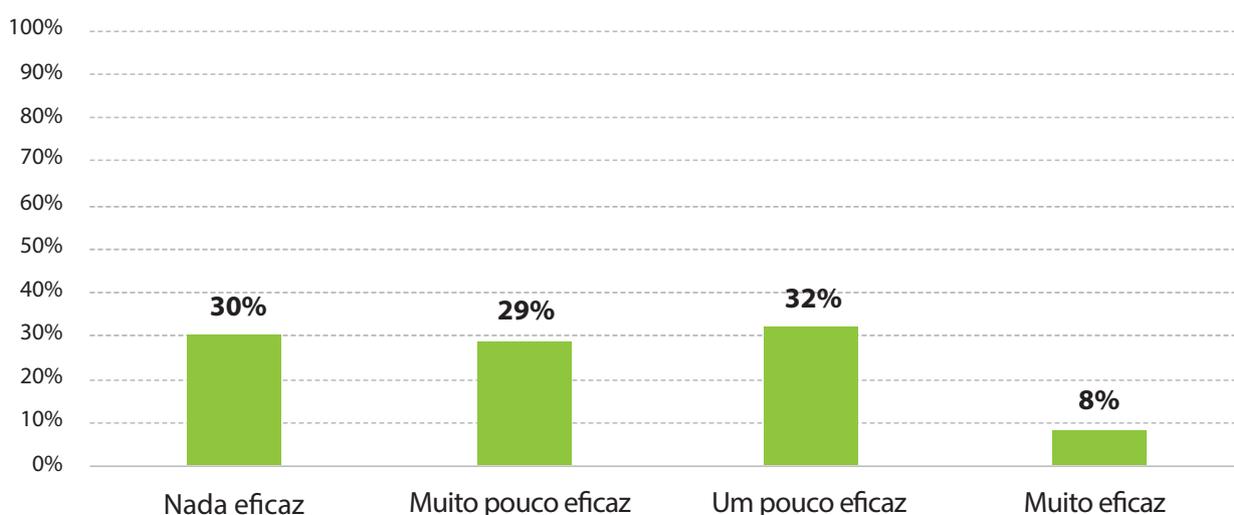
Bases: Total de estudantes que sofreram bullying (1.050); Escola Pública (757); Escola Privada (293).

Figura 17: Pessoa com quem os(as) estudantes vítimas de incidentes conversaram sobre a agressão ou violência sofrida - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+ que sofreram agressões e delataram a alguém)



Pergunta: Com quem você conversou? | **Bases:** Total de estudantes que conversaram com alguém (640); Instituições de ensino Públicas (455); Instituições de ensino Privadas (185).

Figura 18: Percepção dos(as) estudantes sobre as providências tomadas por agentes da instituição de ensino após denunciar o incidente sofrido internamente (estudantes LGBTI+ que sofreram agressões e delataram a alguém que atua na instituição de ensino)



Pergunta: Quanto você considera que essas providências foram eficazes? | **Base:** pessoas que delataram para funcionários da escola e que afirmaram que providências foram tomadas – Total: 64;

6.2 Relações interpessoais e vínculos de confiança

Para compreender com mais profundidade as circunstâncias sociais vividas por jovens LGBTI+, o questionário aplicado incluiu um conjunto de perguntas voltadas às relações interpessoais dos(as) respondentes, bem como ao grau de satisfação com suas amizades, vínculos familiares e vida educacional de forma mais ampla.

Ao questioná-los(as) sobre suas redes de amizade na instituição de ensino, oferecemos opções para que assinalassem a frase com a qual mais se identificavam, em uma gradação crescente sobre a quantidade de vínculos: (1) fiz/tenho algumas amizades; (2) fiz/tenho muitas amizades; (3) não fiz/tenho amizades na instituição de ensino. Nesse sentido, 70% dos(as) estudantes LGBTI+ afirmaram ter ‘algumas amizades’ no ambiente educacional.

A análise entre subgrupos sugere que a identidade de gênero trans pode estar relacionada a maiores barreiras na formação de vínculos no ambiente educacional: estudantes trans relataram ter menos amizades em comparação com seus pares cisgênero, de uma maneira geral. Do total, 22% afirmaram ter muitas amizades na instituição de ensino, sendo essa proporção menor entre jovens trans (14%). Por outro lado, 7% do total disse não ter feito amizades no ambiente educacional – entre estudantes trans, esse percentual sobe para 12% (ver Figura 17). A análise por recorte racial (entre pessoas brancas e negras) não mostrou diferenças.

Esse cenário, marcado por vínculos afetivos limitados no espaço educacional, ajuda a contextualizar os resultados que revelam altos níveis de insatisfação dos(as) respondentes em relação as diversas áreas da vida.

Uma parcela relevante dos(as) respondentes LGBTI+ relatou estar completamente descontente com sua vida estudantil (21%), consigo próprios(as) (19%) e com suas relações familiares (15%). Em contraste, as amizades aparecem como um aspecto relativamente mais positivo. **Ainda assim, a diferença entre os vínculos dentro e fora do ambiente educacional é expressiva:** 28% dos(as) estudantes relataram estar completamente satisfeitos(as) com as amizades fora desse ambiente, enquanto apenas 22% afirmaram o mesmo em relação às amizades construídas na unidade de ensino (ver Figura 20).

Ao analisar os níveis de satisfação por identidade de gênero e raça, percebe-se que o descontentamento é mais acentuado entre respondentes trans e/ou negros(as). Esses grupos apresentam índices de insatisfação superiores aos de seus pares cisgênero e brancos(as), respectivamente (ver Figuras 20 e 21).

Esse cenário é corroborado pela pesquisa “Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do ambiente escolar brasileiro”, realizada pelo Grupo Dignidade (2022), que revelou que 77,5% dos familiares e responsáveis de crianças e adolescentes trans relataram episódios de *bullying* dentro das instituições de ensino.

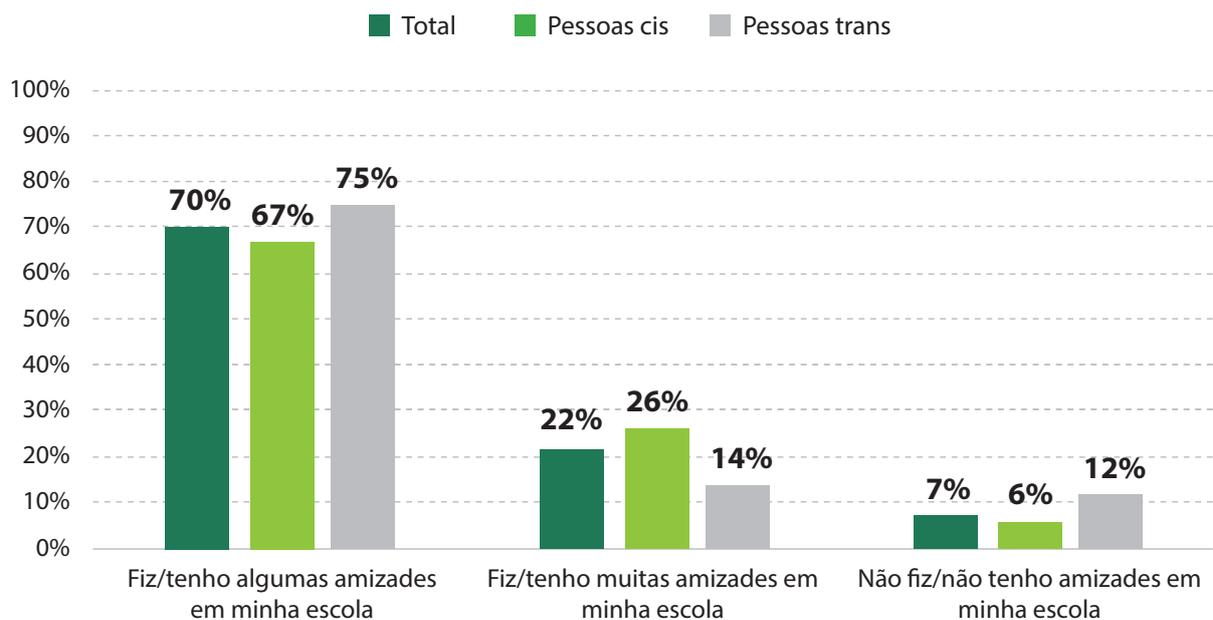
O estudo destaca que a instituição de ensino ainda não é um ambiente seguro para jovens trans e travestis, evidenciando que muitas instituições não estão preparadas para lidar com a diversidade de gênero.

Essa realidade de exclusão e violência no ambiente educacional contribui para um ciclo de vulnerabilidade social que persiste na vida adulta, como aponta o Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2024, da ANTRA (Benevides, 2025). O relatório mostra que o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, com altos índices de subnotificação de agressões. A falta de proteção nas instituições de ensino está diretamente ligada à evasão escolar precoce, limitando oportunidades profissio-

nais e aumentando a exposição a riscos como violência urbana e exploração sexual. Como consequência, cria-se um ambiente hostil e excludente, que compromete tanto a formação educacional quanto o bem-estar emocional dessas populações, reforçando desigualdades estruturais que persistem mesmo após a vida escolar.

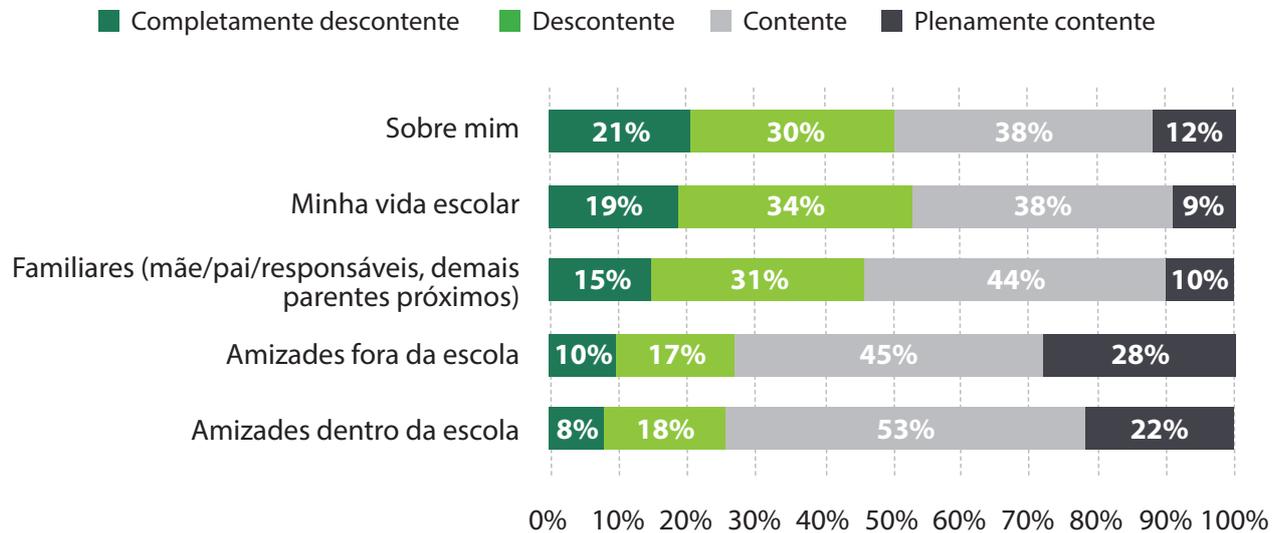
Esses achados indicam a necessidade de fortalecer políticas e práticas educacionais voltadas à construção de ambientes mais acolhedores e inclusivos, nos quais todos(as) os(as) estudantes, independentemente de sua identidade de gênero, orientação sexual, etnia ou características físicas, possam desenvolver vínculos de apoio e se sentir pertencentes e valorizados(as).

Figura 19: Declaração dos(as) estudantes sobre sua rede de amigas na instituição de ensino - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



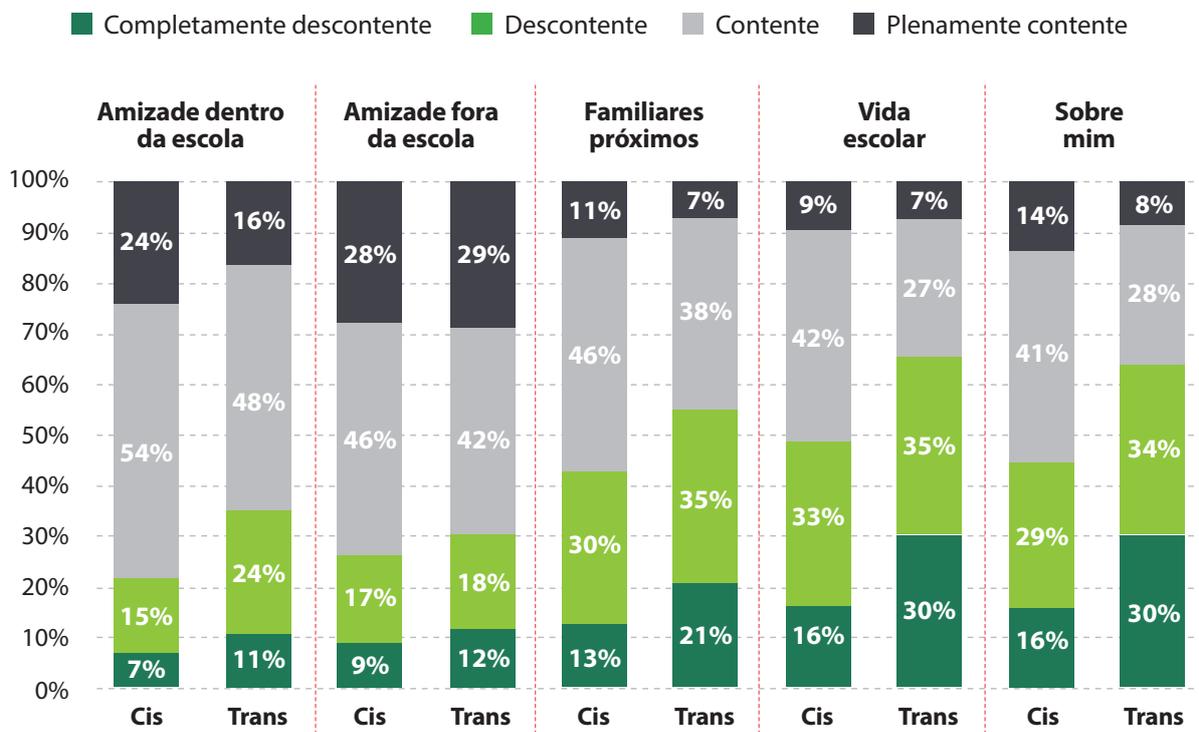
Pergunta: Pensando na sua rede de amigas, com qual das frases abaixo você mais se identifica? | **Bases:** Total (1.170); Cis (750); Trans (255).

Figura 20: Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais (estudantes LGBTI+)



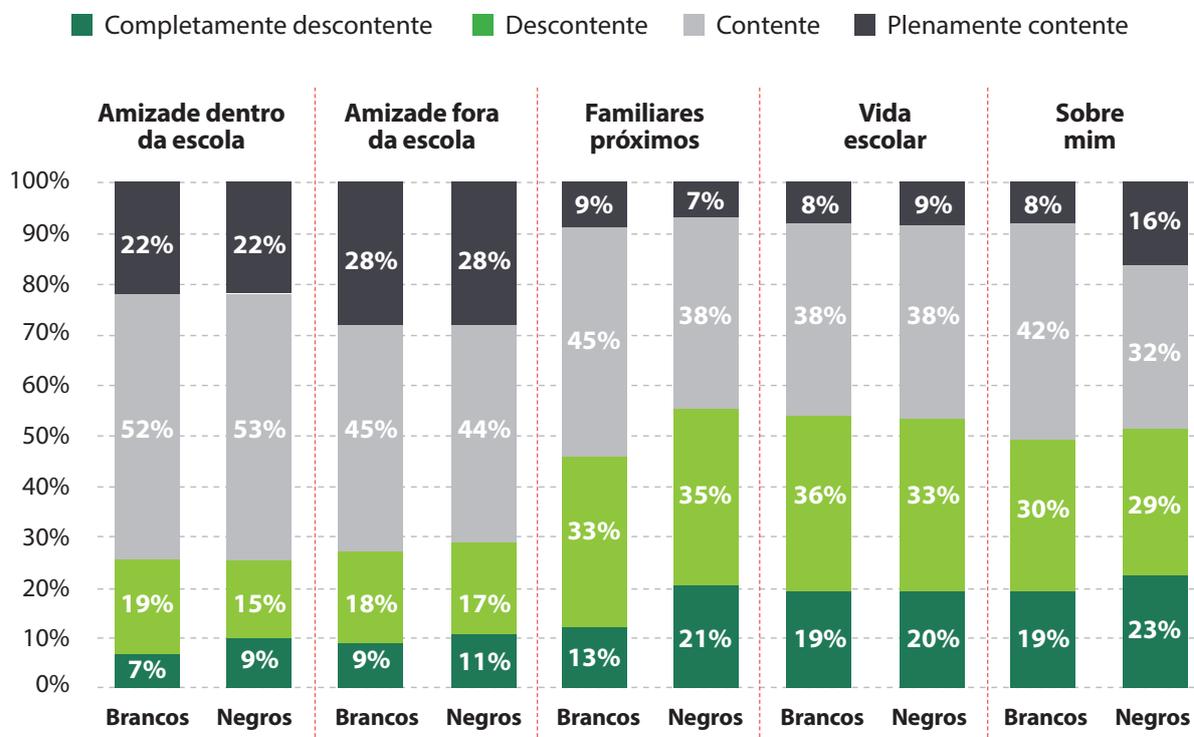
Pergunta: De forma geral, você sente satisfação/se sente contente quanto às áreas da sua vida/seus espaços sociais e suas relações com/sobre: | **Base** (total): 1.170

Figura 21: Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: De forma geral, você sente satisfação/se sente contente quanto às áreas da sua vida/seus espaços sociais e suas relações com/sobre: | **Base** Cis: 750; Trans: 255

Figura 22: Satisfação dos(as) estudantes com relação às suas relações interpessoais - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



Pergunta: De forma geral, você sente satisfação/se sente contente quanto às áreas da sua vida/seus espaços sociais e suas relações? (opções) | **Base:** Pessoas brancas: 624; Pessoas negras: 495

6.3 Demandas por apoio e acolhimento

Os(as) respondentes também foram questionados(as) sobre sua necessidade ou desejo de conversar com alguém sobre suas inseguranças. Esse ponto foi explorado tanto de forma genérica – sobre inseguranças, no geral – como de maneira específica, sobre inseguranças relacionadas à identidade de gênero e à orientação sexual.

Quando se trata de inseguranças de modo geral, a maioria dos(as) estudantes expressou a necessidade ou vontade de conversar

com alguém sobre o assunto. Entre eles(as), 56% relataram sentir essa necessidade com frequência moderada (“às vezes”), enquanto 29% afirmaram sentir essa demanda com alta frequência (“sempre”). Essa necessidade se mostrou ainda mais presente entre estudantes trans, dos(as) quais 33% indicaram sentir essa demanda com alta frequência em comparação com 28% das pessoas cisgênero (ver Figura 19).

A demanda por apoio torna-se ainda mais evidente quando o tema envolve questões

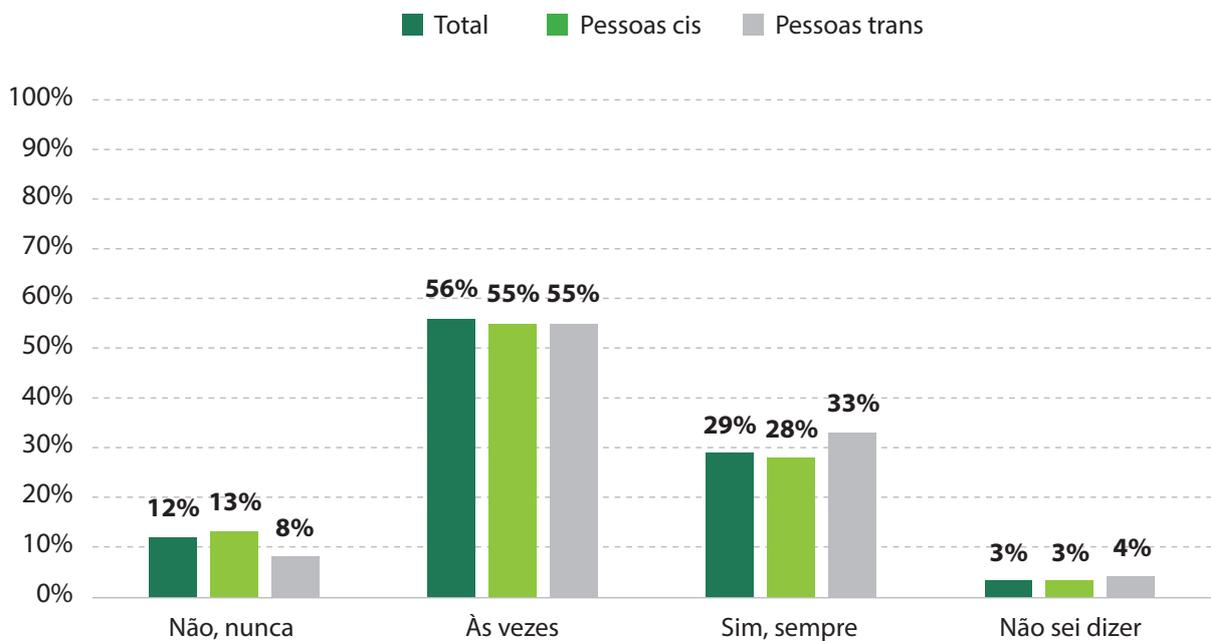
da comunidade LGBTI+, como identidade de gênero e orientação sexual. Nesse contexto, 57% dos(as) estudantes afirmaram sentir essa necessidade com alta frequência, percentual ainda mais elevado entre estudantes trans (64%) (ver Figura 20).

Os(as) participantes também foram perguntados(as) sobre com quais grupos se sentiriam mais à vontade e confiantes para conversar sobre temas relacionados à comunidade LGBTI+. Neste tema, 67% afirmaram que “com certeza falaria(m)” com amigos(as), profissionais de psicologia da instituição (22%) e docentes (13%). Contudo, há uma alta rejeição para falar sobre

esses temas com profissionais da unidade de ensino (66%), gestores(as) educacionais (51%) e familiares ou responsáveis (57%) (ver Figura 21).

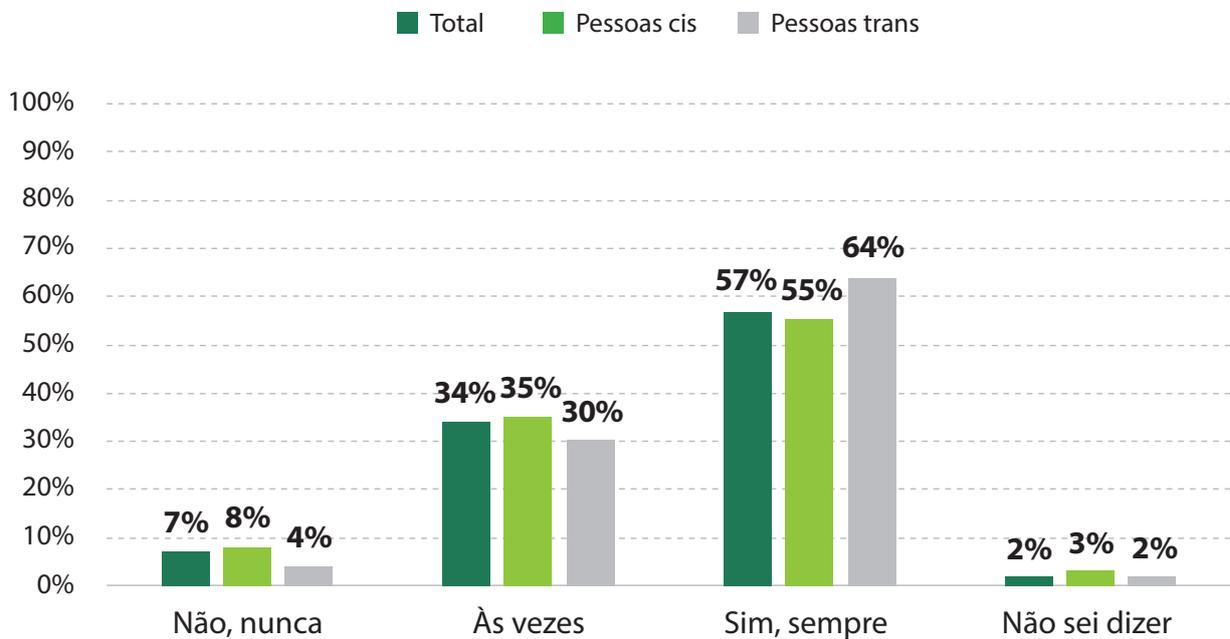
No que diz respeito a questões étnico-raciais, 69% dos(as) jovens LGBTI+ negros(as) gostariam de conversar sobre o assunto. Destes, 64% falaria(m) com amigos(as), enquanto 35% procurariam familiares e/ou profissionais de psicologia. Profissionais da gestão educacional (26%), outros(as) adultos(as) (20%) e outros(as) profissionais da instituição (20%) são menos procurados(as) e sofrem alta rejeição (ver Figura 22).

Figura 23: Declaração dos(as) estudantes sobre se gostariam de conversar com alguém sobre suas inseguranças (estudantes LGBTI+)



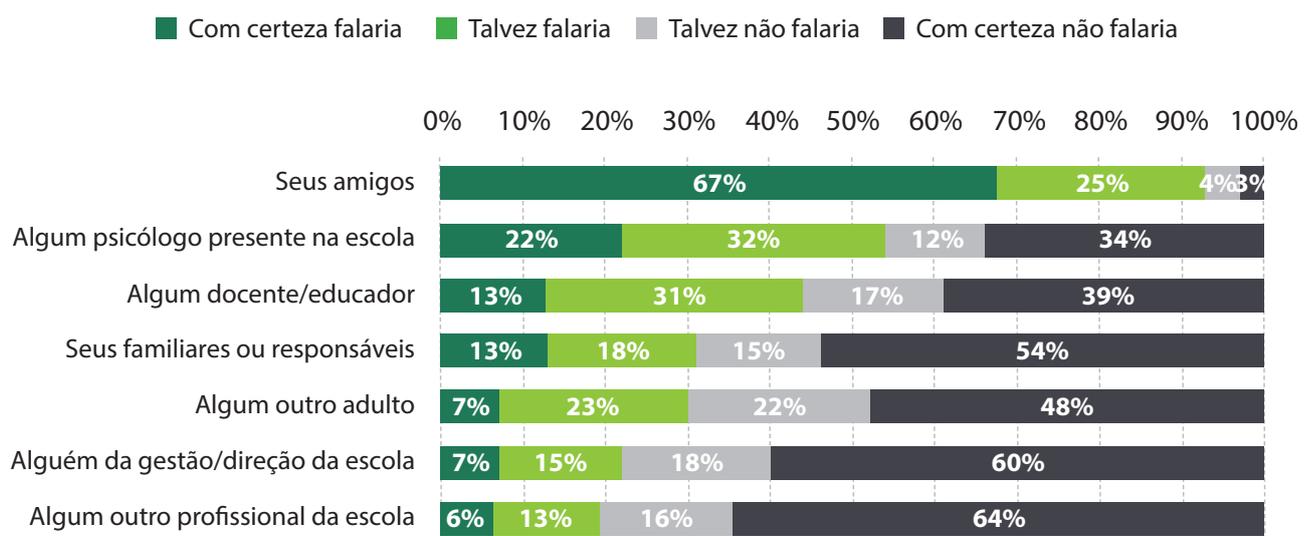
Pergunta: Você sente necessidade/gostaria de poder conversar com outras pessoas sobre suas inseguranças? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas cis (750); Pessoas trans (255).

Figura 24: Declaração dos(as) estudantes sobre se gostariam de conversar com alguém sobre inseguranças em temas que envolvem a comunidade LGBTI+: recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



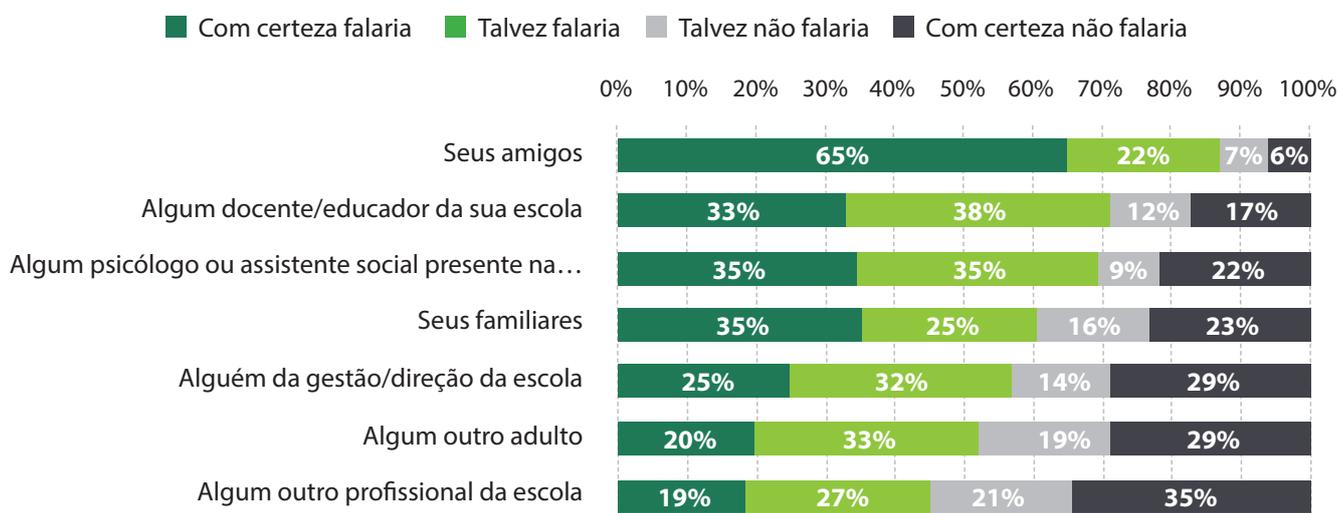
Pergunta: Você sente necessidade/gostaria de poder conversar com outras pessoas sobre temáticas e situações que envolvem a comunidade LGBTI+? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas cis (750); Pessoas trans (255).

Figura 25: Pessoas com quem os(as) estudantes LGBTI+ com interesse em falar sobre suas inseguranças em relação às temáticas LGBTI+ conversariam (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Se você quisesse conversar com alguém sobre questões referentes a identidade de gênero, orientação sexual ou outras questões que envolvem a comunidade LGBTI+, qual a chance de você falar com: | **Base** (estudantes LGBTI+ que gostariam de falar com alguém sobre as temáticas LGBTI+): 1015

Figura 26: Pessoas com quem os(as) estudantes LGBTI+ negros(as) (pessoas pretas e pardas) com interesse em falar sobre suas inseguranças em temas étnico raciais conversariam (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Se você quisesse conversar com alguém sobre questões referentes a questões étnico-raciais (como casos de preconceito/discriminação ou cultura e pertencimento), qual a chance de você falar com: | **Base** (estudantes LGBTI+ negros/as que gostariam de falar com questões raciais): 280

6.3.1 Acesso a atendimento psicossocial na instituição de ensino

Apesar da alta demanda por profissionais de psicologia nas instituições de ensino, **apenas 39% dos(as) estudantes afirmaram que estes(as) profissionais de psicologia ou assistentes sociais estão presentes na unidade de ensino que frequentam.** Ao observar o acesso à suporte psicossocial no ambiente educacional comparando-se estudantes de instituições de ensino públicas àqueles(as) de instituições privadas, os resultados sugerem que há desigualdades – é importante, porém, considerar que a amostra desta pesquisa não é probabilística, o que limita inferên-

cias generalizáveis sobre o cenário nacional (ver Figura 23).

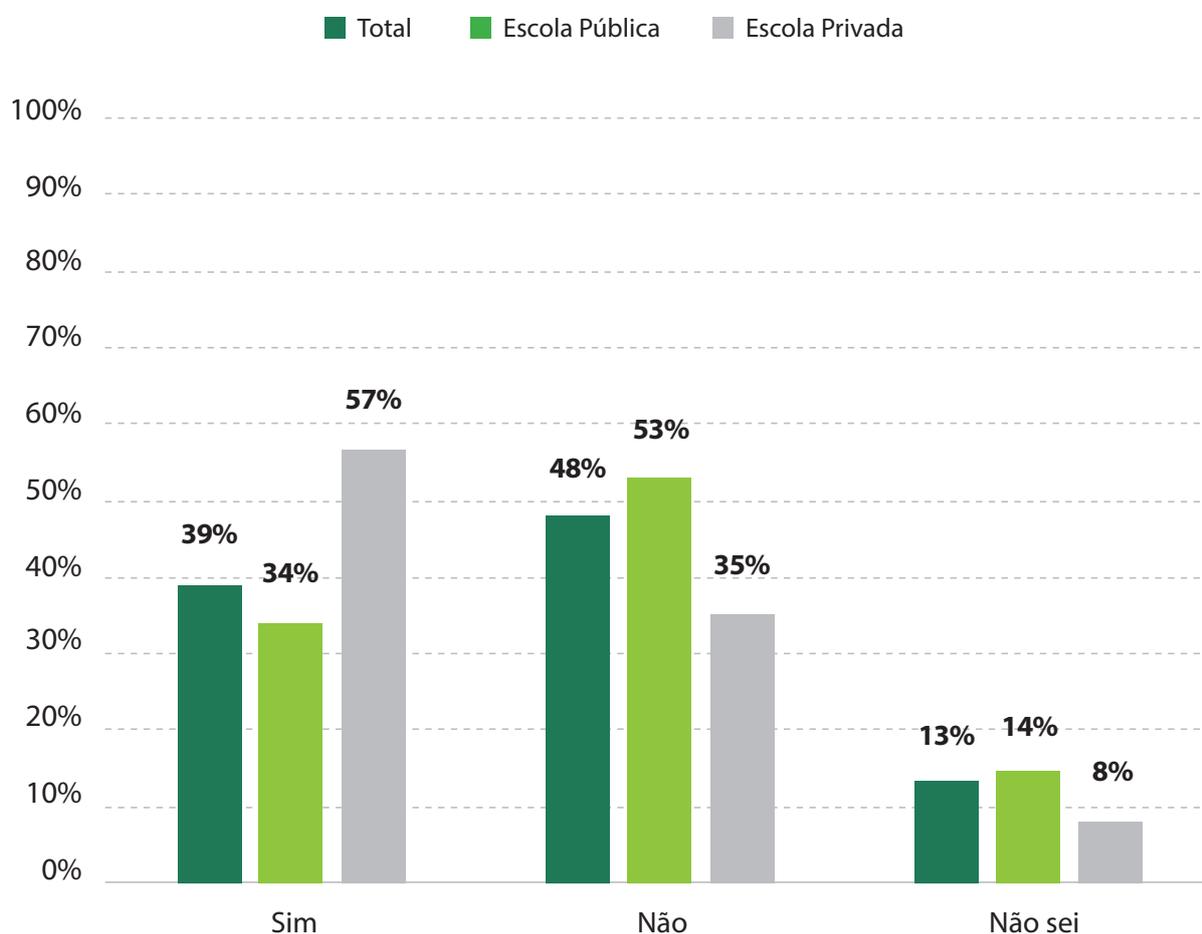
Mesmo entre aqueles(as) que acessam esse tipo de atendimento na unidade educacional frequentada, o acesso se mostrou desigual – enquanto 55% dos(as) jovens de instituições de ensino públicas afirmam ter profissionais disponíveis pelo menos uma vez na semana, a proporção é de 73% entre aqueles(as) que frequentam instituições de ensino privadas (ver Figura 23).

A percepção do quão “fácil” é o acesso a esse atendimento também parece ser influenciada pelo tipo de instituição frequentada

– 39% dos(as) estudantes de instituições de ensino privadas consideram o atendimento acessível, contra 32% daqueles(as) de instituições de ensino públicas (ver Figura 24). É importante pontuar que as disparidades

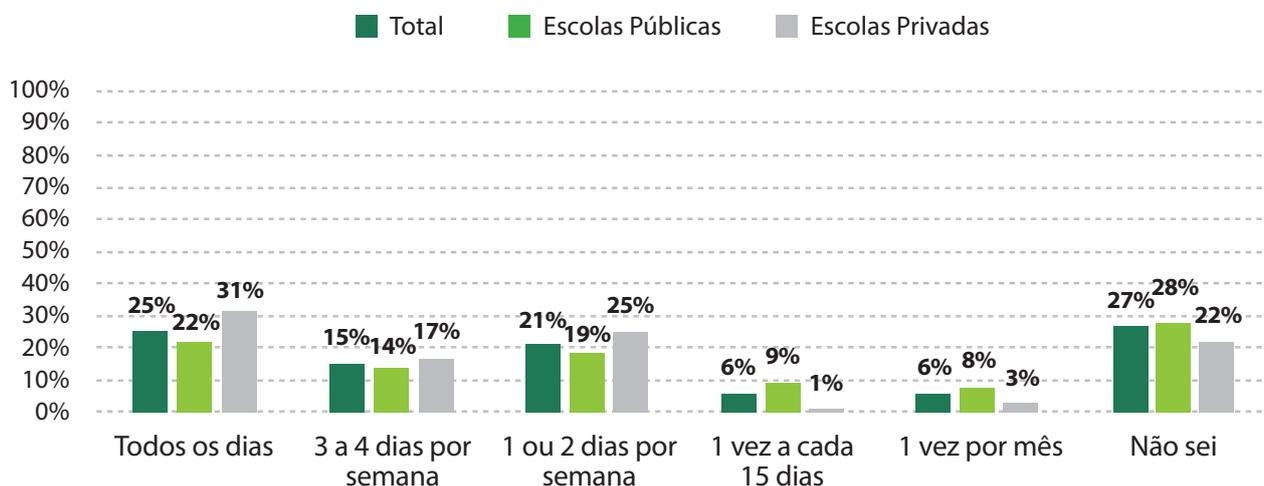
nos níveis de percepção podem ser fruto de diferenças entre as instituições públicas e privadas como protocolos de atendimento, qualidade e/ou frequência na oferta do serviço.

Figura 27: Porcentagem de estudantes que possuem profissionais de psicologia ou assistentes sociais nas instituições de ensino - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+)



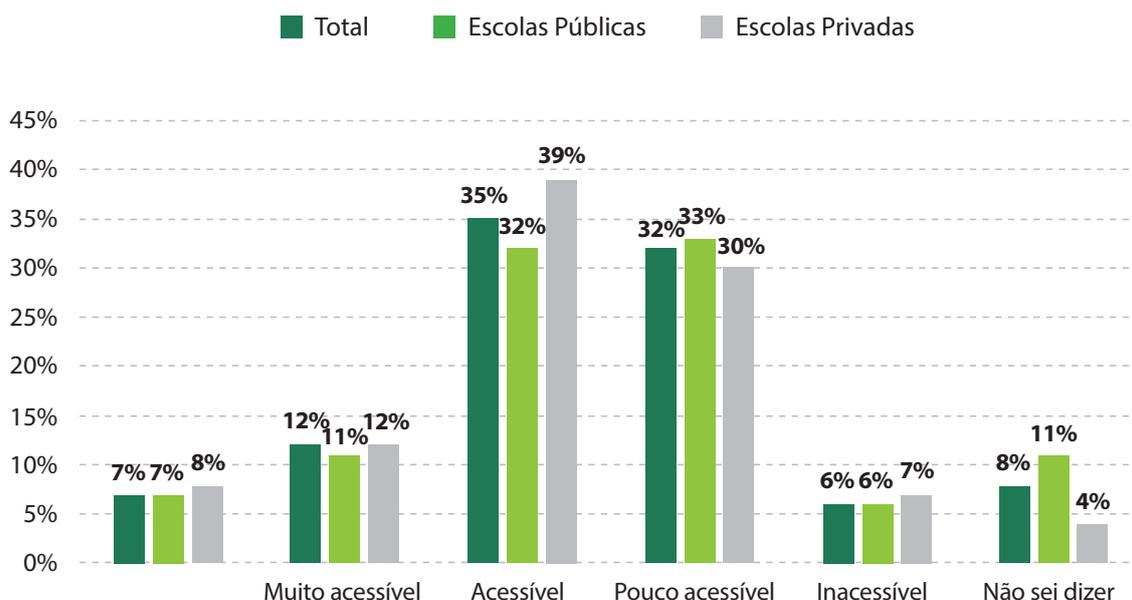
Pergunta: Na sua escola ou rede de ensino tem algum profissional de psicologia ou assistente social presente? **Bases:** Total (1.170); Estudantes de Instituições de ensino Públicas (849); Estudantes de Instituições de ensino Privadas (321).

Figura 28: Frequência com que profissionais de psicologia ou assistentes sociais estão disponíveis nas instituições de ensino que contam com esse tipo de profissional - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Na sua escola ou rede de ensino tem algum profissional de psicologia ou assistente social presente? | **Bases:** Total de estudantes que possuem profissionais de psicologia nas instituições de ensino (463); estudantes de Instituições de ensino Públicas (271); estudantes de Instituições de ensino Privadas (178).

Figura 29: Avaliação dos(as) estudantes sobre a possibilidade de acesso aos profissionais de psicologia ou assistência social nas instituições de ensino - recorte por natureza da instituição de ensino (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Como você avalia a possibilidade de acesso a esse profissional? Pense em quando você ou algum colega precisaram dos serviços dele. | **Bases:** Total de estudantes que possuem profissionais de psicologia nas instituições de ensino (463); estudantes de Instituições de ensino Públicas (271); estudantes de Instituições de ensino Privadas (178).

6.4 Visibilidade da comunidade LGBTI+ em atividades educacionais

Promover um ambiente educacional seguro e inclusivo é fundamental para enfrentar a violência e a discriminação. Nesse sentido, iniciativas educativas, como aulas, palestras e rodas de conversa, desempenham um papel crucial na conscientização e na construção de um espaço mais respeitoso. Para compreender em que medida as unidades educacionais brasileiras têm sido promotoras desse tipo de iniciativa, questionamos os(as) estudantes sobre as atividades que participaram no ambiente educacional que frequentaram ao longo do ano 2024.

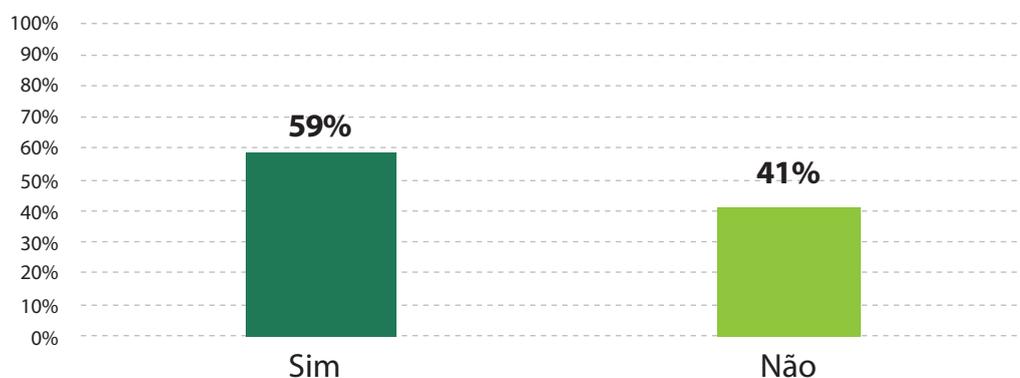
Os resultados mostram que boa parte das instituições de ensino tem nutrido esforços para abordar o *bullying* de forma geral – 59% dos(as) estudantes participaram de aulas ou outras atividades educacionais sobre *bullying* (ver Figura 26). No entanto, a proposição de atividades específicas sobre a comunidade LGBTI+ ainda é limitada: a maio-

ria nunca teve aulas (68%), palestras (81%) e/ou rodas de conversa (81%) sobre o tema (ver Figura 27). Já no tema de diversidades étnico-raciais, grande parte dos(as) estudantes já frequentou atividades sobre o tema nas instituições de ensino (ver Figura 28).

Apesar da invisibilização das questões envolvendo a comunidade LGBTI+ no ambiente educacional dos(as) participantes da pesquisa, a maioria demonstrou abertura para participar de atividades sobre o tema (ver Figura 29), indicando que pode haver espaço para ampliar o diálogo coletivo sobre temas como diversidade sexual e de gênero nas instituições de ensino.

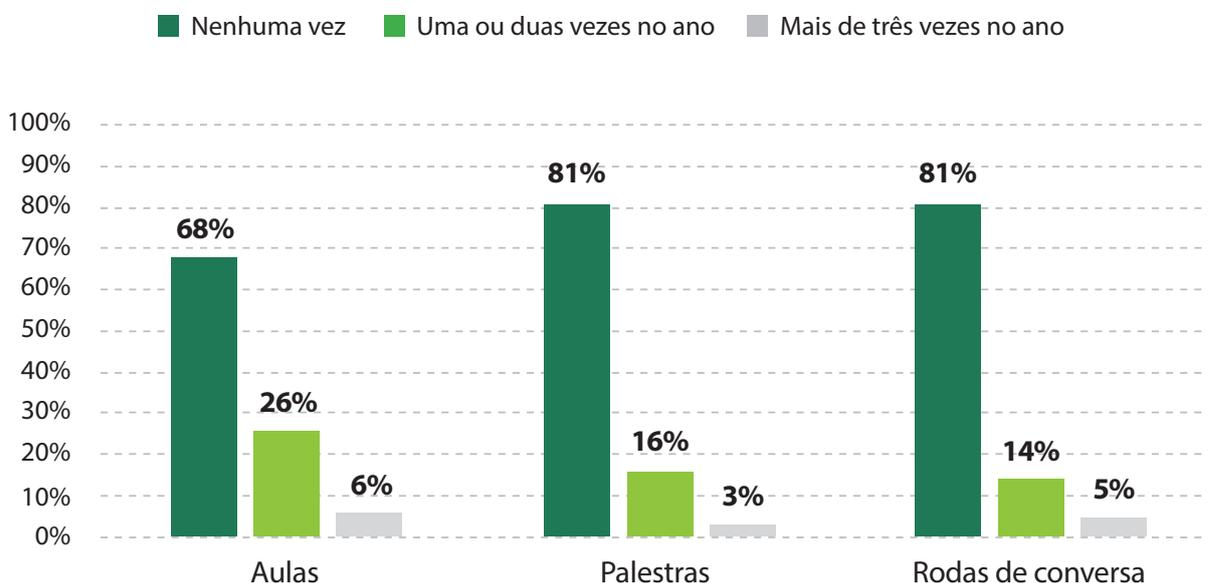
Os resultados desta seção apontam para uma possível lacuna em políticas educacionais voltadas à formação de docentes e à criação de espaços de diálogo, escuta e acolhimento. Fortalecer essas iniciativas pode contribuir para enfrentar preconceitos e reduzir a violência, promovendo espaços mais seguros e respeitosos para todas as pessoas.

Figura 30: Porcentagem de estudantes que participaram de atividades educacionais sobre bullying e violência educacional (estudantes LGBTI+)



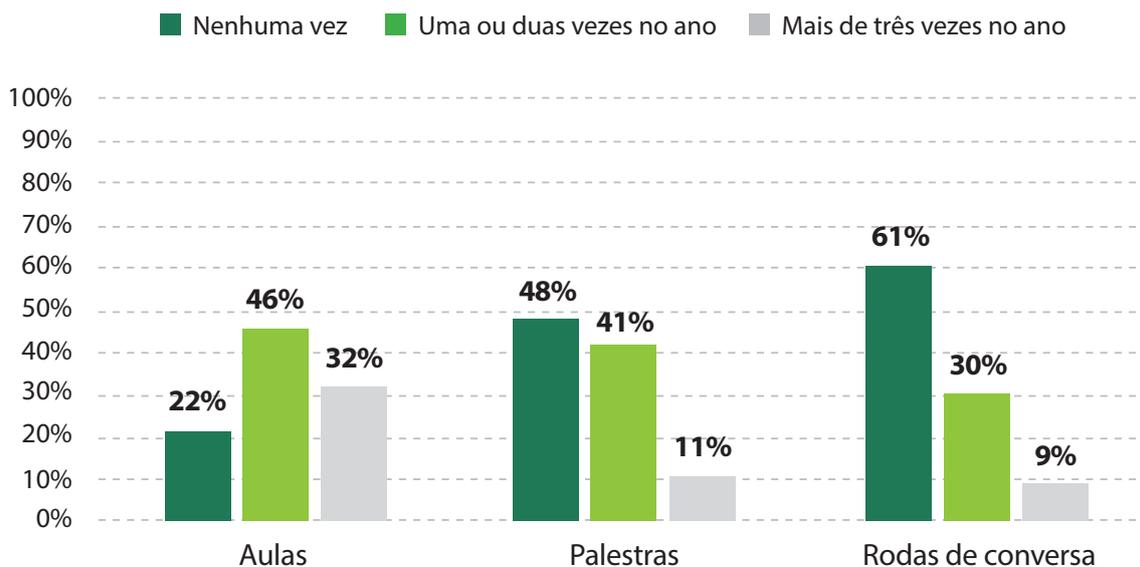
Pergunta: Ao longo do ano, você participou de aulas ou atividades educacionais (palestras, gincanas, oficinas etc.) sobre *bullying* e violência na escola? | **Base:** Total (1.170)

Figura 31: *Frequência com que os(as) estudantes participaram de atividades educacionais envolvendo temáticas LGBTI+ (estudantes LGBTI+)*



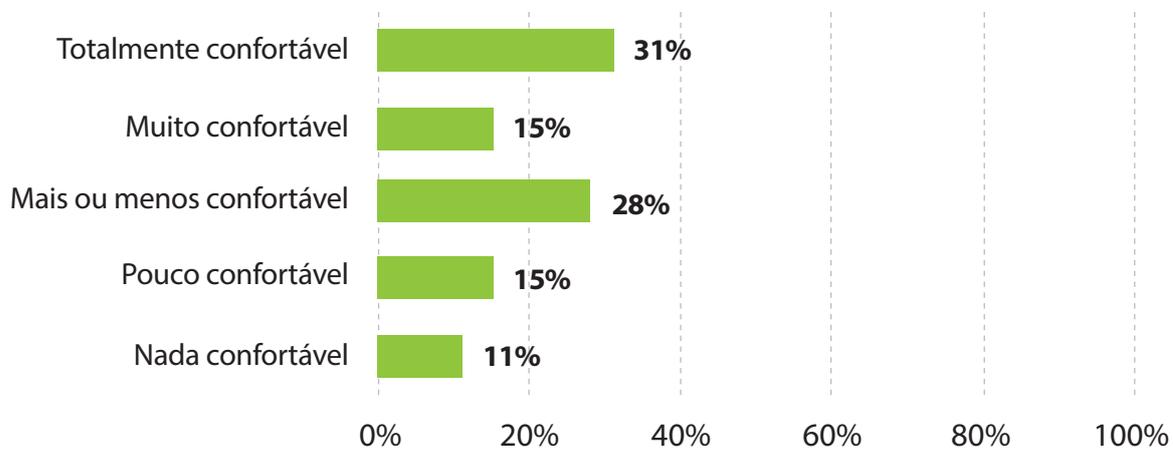
Pergunta: Ao longo do ano, você participou de atividades educacionais (aulas, palestras, gincanas, oficinas etc.) que tratassem de temas relacionados às histórias, pessoas ou temáticas LGBTI+? | **Base** (total): 1.170

Figura 32: *Frequência com que os(as) estudantes participaram de atividades educacionais envolvendo temáticas étnico raciais (estudantes LGBTI+)*



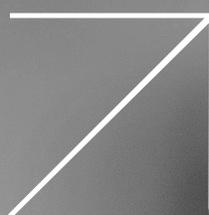
Pergunta: Ao longo do ano, você participou de atividades educacionais (educacionais, palestras, gincanas, oficinas etc.) que tratassem de temas relacionados à diversidade étnico-racial, cultural e histórica do Brasil, com destaque para a contribuição de afrobrasileiros e indígenas? | **Base** (total): 1170

Figura 33: Sensação de conforto dos(as) estudantes em participar de discussões e conversas em sala de aula que abordem as temáticas LGBTI+ (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Até que ponto você se sentiria à vontade para participar de discussões e conversas em sala de aula abordando as temáticas LGBTI+? | **Base:** total (1.170)

Parte 4: Insegurança no Ambiente Educacional e Risco de Evasão



*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



Evasão e abandono escolar são fenômenos multifatoriais, influenciados por uma combinação complexa de elementos individuais, familiares, psicossociais e institucionais (Silva; Matos, 2024; Pusztai *et al.*, 2022; Lima; Fagundes, 2020; Rumberger, 1995; Battin-Pearson *et al.*, 2000).

Nesse sentido, contextos marcados por exclusão e insegurança podem comprometer profundamente a autoestima, o engajamento e as decisões educacionais dos(as) jovens. Diante disso, a análise dos riscos de evasão atribuídos à população LGBTI+ deve considerar sua realidade específica, à luz dos possíveis impactos de situações de *bullying*, violência e discriminação vivenciadas no ambiente educacional sobre suas trajetórias acadêmicas e expectativas de futuro.

Neste subtópico, são explorados os desafios enfrentados pelos(as) participantes para concluir a educação básica, bem como suas aspirações futuras. **Os resultados apresentados revelam a forma como a violência e a insegurança vivenciadas no ambiente educacional podem repercutir sobre suas trajetórias na rede de ensino, influenciar suas expectativas de continuidade nos estudos e afetar sua percepção de pertencimento à sociedade.**

Na seção “Desafios de permanência no ambiente educacional e aspirações de futuro”, são apresentados os resultados da pesqui-

sa no que diz respeito à frequência e assiduidade às atividades educacionais, bem como o desempenho educacional declarado pelos(as) participantes no ano letivo de 2024. Também são mobilizados os dados relativos às expectativas de continuidade dos estudos dos(as) participantes: qual nível educacional mais elevado que aspiram alcançar e, no caso de ensino superior, se pretendem cursá-lo em instituições públicas ou privadas.

Os resultados sugerem que, apesar de apresentarem percepções positivas de desempenho escolar e boas crenças de autoeficácia em relação ao futuro acadêmico, **estudantes LGBTI+ apresentam riscos elevados de evasão em razão da insegurança no ambiente educacional.** Os riscos se mostram altos para a comunidade LGBTI+, de modo geral, mas são particularmente elevados para estudantes que se identificam como transgêneros.

Na seção “Impactos do contexto de *bullying* e violência na saúde mental de estudantes pertencentes à comunidade LGBTI+”, apresentamos resultados da pesquisa que revelam questões de saúde mental e da autopercepção dos(as) respondentes. Os dados revelam um cenário preocupante: **a maioria dos(as) estudantes pertencentes à comunidade LGBTI+ declarou ter tido experiências emocionais negativas, bem como percepções excessivamente negativas sobre si próprios(as).**

Embora esse cenário, infelizmente, se aplique à comunidade LGBTI+, de maneira geral, os resultados de estudantes trans são particularmente preocupantes.

7.1 Desafios de permanência no ambiente educacional e aspirações de futuro

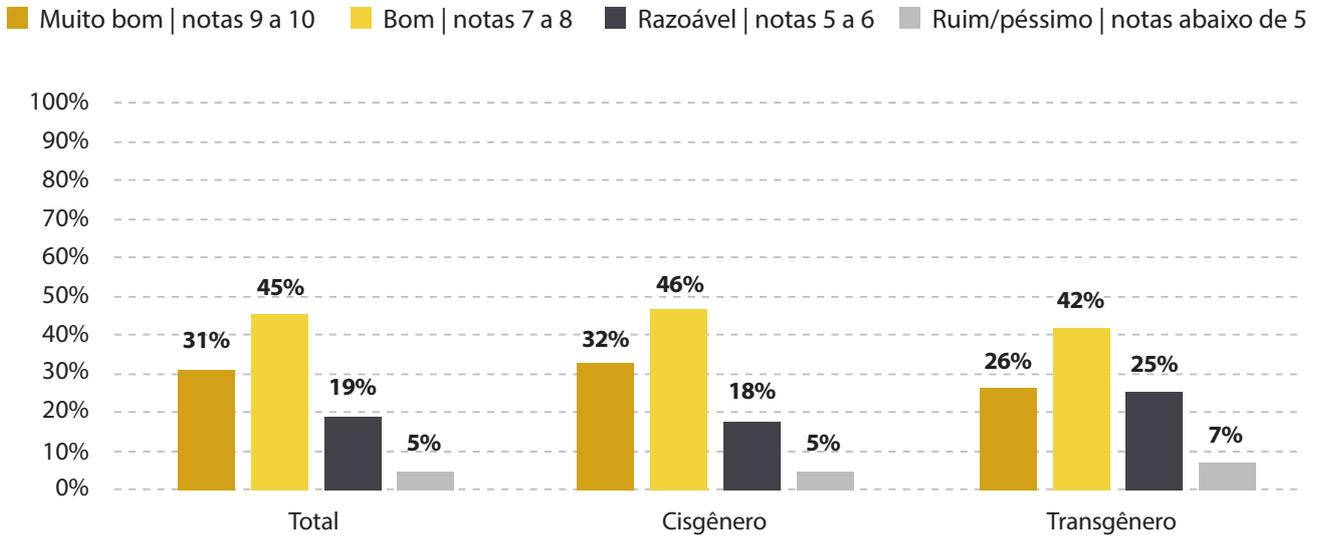
Desempenho escolar e crenças de autoeficácia são fatores reconhecidos como preditores relevantes das trajetórias futuras de estudantes (Azzi; Casanova, 2021). Com base nisso, esta seção busca compreender como estudantes LGBTI+ avaliam seu próprio desempenho nas instituições de ensino, além de suas crenças sobre suas capacidades e aspirações em relação ao futuro.

Pedimos aos(as) estudantes que classificassem seu desempenho em uma média geral de suas notas obtidas em 2024. Os resultados apontam uma percepção majoritariamente positiva: 74% dos(as) respondentes LGBTI+ classificaram seu desempenho como “bom” (notas entre 7 e 8) ou “muito bom” (notas entre 9 e 10). Contudo, a análise por identidade de gênero revela disparidades importantes: entre os(as) estudantes cisgênero, 78% avaliaram positivamente seu desempenho, enquanto entre os(as) estudantes trans essa proporção cai para 68%. A diferença de dez pontos percentuais sugere a presença de obstáculos adicionais enfrentados por estudantes trans, que podem impactar negativamente sua trajetória educacional (ver Figura 30).

Além do desempenho, o levantamento abordou as aspirações educacionais dos(as) estudantes, buscando captar indicadores de autoeficácia e projeção de futuro. Do total, 31% acreditam que alcançarão o diploma de graduação e 42% projetam chegar até a pós-graduação. Mais uma vez, há diferença entre os grupos: estudantes cisgênero demonstram maior confiança em sua trajetória futura do que estudantes transgênero. Outro dado relevante diz respeito ao grau de incerteza quanto ao próprio percurso educacional: entre estudantes trans, 18% responderam “não sei” quando perguntados(as) sobre o nível de ensino que acreditam alcançar, percentual superior ao observado entre estudantes cis (11%). Esses dados podem indicar que a insegurança vivida nas unidades educacionais tende a se projetar sobre as expectativas de futuro (ver Figura 31).

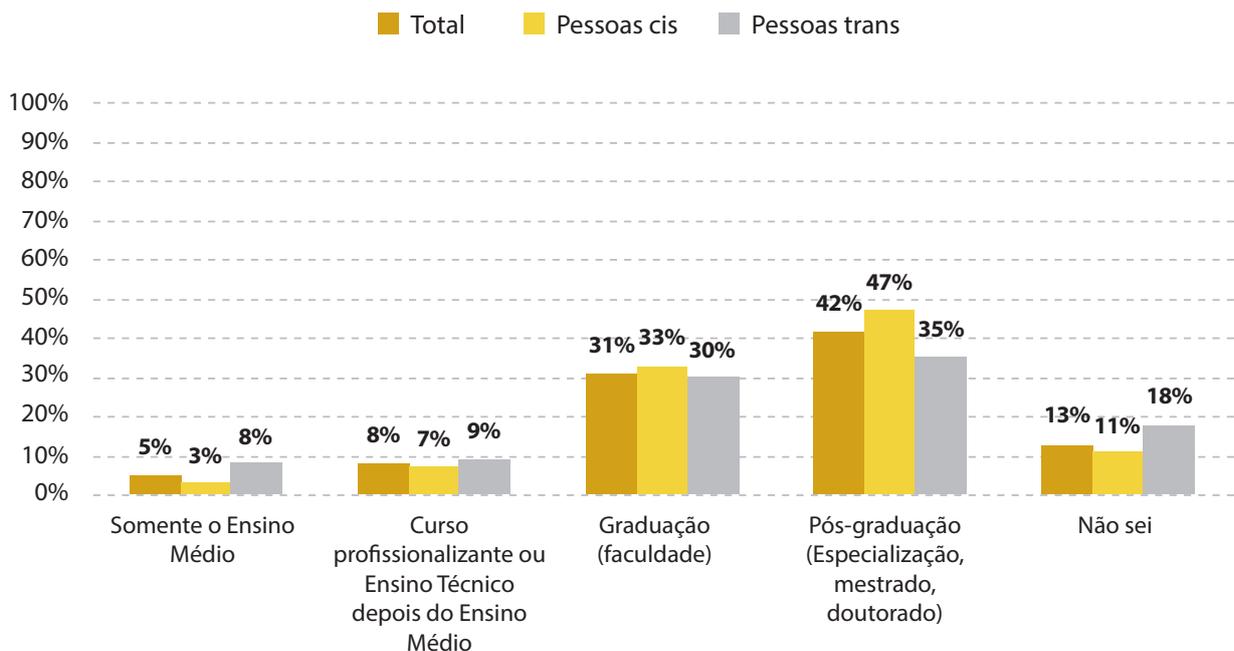
Apesar das dificuldades, observa-se que o Ensino Superior público representa um horizonte importante para a população LGBTI+: entre os(as) estudantes que demonstraram a intenção de cursar o Ensino Superior, 67% acreditam que poderão ingressar em universidades públicas (ver Figura 32).

Figura 34: Desempenho educacional declarado pelos(as) estudantes em relação ao ano letivo de 2024 (estudantes LGBTI+)



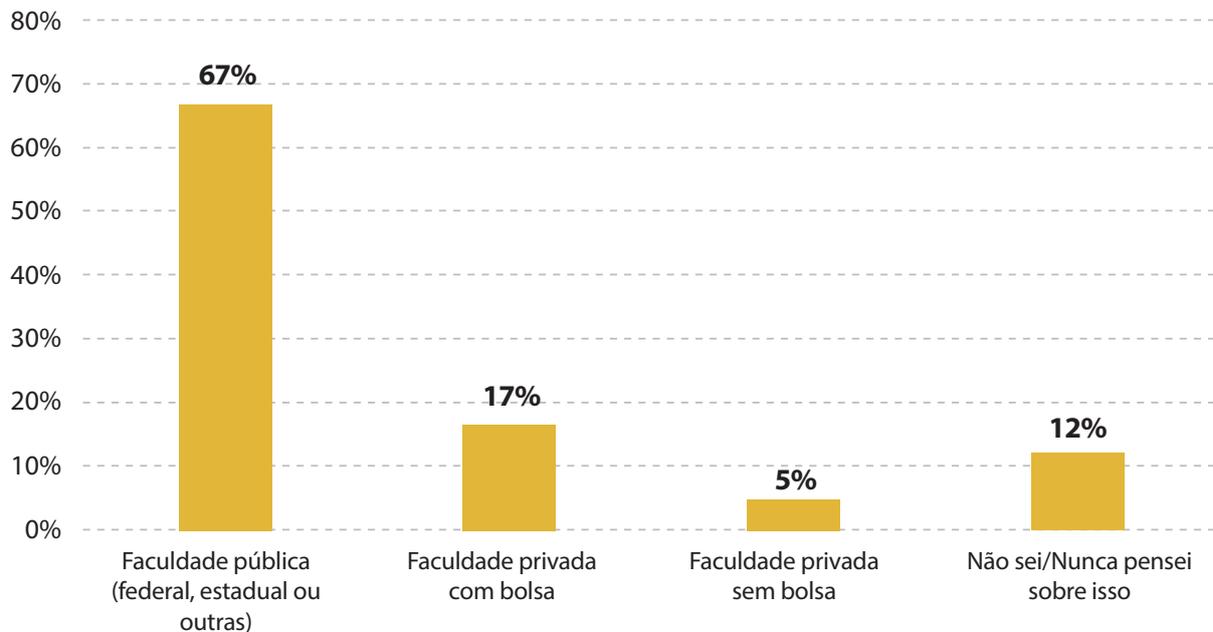
Pergunta: Como tem sido seu desempenho na escola esse ano, pensando nas notas que você tirou até aqui? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas cis (750); Pessoas trans (255).

Figura 35: Nível de educação mais alto que os(as) estudantes acreditam que irão alcançar - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Qual o nível mais alto de educação que você acha que vai concluir na vida? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas Cis (750); Pessoas Trans (255).

Figura 36: Tipo de instituição de ensino superior onde os(as) estudantes acreditam ser capazes de ingressar (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Em qual tipo de faculdade você acha que vai conseguir ingressar? | **Base:** estudantes que acreditam que irão alcançar o ensino superior (860)

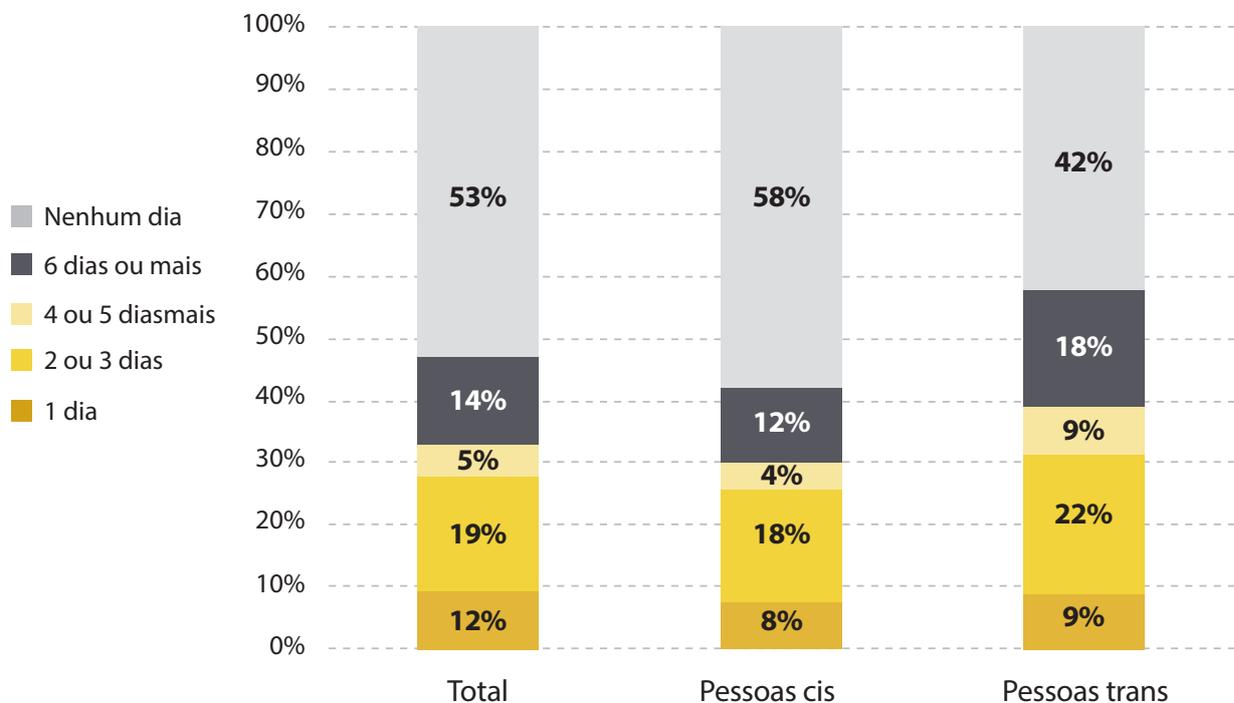
Mesmo diante de crenças positivas de autoeficácia, os dados sugerem que a insegurança vivida pode estar associada a desafios para a permanência nos estudos entre estudantes LGBTI+. Entre os(as) respondentes cisgênero, 47% deixaram de ir à instituição de ensino por se sentirem inseguros(as), percentual que se eleva para 57% entre os(as) respondentes trans – 10 p.p. a mais. Estudantes trans também relataram ter perdido mais dias letivos – 18% perderam 6 dias ou mais no último mês, enquanto essa proporção caiu para 12% entre os(as) respondentes identificados(as) como cisgênero que selecionaram essa opção (6 p.p. a menos) (Ver Figura 33).

Essas nuances também são observadas quando questionados(as) sobre a hipótese de evasão: 42% das pessoas cis declaram já terem considerado abandonar a educação básica, mas esse percentual sobe para 60% quando consideradas exclusivamente as respostas dos(as) jovens trans (18 p.p. a mais). A hipótese de abandono também parece ser considerada mais seriamente por parte de jovens trans: 30% consideraram essa possibilidade seriamente, enquanto somente 11% dos(as) estudantes cisgênero fizeram essa afirmação (19 p.p. de diferença) (ver Figura 34). Embora também presentes, essas diferenças são menos expressivas na análise entre recortes raciais.

É importante lembrar que pessoas trans são também vítimas mais frequentes de violências verbais e físicas no ambiente educacional, conforme apresentado nos capítulos iniciais deste relatório. Esse contexto pode indicar falhas no ambiente educacional que dificultam o desenvolvimento acadêmico desses(as) estudantes, o que pode perpetuar as dimensões sociais, psicológicas e estruturais que têm colocado essa população em situação de alta vulnerabilidade.

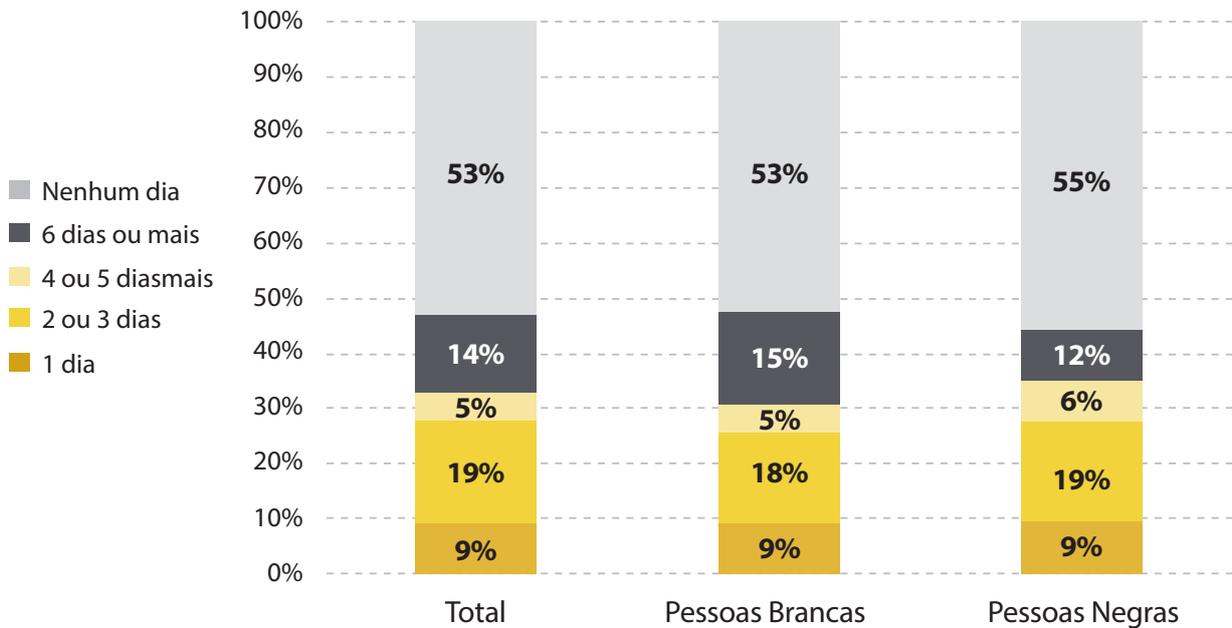
Os resultados apontam que estudantes trans relatam maior insegurança no ambiente educacional e consideram mais frequentemente a hipótese de abandono escolar. Pesquisas anteriores (Plano CDE, 2019) indicam que experiências de discriminação sistemática, incluindo *bullying*, podem atuar como barreiras à continuidade dos estudos para estudantes LGBTI+. Esses achados reforçam a importância de garantir um ambiente educacional mais acolhedor e seguro, que favoreça a permanência e o desenvolvimento acadêmico desse grupo.

Figura 37: Frequência com que os(as) estudantes deixaram de ir para a instituição de ensino no último mês de referência por conta de alguma insegurança - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



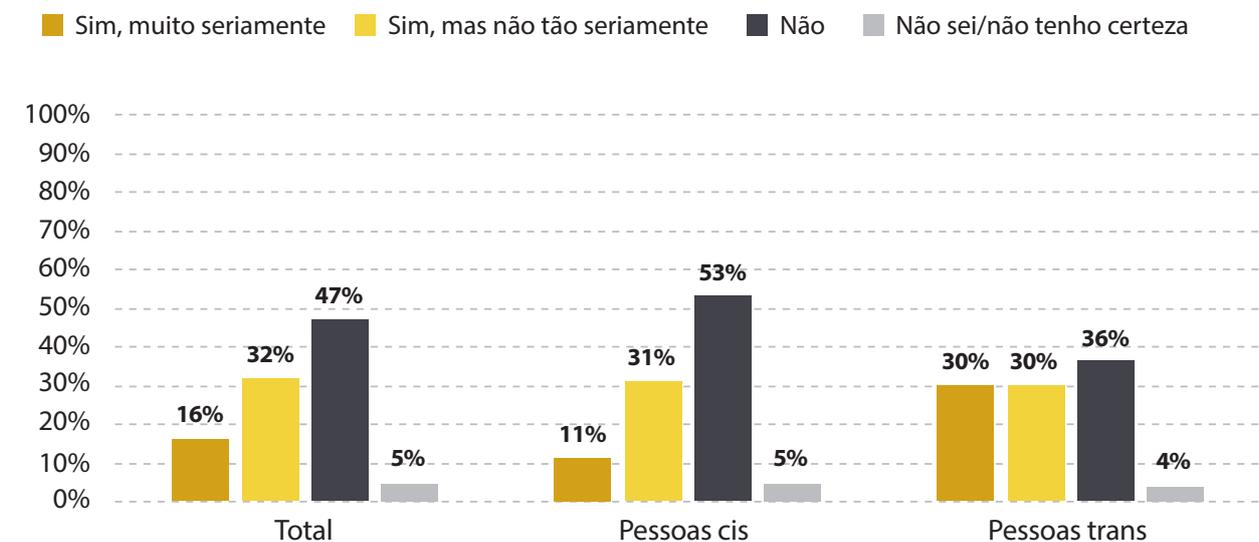
Pergunta: No último mês, quantas vezes você deixou de ir para a escola, seja para aulas regulares ou para eventos educacionais (feiras, festas etc.), por sentir insegurança na escola ou no caminho até ela? **Bases:** Total (1.170); Pessoas cis (750) | Pessoas trans (255).

Figura 38 - Anexo: Frequência com que os(as) estudantes deixaram de ir para a instituição de ensino no último mês de referência por conta de alguma insegurança – recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



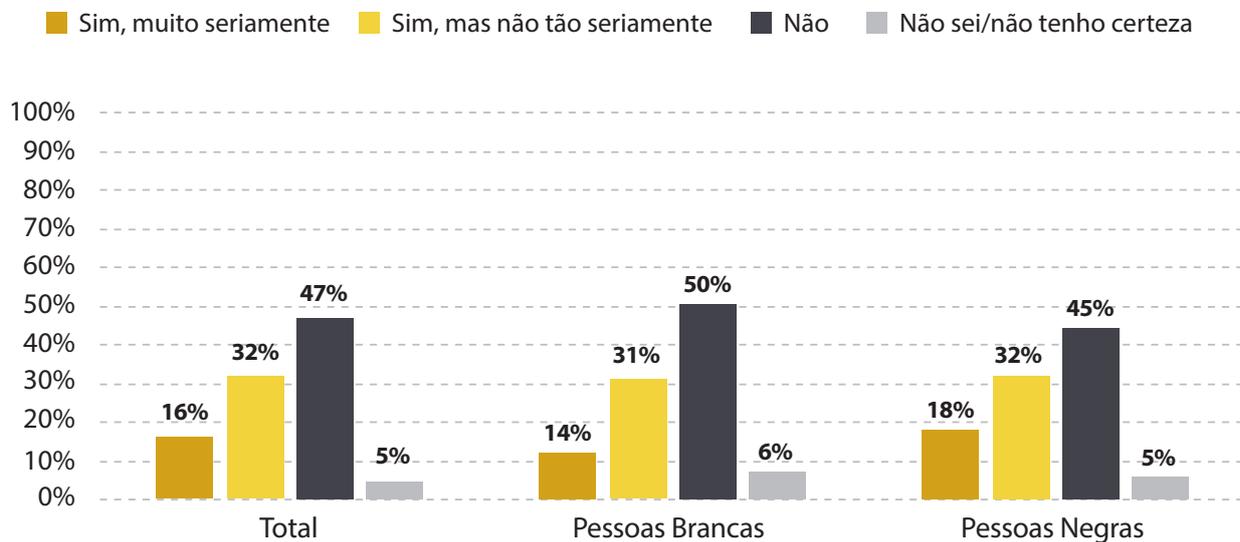
Pergunta: No último mês, quantas vezes você deixou de ir para a escola, seja para aulas regulares ou para eventos educacionais (feiras, festas etc.), por sentir insegurança na escola ou no caminho até ela? | **Bases:** Total (1.170); Pessoas cis (750) | Pessoas trans (255).

Figura 39: Porcentagem de estudantes que já consideraram abandonar a instituição de ensino - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você já considerou abandonar a escola? | **Base** (total): 1170; Pessoas Cis 750; Pessoas Trans: 255.

Figura 40: Porcentagem de estudantes que já consideraram abandonar a instituição de ensino - recorte por identificação étnico racial (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Você já considerou abandonar a escola? | **Base** (total): 1170; Pessoas Brancas: 624; Pessoas Negras: 495.

7.2 Impactos do contexto de *bullying* e violência na saúde mental de estudantes pertencentes à comunidade LGBTI+

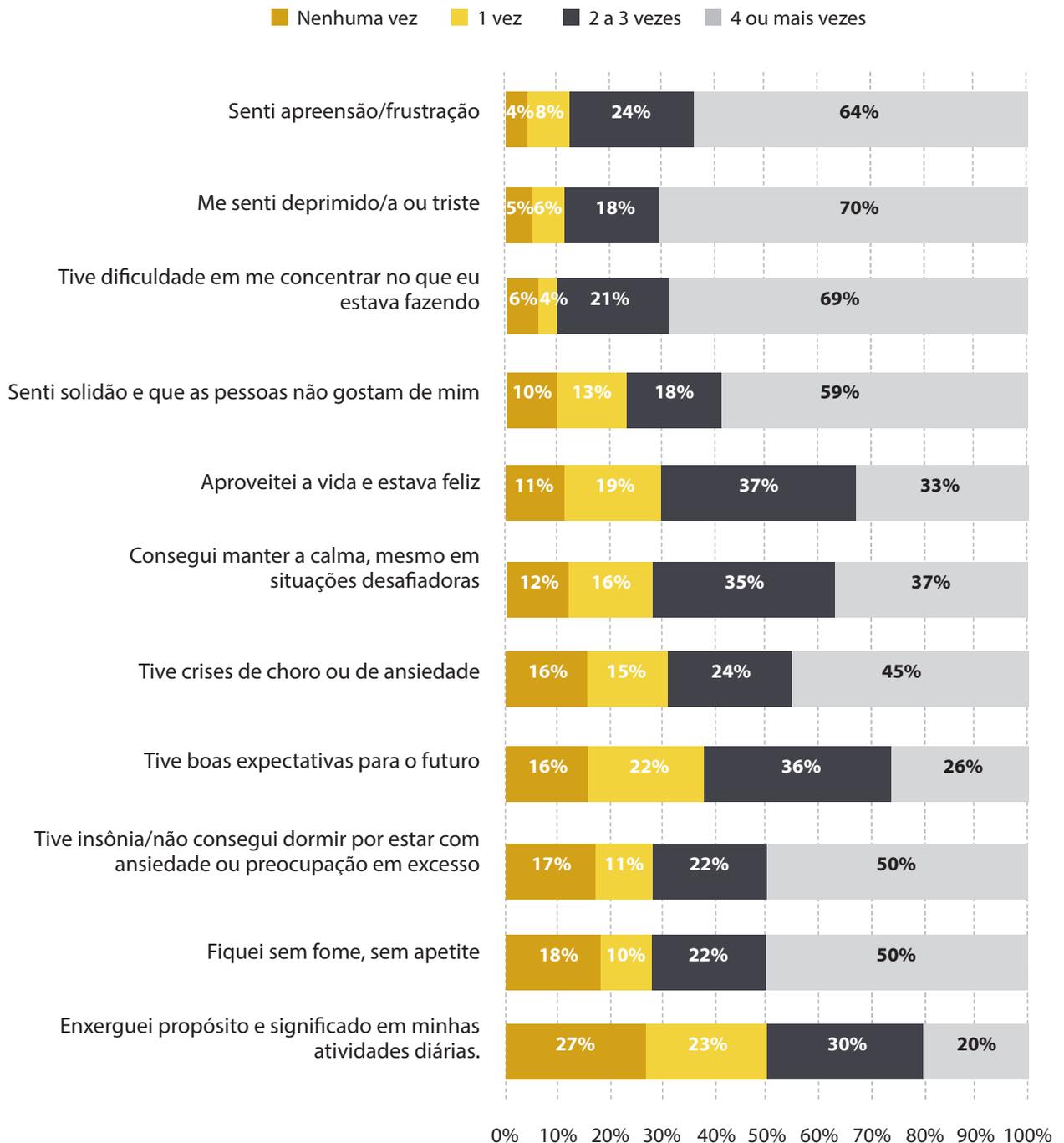
No âmbito da saúde mental, chama atenção o fato de que quase todos(as) os(as) jovens LGBTI+ entrevistados(as) (94%) tenham relatado se sentir deprimidos(as) pelo menos uma vez no último mês, sendo que 88% afirmaram ter experimentado esse sentimento duas ou mais vezes. Além disso, a maioria também relatou crises de choro ou ansiedade no mesmo período (84%), com 45% indicando que esses episódios ocorreram quatro vezes ou mais (Figura 41).

Novamente, a comparação por identidade de gênero mostra que estudantes trans apresentaram indicadores piores de bem-estar, em comparação com aqueles(as) identificados(as) como cis (Figura 42). No recorte por identidade racial, essas diferenças se mostraram inexpressivas.

No geral, os(as) respondentes da comunidade LGBTI+ também mostraram ter uma visão excessivamente negativa em relação a si próprios(as), mas estudantes trans também apresentam resultados piores quando comparados aos seus pares cis (Figura 45).

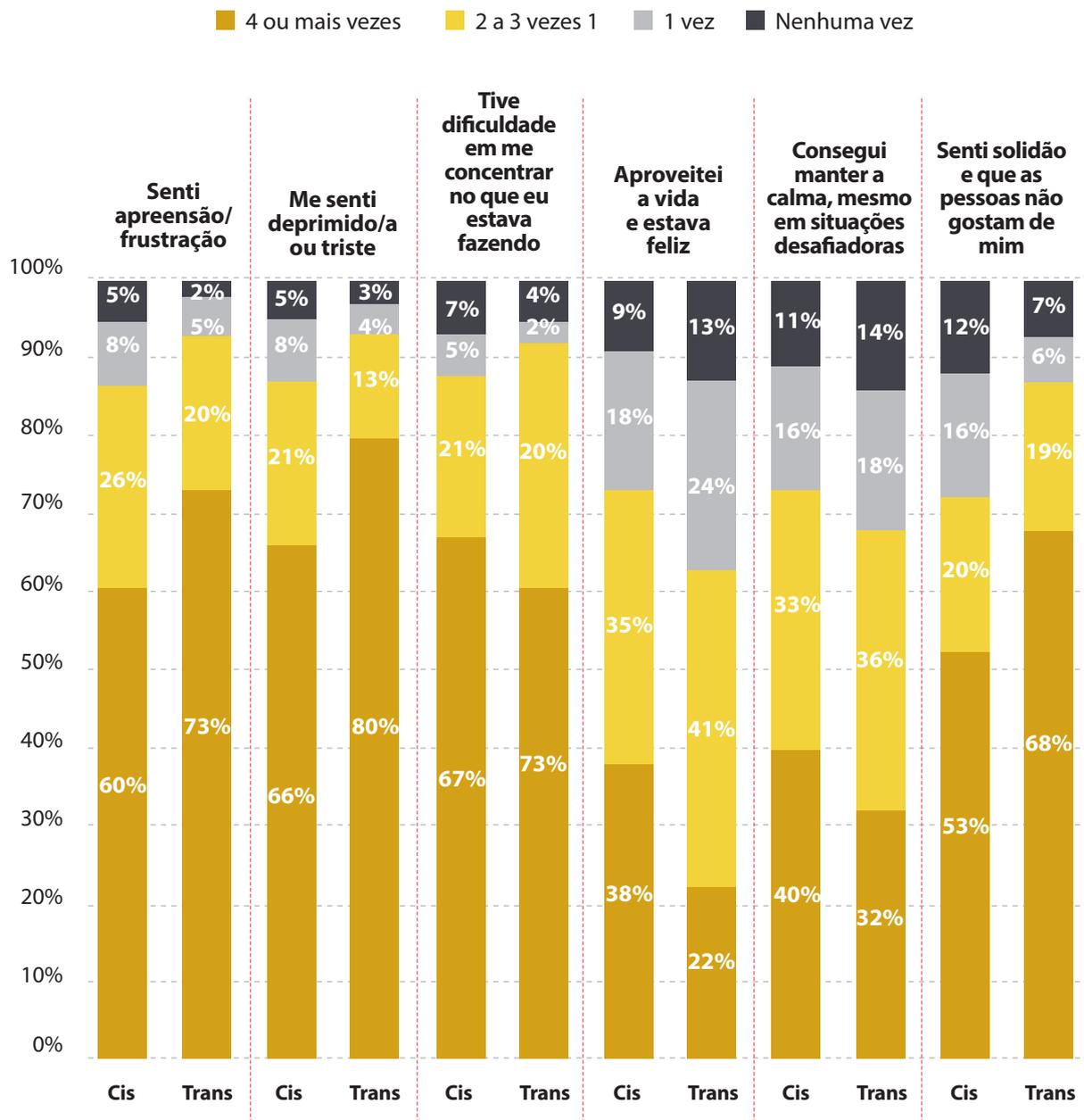
Os resultados desta seção apontam desafios significativos, especialmente quando considerados à luz da fragilidade de suas redes de apoio, como discutido no capítulo anterior. Esses achados sugerem a necessidade de medidas estruturadas para fortalecer esses vínculos e garantir e promover ambientes mais seguros e acolhedores. Para mitigar essas vulnerabilidades, políticas voltadas ao bem-estar emocional devem priorizar estratégias de prevenção e suporte, reduzindo os impactos do isolamento e da falta de redes de apoio adequadas.

Figura 41: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência (estudantes LGBTI+)



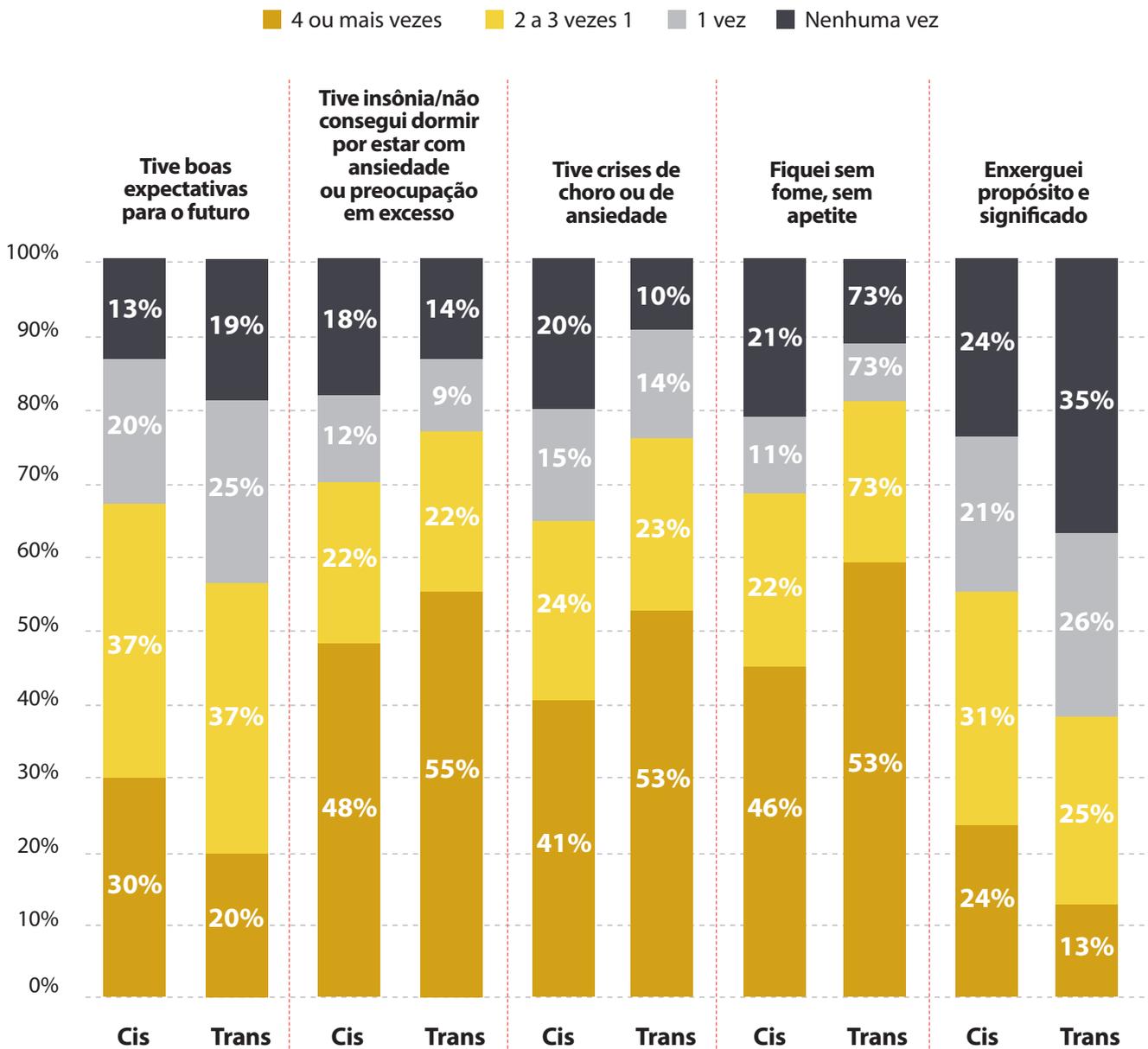
Pergunta: Indique para as frases abaixo se você passou/sentiu algo do tipo no último mês: | **Base (total):** 1170

Figura 42: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



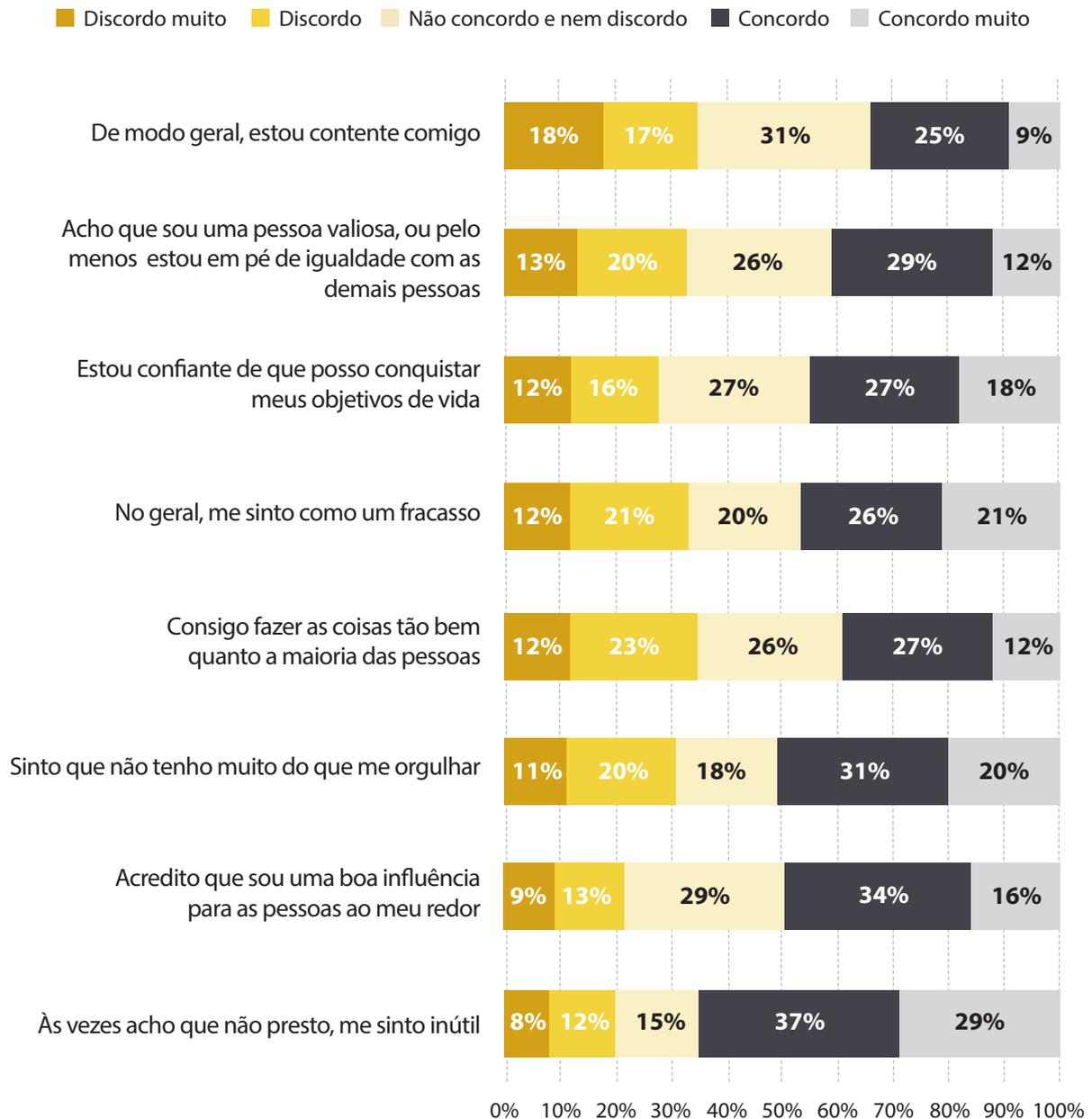
Pergunta: Indique para as frases abaixo se você passou/sentiu algo do tipo no último mês: | **Base** Pessoas Cis (750); Pessoas Trans (255)

Figura 43: Frequência com que os(as) estudantes tiveram determinadas experiências emocionais no mês de referência - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



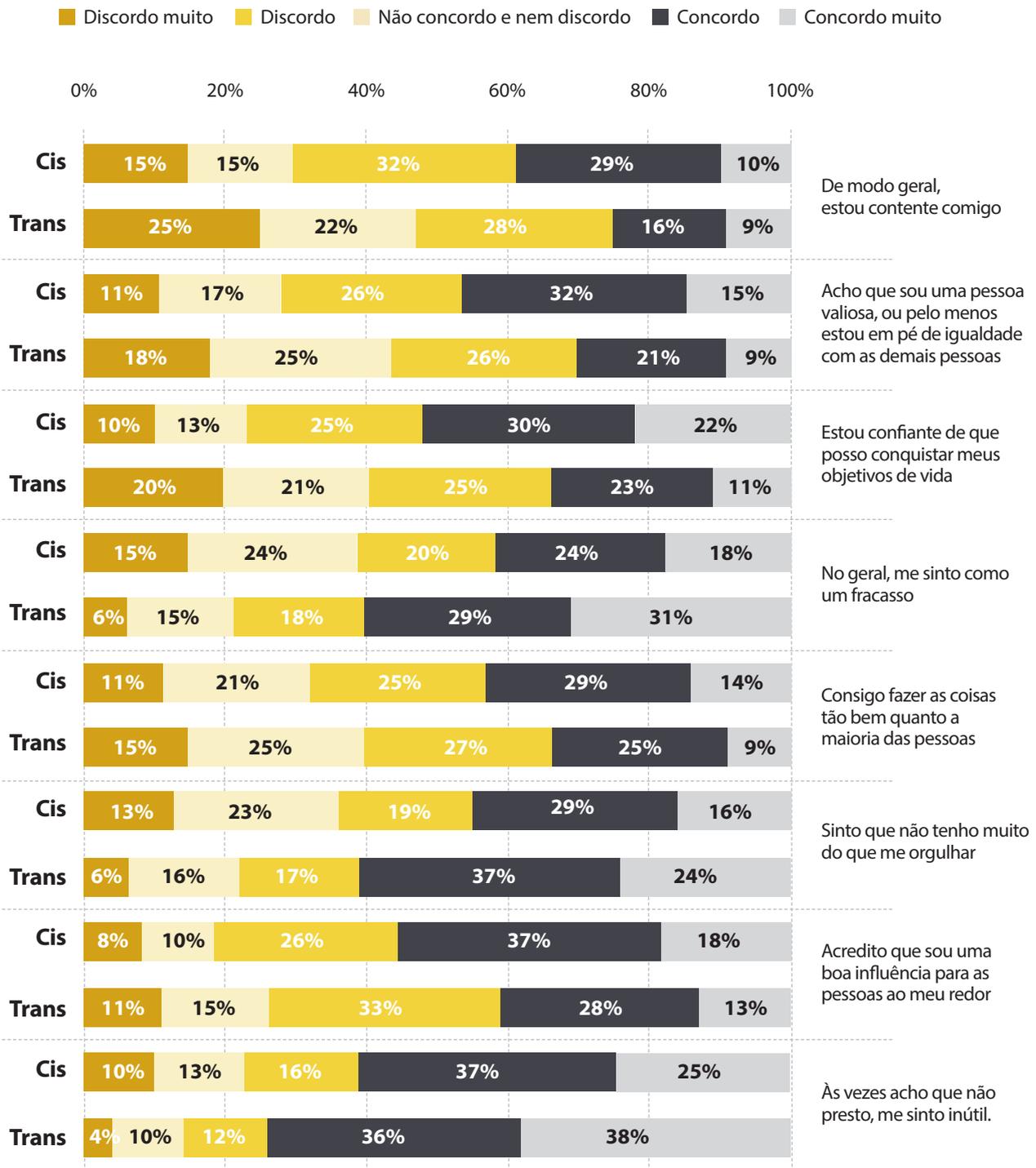
Pergunta: Indique para as frases abaixo se você passou/sentiu algo do tipo no último mês: | Base Pessoas Cis (750); Pessoas Trans (255).

Figura 44: Percepção dos(as) jovens sobre si mesmos(as) (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Para cada uma das frases, indique se você concorda ou discorda delas: | Base (total): 1.170.

Figura 45: Percepção dos(as) jovens sobre si mesmos(as) - recorte por identificação quanto ao sexo biológico/gênero (estudantes LGBTI+)



Pergunta: Para cada uma das frases, indique se você concorda ou discorda delas: | Base Pessoas Cis: 750; Pessoas Trans: 255

Recomendações

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*





:: Capacitação de educadores(as)

Dado que educadores(as) figuram como o segundo grupo mais citado entre os(as) agressores(as) de estudantes LGBTI+, é urgente implementar políticas públicas que promovam a capacitação contínua de profissionais da educação sobre as formas de violência, respeito e convivência democrática. É relevante que as capacitações não sejam limitadas ao corpo docente, mas inclua também os(as) demais agentes da comunidade/instituição de ensino.

A capacitação deve ser aliada a criação de protocolos de atuação e denúncia que deem aos(as) profissionais da educação ferramentas sobre como atuar em casos de *bullying* e violências especificamente relacionadas à comunidade LGBTI+ das redes de ensino. Os protocolos podem ser elaborados em parcerias com órgãos especializados, como os Ministérios Públicos, Defensorias Públicas, e organizações da sociedade civil como, por exemplo, a Aliança Nacional LGBTI+, a Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas – ABRAFH e o Grupo Dignidade.



:: Rede de apoio

Considerando que metade dos(as) jovens LGBTI+ enfrenta dificuldades nas relações familiares e 40% nunca discutiram as violências sofridas, é imprescindível a presença de profissionais qualificados(as) nas instituições de ensino para realizar escuta e acolhimento. Programas de apoio psicológico devem ser fortalecidos, assegurando que esses(as) estudantes tenham suporte emocional adequado para lidar com os desafios diários.

Além disso, a inclusão das famílias em capacitações de diversidade, formas de violência, respeito e convivência democrática deve ser fomentada, de modo a diminuir potenciais resistências dos(as) responsáveis sobre o debate de gênero, apontando para a importância desta discussão para o enfrentamento das violências e da evasão da rede de ensino.



:: Espaços de escuta

Por fim, apesar da violência e da insegurança enfrentadas por essa população, a maioria dos(as) estudantes LGBTI+ nunca participou de atividades como palestras ou rodas de conversa sobre o tema. Nesse sentido, é essencial que políticas públicas incentivem a criação de espaços de diálogo e sensibilização nas instituições de ensino, a fim de enfrentar a invisibilidade, fortalecer redes de apoio e promover o respeito à diversidade entre todos(as) os(as) estudantes. Dada a particularidade do preconceito direcionado a estudantes cisgêneros do sexo masculino que não cumprem os papéis esperados de gênero, pode ser relevante ampliar o debate sobre masculinidades – reforçando que o diálogo sobre gênero não se restrinja às pessoas LGBTI+, mas também envolva indivíduos héteros e cisgêneros.

Os espaços de escuta podem ser mobilizados também fora do ambiente educacional, com políticas intersetoriais, incluindo a Saúde e Assistência Social, além de parcerias com Ministérios Públicos, Defensorias Públicas e organizações de direitos humanos especializadas.

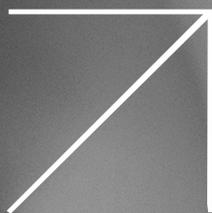


:: Materiais didáticos e currículos

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) institui a diversidade como um dos princípios que guia as competências e habilidades descritas no documento. Além das diretrizes da BNCC, existem práticas mapeadas do trabalho sobre diversidade nos currículos e nas práticas pedagógicas. As boas práticas devem ser disseminadas, de modo a trazer o tópico não apenas no âmbito das prevenções ao *bullying* e outras violências, mas também nos componentes curriculares, em especial nas áreas de linguagens e ciências humanas.

Por fim, apesar da violência e da insegurança enfrentadas por essa população, a maioria dos(as) estudantes LGBTI+ nunca participou de atividades como palestras ou rodas de conversa sobre o tema. Nesse sentido, é essencial que políticas públicas incentivem a criação de espaços de diálogo e sensibilização nas instituições de ensino, a fim de enfrentar a invisibilidade, fortalecer redes de apoio e promover o respeito à diversidade entre todos(as) os(as) estudantes.

Considerações finais



*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



Dado que educadores(as) figuram como o segundo grupo mais citado entre os(as) agressores(as) de estudantes LGBTI+, é urgente implementar políticas públicas que promovam a capacitação contínua desses(as) profissionais sobre formas de violência, respeito e convivência democrática. Além disso, é fundamental criar e reforçar protocolos de prevenção e denúncia, assegurando que as instituições de ensino sejam ambientes seguros, inclusivos e respeitosos para todos(as) os(as) estudantes.

Metade dos(as) jovens LGBTI+ enfrenta dificuldades nas relações familiares, e 40% nunca discutiram as violências sofridas, o que torna imprescindível a presença de profissionais qualificados(as) nas instituições para escuta e acolhimento. Para tanto, é essencial fortalecer programas de apoio psicológico, garantindo suporte emocional adequado para esses(as) estudantes. Apesar da violência e insegurança enfrentadas por essa população, a maioria nunca participou de atividades sobre o tema. Assim, políticas públicas devem incentivar a criação de espaços de diálogo e sensibilização no ambiente educacional, com o objetivo de enfrentar a invisibilidade, fortalecer redes de apoio e promover o respeito à diversidade.

Uma política educacional eficaz no enfrentamento do preconceito e da discriminação deve, também, garantir a proteção de profissionais da educação, permitindo que abordem esses temas sem receio de retaliação. As ações devem incluir estratégias pedagógicas que integrem questões de gênero e sexualidade ao currículo de maneira obrigatória e não optativa, conforme a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5.668 do Supremo Tribunal Federal, sobre o enfrentamento ao *bullying*, especialmente o de raiz machista e LGBTIfóbico, e conforme estabelecido pela Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) nas instituições de ensino (Brasil, 2015). Além disso, é necessário considerar medidas legais alternativas para garantir os direitos de menores de idade que enfrentam falta de aceitação por parte de seus/suas familiares, promovendo um ambiente educacional seguro sem violar os direitos legais dos(as) responsáveis. O sentimento de pertencimento impacta significativamente o desempenho e o desenvolvimento dos(as) estudantes, reforçando a importância de uma instituição inclusiva no processo de ensino-aprendizagem.

Para garantir a efetividade dessas medidas, é necessário traçar o perfil dos(as) estudantes e buscar estratégias adaptadas ao seu contexto. Algumas iniciativas incluem

formações presenciais para toda a comunidade, distribuição de materiais pedagógicos que promovam a diversidade, capacitação contínua de profissionais da educação para lidar com casos de discriminação, e a elaboração de guias de políticas e protocolos para encaminhamentos em situações de assédio, abuso, *bullying* e outras formas de violência. O impacto esperado dessas iniciativas é a conscientização e emancipação dos(as) estudantes para o exercício de sua cidadania, incentivando a denúncia de casos de LGBTIfobia. Para aferir os resultados dessas políticas, o Ministério de Educação (MEC) pode monitorar as denúncias registradas, gerando dados que permitam mapear e classificar as violências vivenciadas pelos(as) estudantes, levando em consideração fatores como localização geográfica e condição socioeconômica.

Nesse cenário, destaca-se o trabalho da Aliança Nacional LGBTI+, fundada em 2003, que atua nacionalmente na promoção dos direitos e da cidadania da população LGBTI+. Entre suas principais iniciativas no campo educacional, estão a criação de materiais didáticos, como a Enciclopédia LGBTI+, em parceria com a Rede GayLatino. Essa coletânea é composta por 26 manuais temáticos abordando questões relevantes para as pessoas LGBTI+ e outras interessadas. Dentre os manuais já publicados, destacam-se o Manual de Educação e LGB-

TI+, o Manual de Cristianismos e LGBTI+, o Manual de Comunicação LGBTI+, o Manual de Direitos e LGBTI+, o Manual de Empregabilidade e LGBTI+ e o Manual de Advocacy, Litigância Estratégica, Controle Social e Accountability LGBTI+ que podem ser localizados no site da instituição. Todos os manuais são de distribuição gratuita.

Além disso, em parceria com o Instituto Unibanco, a Aliança Nacional LGBTI+ desenvolveu o curso autoinstrucional “Gestão Escolar para a Diversidade e Inclusão”, voltado para orientar gestores(as) educacionais sobre como garantir e promover um ambiente educacional seguro e acolhedor para todos(as) os(as) estudantes, com especial atenção àqueles que se identificam como LGBTI+. O curso baseia-se na análise de dados e evidências, nas legislações sobre o tema e em estratégias de enfrentamento ao *bullying* e à LGBTIfobia. A partir dessa capacitação, gestores(as) educacionais podem compreender a complexidade dos temas, desenvolver uma visão mais humanitária e mitigar resistências, promovendo diversidade e inclusão.

Assim, o compromisso com a educação inclusiva e a promoção de um ambiente educacional seguro e acolhedor são passos fundamentais para enfrentar a discriminação e garantir que todos(as) os(as) estudantes tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento acadêmico e social.

Glossário

*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



Os termos definidos no Glossário não constam em ordem alfabética. Foram agrupados dentro de cinco principais categorias: gênero; orientação sexual; identidade de gênero; outros termos utilizados em relação à sexualidade; e fenômenos socioculturais relativos às pessoas LGBTI+.

GÊNERO

Conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, levando em consideração, no entanto, que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que as pessoas são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos (Gênero, 2009, p. 43 *apud* Reis; Cazal, 2023).

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero, de mais de um gênero ou de nenhum gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (Princípios de Yogyakarta, 2006, p. 7 *apud* Reis; Cazal, 2023).

Basicamente, há quatro orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo gênero (homossexualidade), pelo gênero oposto

(heterossexualidade), por dois ou mais gêneros (bissexualidade/ pansexualidade) ou por nenhum ou praticamente nenhum gênero (assexualidade). (Reis; Cazal, 2023).

:: Homossexual / Homossexualidade

Os termos homossexual e homossexualidade são palavras compostas, sendo que o elemento “homo” vem do grego e significa semelhante ou igual. Assim, os termos significam – grosso modo – atração pelo mesmo sexo/gênero (Reis; Cazal, 2023)

Lésbica (homossexual feminina)

Pessoa do gênero feminino (cis ou trans) que têm desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas alinhadas ao gênero feminino. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas (Gênero, 2009, p. 79 *apud* Reis; Cazal, 2023).

Gay (homossexual masculino)

Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays (Gênero, 2009, p. 79 *apud* Reis, Cazal, 2023).

:: Bissexual / Bissexualidade

É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de dois ou mais gêneros. O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais. Bissexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências com pessoas de mais de um gênero para se identificarem como tal.

“Bissexualidade é uma identidade plena, fluída. Não pressuponha que a bissexualidade seja naturalmente binária ou poligâmica, que nós temos “dois” lados ou que nós precisamos estar envolvidos simultaneamente com dois gêneros para sermos seres humanos completos. Com efeito, não pressuponha que existam apenas dois gêneros. Não interprete nossa fluidez como confusão, irresponsabilidade ou inabilidade de assumir compromisso. Não equipare promiscuidade, infidelidade ou comportamento sexual inseguro com bissexualidade. Esses são comportamentos humanos que atravessam todas as orientações sexuais. Nada deve ser presumido sobre a sexualidade de ninguém, incluindo a sua”. (The Bisexual Manifest, 1990 *apud* Reis; Cazal, 2023)).

:: Heterossexual / Heterossexualidade

Indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero oposto (adaptado de Gênero, 2009, p. 47).

:: Pansexual / Pansexualidade

Considera-se que a pansexualidade é uma orientação sexual, assim como a heterossexualidade ou a homossexualidade. O prefixo pan vem do grego e se traduz como “tudo”. Significa que as pessoas pansexuais acreditam que podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou sexo biológico. A pansexualidade é uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica. (Marshall Cavendish Corporation, 2010, p 593 *apud* Reis; Cazal, 2023).

:: Assexual / Assexualidade

Assexualidades são definidas como a ausência total, parcial, condicional ou circunstancial de atração sexual por outra ou outras pessoas; um conjunto de identidades sexuais em que o sexo não é o referencial primário do desejo ou da atração sexual voltada para um relacionamento íntimo por outra pessoa (Reis; Cazal, 2023).

As pessoas assexuais não possuem uma atração sexual como atração primária, como regra, tendo outras atrações (romântica, platônica, estética, sensual, etc.), como atrações primárias. A ausência de atração sexual não impede que pessoas assexuais desenvolvam relações íntimas de diversas complexidades

com outras pessoas, e nem mesmo impede que pessoas assexuais pratiquem ou busquem a prática de atividades sexuais. As assexualidades falam sobre atração, e não sobre práticas sexuais (Reis; Cazal, 2023)

IDENTIDADE DE GÊNERO

Identidade de gênero é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos (Princípios de Yogyakarta, 2006 *apud* Reis; Cazal, 2023).

Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si e como se reconhece no mundo. Ela possibilita que as pessoas se reconheçam como pertencentes a um grupo que compartilha vivências similares. A identidade de gênero pode ser binária, ou o que se entende socialmente por masculino e feminino, e não binária, a qual é um espectro que abrange pessoas que se identificam com uma combinação de parte dos gêneros masculino e feminino, com nenhum gênero ou com outra possibilidade. Trata-se da convicção íntima do gênero de uma pessoa (ABGLT, 2010 *apud* Reis; Cazal, 2023). A identidade de gênero da pessoa não necessariamente é visível para as demais pessoas.

:: Transgênero

Terminologia utilizada para descrever pessoas que não se identificam com o gênero com o qual foram designadas ao nascer. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade (ABGLT, 2010). Segundo Letícia Lanz (2015), não faz sentido escrever “travestis, transexuais e transgêneros”, ou usar TTT na sigla LGBTI+, uma vez que travestis e transexuais são transgênero por definição. Escreva-se travestis e transexuais, ou transgêneros, ou, de preferência, pessoas trans. (Reis; Cazal, 2023).

:: Transexual

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo/gênero designado no nascimento. Pessoas transexuais podem ou não desejar terapias hormonais ou cirurgias de afirmação de gênero. (Caderno, 2017 *apud* Reis; Cazal, 2023).

Mulher trans

Mulher trans é a pessoa do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo masculino ao nascer.

Homem trans

Homem trans é a pessoa do gênero masculino, embora tenha sido biologicamente designado como pertencente ao sexo feminino ao nascer.

:: Travesti

Uma construção de gênero feminino, oposta ao gênero designado ao nascimento, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade. Muitas modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas. Existe o grupo dentro deste segmento que se autoafirma ‘mulheres travestis’.

Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de resignificação de termo historicamente tido como pejorativo. (Definição da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais, aprovada pelo coletivo de participantes do ENTLAIDS, Rio de Janeiro, 2008; com colaboração adicional do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros; adaptações de ABGLT, 2010; e Caderno, 2017 *apud* Reis; Cazal, 2023).

O correto é sempre se referir a elas como “A” travesti, pois trata-se de uma identidade feminina, relacionada ao gênero com o qual a pessoa se identifica. Tratar travestis no masculino é não apenas incorreto, mas também discriminatório e ofensivo, pois nega a identidade de gênero da pessoa e reforça estigmas que marginalizam ainda mais essa população. A linguagem é uma poderosa fer-

ramenta de respeito e, ao utilizarmos o termo correto, contribuímos para a dignidade e o reconhecimento da identidade de cada indivíduo.

:: Nome Social

O nome social é aquele escolhido por pessoas transgênero (homens trans, mulheres trans, travestis e não binárias) de acordo com o gênero com o qual se identificam, independentemente do nome que consta no registro de nascimento. O nome social já pode ser usado, por exemplo, em atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS), para inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e em cartões de contas bancárias, instrumentos de pagamentos, em canais de relacionamento e em correspondências de instituições financeiras. (Reis, Cazal, 2023).

É importante respeitar o nome social da pessoa, evitando divulgar o nome de registro dela, porque gera desnecessariamente constrangimento e humilhação.

OUTROS TERMOS UTILIZADOS EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE**:: Intersexo**

É um termo guarda-chuva que descreve pessoas que nascem com variações genéticas, fisiológicas ou anatômicas que não podem ser classificadas

como sendo tipicamente masculinos ou femininos (GLAAD, 2016 *apud* Reis; Cazal, 2023). O termo Intersexo vai além dessas variações, também é um conceito de luta por conquista e implantação de direitos (Santos; Martins, 2023 *apud* Reis; Cazal, 2003). Ainda é comum a prescrição de terapia hormonal e a realização de cirurgia, destinadas a adequar aparência e funcionalidade da genitália, muitas vezes antes dos 24 meses de idade. Contudo, algumas pessoas intersexo submetidas a este processo relatam que não se adaptaram e rejeitaram o sexo designado ao nascimento, respaldando uma conduta terapêutica que defende o adiamento da intervenção até que o sujeito possa participar na tomada da decisão (Santos; Araújo, 2004 *apud* Reis; Cazal, 2023). Não se deve utilizar o termo hermafrodita para se referir a uma pessoa intersexo, é um termo desatualizado e depreciativo.

:: **Queer**

Um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja identidade de gênero e/ou orientação sexual não é exclusivamente cisgênera e heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como *queer*, os termos lésbica, gay, bissexual, entre outros, são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade (Reis; Cazal, 2023).

O termo *queer* também é utilizado por alguns para descrever sua identidade e/ou

expressão de gênero. Quando a letra Q aparece ao final da sigla LGBTI+, geralmente significa *queer* e, às vezes, *questioning* (questionamento de gêneros) (GLAAD, 2016 *apud* Reis; Cazal, 2023).

:: **LGBTI+**

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos + outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. A Aliança Nacional LGBTI+ utiliza a sigla LGBTI+, não utilizando o “Q” de Queer, por entender que se trata de uma teoria (ex. Judith Butler) e que as outras letras são identitárias. No entanto, não há uma única sigla correta, pois, a escolha e justificativa podem variar conforme as preferências de cada pessoa ou instituição (Reis; Cazal, 2023).

FENÔMENOS SOCIOCULTURAIS RELATIVOS ÀS PESSOAS LGBTI+

:: **Cisheteronorma ou**

cisheteronormatividade

Pode ser descrita como conjunto de normas sociais definidas, que moldam e regulam o comportamento das pessoas e estabelecem como única possibilidade a cisgeneridade e heterossexualidade. Assim, a cisheteronormatividade é percebida como um sistema de controle social que limita as identidades de gênero e orientações sexuais em nossa sociedade (Rosa, 2020 *apud* Reis; Cazal, 2023).

∴ **LGBTIfobia**

É o medo, aversão ou ódio irracional contra pessoas cuja orientação sexual ou identidade/expressão de gênero difere dos padrões cisheteronormativos, incluindo aquelas apenas percebidas como LGBTI+. Esse fenômeno vai além da violência direta, estando ligado a estruturas sociais hierarquizantes e sexistas. Trata-se de um grave problema social e político, manifestando-se em diversas formas de preconceito, estigma, discriminação e violência contra gays (homofobia), lésbicas (lesbofobia), bissexuais (bifobia) e pessoas trans (transfobia). Diferente de outras fobias, a LGBTIfobia deve ser enfrentada com punição legal e educação, e não com terapia). Além disso, influencia negativamente diversos espaços, como trabalho, escola e serviços de saúde, agravada pela ausência de políticas públicas inclusivas. Também se relaciona com a misoginia, que envolve a discriminação e violência contra mulheres cis e trans. Para enfrentar esse cenário, é essencial a implementação de ações afirmativas e educativas (Reis; Cazal, 2023).

∴ **Bullying**

De acordo com o Art. 1º, § 1º, da Lei nº 13.185/2015, considera-se intimidação sistemática, ou *bullying*, “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre

sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”.

∴ **Binarismo de Gênero**

Ideia errônea ou equivocada de que só existe macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher, sendo considerada limitante para as pessoas não binárias (Caderno, 2017 *apud* Reis; Cazal, 2023).

Referências



*Pesquisa Nacional
sobre o Bullying no
Ambiente Educacional
Brasileiro (2024)*



BRAMOVAY, M.; RUA, M. Violências nas instituições de ensino: versão resumida. Brasília, DF: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/ht76j06>. Acesso em: 21 mar. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. Violência nas instituições de ensino tem aumento de 50% em 2023. Agência Brasil, Brasília, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/violencia-nas-instituicao-de-ensinos-tem-aumento-de-50-em-2023>. Acesso em: 1 abr. 2024.

AMPARO, D. M.; GALVÃO, A. C. T.; ALVES, P. B.; BRASIL, K. T.; KOLLER, S. H. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. Estudos de Psicologia (Natal), v. 13, p. 165-174, 2008.

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Pesquisa sobre violência contra travestis nas instituições de ensino do Rio de Janeiro. 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ABGLT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

AZZI, R.G.; CASANOVA, D. C. G. Sobre Crenças de Autoeficácia: Texto para gestoras e gestores escolares. Porto Alegre: Editora Letra1, 2020.

BATTIN-PEARSON, S.; NEWCOMB, M. D.; ABBOTT, R. D.; HILL, K. G.; CATALANO, R. F.; HAWKINS, J. D. Predictors of early high school dropout: A test of five theories. Journal of Educational Psychology, v. 92, n. 3, p. 568-582, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-0663.92.3.568>. Acesso em: 1 abr. 2025.

BENEVIDES, B. G. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. São Paulo: ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em 25 mar. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://www.bnc.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) nas instituições de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 nov. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 28 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares. Diário Oficial da União, Brasília, 12 jan. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Institui a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União, Brasília, 14 ago. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=5148159>. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º 5.668. Relator: Edson Fachin. Brasília, DF: STF, 2023. Disponível em: < https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirArtigo=3&abrirBase=CF&utm_source=chatgpt.com >. Acesso em: 1 abr. 2025.

BORTOLINI, A. O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas. Cadernos Pagu, n. 45, p. 479-501, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CKRCFSXgymC7mQgKbKn-3gZM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2025.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. Juventudes e sexualidade. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

GRUPO DIGNIDADE. Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do ambiente escolar brasileiro. 2021. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2022/01/2021_GrupoDignidade_VivenciasCriançasTransEducacao.pdf. Acesso em: 28 mar. 2025.

JOMAR, R. T.; FONSECA, V. A. O.; RAMOS, D. O. Effects of sexual orientation-based bullying on feelings of loneliness and sleeping difficulty among Brazilian middle school students. *Jornal de Pediatria*, v. 97, p. 233-241, 2021. DOI: 10.1016/j.jped.2020.03.005.

LIMA, M. N.C.A. ; FAGUNDES, R. A. de A. Educational Data Mining: A Study of the Factors That Cause School Dropout in Higher Education Institutions in Brazil. *RENTE*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2020. DOI: 10.22456/1679-1916.105950. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rente/article/view/105950>. Acesso em: 1 abr. 2025.

PLANO CDE. Juventudes, Educação e Projeto de Vida. 2019. Disponível em: <https://www.planocde.com.br/pt/pesquisa-juventudes-educacao/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

PUSZTAI, G.; FÉNYES, H.; KOVÁCS, K. Factors influencing the chance of dropout or being at risk of dropout in higher education. *Education Sciences*, v. 12, n. 804, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2112876?origin=crossref>. Acesso em: 1 abr. 2025.

REIS, T.; CAZAL, S.(org.). Manual de Empregabilidade e LGBTI+. Curitiba-PR: IBDSEX, 2023.

REDE TRANS BRASIL. Censo Trans: ausência do Estado brasileiro no combate à transfobia. Oportunizar, 2022. Disponível em: <https://oportunizar.redetransbrasil.org.br/dia-do-orgulho-censo-trans-publicado-hoje-pela-rede-trans-brasil-aponta-ausencia-do-estado-brasileiro-no-combate-a-transfobia/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

RUMBERGER, R.; GATAK, R.; RITTER, P.; DORNBUSCH, S. Family influences on Dropout Behavior in One California School. *Sociology of Education*, v. 6, n. 4, p. 283-299, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2112876?origin=crossref>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Partido pede que instituições de ensino de todo o país sejam obrigadas a coibir bullying homofóbico. 22 mar. 2017. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=338927&ori=1>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SILVA, T. da S.; MATOS, C. C. de. Experiências no combate ao abandono e evasão escolar no Brasil. *Revista Científica Multidisciplinar Nova Terra*, v. 1, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://www.novaterraeditora.com.br/tiago-da-silva>. Acesso em: 1 abr. 2025.

TODXS. Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+: Discriminação e Violência. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1BjKOzoNSRzcGR2hlzYBFFddllaSQKM5w/view>. Acesso em: 28 mar. 2025.

